

LUGARES DE MEMÓRIA DO

Guia de Lugares de Memória do Centro de
João Pessoa

Espaço, cidade e memória.

Exploração do objeto de um guia de cidade, permeando as diferentes leituras do centro de João Pessoa através de seus espaços públicos, edifícios e cotidiano, sob a visão de referências na memória coletiva da população acerca de uma localidade.

Por
Poliana Vasconcelos

Orientação
Wylinna Vidal

Trabalho final de graduação apresentado como
requisito para conclusão do curso de Arquitetura
e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba.

João Pessoa
Setembro de 2019

CEN-
TRO
DE
JOÃO
PESSOA

GUIA DE LUGARES E MEMÓRIA

do centro de João Pessoa

Poliana Eva de Medeiros Vasconcelos

Orientada pela Prof. Dra. Wylinna Carlos Lima Vidal

Universidade Federal da Paraíba
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Trabalho de Conclusão de Curso
Setembro de 2019

V33g1 Vasconcelos, Poliana Eva de Medeiros

Guia de Lugares de Memória do Centro de João Pessoa /
Poliana Eva de Medeiros Vasconcelos. – João Pessoa, 2019.

141f. il.:

Orientador: Profa. Dra. Wylinna Carlos Lima Vidal.

Monografia (Curso de Graduação em Arquitetura e
Urbanismo) Campus I - UFPB / Universidade Federal da
Paraíba.

1. Lugar de Memória 2. Memória 3. Centro 4. Guia de
Cidade I. Título.

BS/CT/UFPB

CDU: 2.ed.72(043.2)

À minha avó
Maria Rita, que há
tantos anos atrás, veio
a João Pessoa em busca
de uma vida melhor.

Agradecimentos

À meus pais e irmãs, por todo amor, cuidado e suporte na minha formação, e por proporcionar e incentivar o melhor aos meus estudos.

À Professora Wylinna Vidal, por aceitar me acompanhar no desafio desse trabalho, pelas inúmeras orientações e observações tão pertinentes, e por se fazer exemplo de arquiteta e professora, em todo seu carinho pelo que faz.

À todos os mestres com que tive a honra de aprender ao longo de minha graduação, por todo conhecimento compartilhado e por integrar uma universidade pública, gratuita e de qualidade.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Capes, por todas as bolsas de estudo concedidas e pela contribuição na minha construção acadêmica, em especial a do programa Ciências sem Fronteiras, que me permitiu, durante um ano, ter o privilégio de vivenciar o velho mundo. Minha visão como estudante, profissional e como pessoa é um resultado direto dessa experiência.

Aos tão queridos amigos que o curso trouxe, Bruno, Vanessa, Nilton, Flávia, Matheus, Yasmin, Larissa, Débora, Bruno, Yanna e Rodrigo, por todos os grupos de trabalho, alegrias, angústias e pelo apoio de sempre, se fazendo família em todos os momentos, crescendo e amadurecendo juntos durante todos esses anos.

Aos amigos que, ao longo do último ano, me acompanharam no processo dessa pesquisa, por todas as conversas, ajudas e companhias, Vanessa, Matheus, Marcela, Yasmin, Flávia, Beatriz, Breno e Nilton, suas amizades foram fundamentais nesse processo.

E aos amigos de Budapeste, Aline, Sara, João, Guilherme, Joice, Júlia, Guilherme, Luiz, Juliana e Isadora, com quem tive o prazer de viver tantos momentos num ano tão especial de nossas vidas, e por partilharem comigo um pouco do mundo e do Brasil.

À todos que, de alguma maneira, participaram dessa fase de minha formação, meu muito obrigada.

Resumo

Este trabalho explora relações entre cidade, memória e lugar, através de uma investigação sobre os lugares de memória do centro de João Pessoa, Paraíba, sob a perspectiva de um guia de cidade. A partir de uma observação dos processos de formação da capital, especificamente nos bairros do Centro, Varadouro, Tambiá e Trincheiras, é identificada uma série de espaços que marcaram momentos relevantes nas suas evoluções, ou que foram palcos de atividades e eventos notáveis para a população. Destacando dez camadas temáticas de abordagem da região, os lugares são apresentados segundo contextos de sua história e localização, propondo conjuntos de estudo para esses objetos, do seu passado e presente. Por fim, são produzidos quatro roteiros temáticos de exploração, reunindo lugares-síntese das discussões abordadas, e apresentando seus históricos, características e significados passados e atuais, e suas relações de troca com a cidade.

Palavras-Chave: Lugar de memória. Memória. Centro. Guia de cidade.

Abstract

This work explores relations between city, memory and place, through an investigation of sites of memory of João Pessoa's center, in Paraíba, from the perspective of a city guide. From an observation of the formation processes of the capital, specifically in the neighborhoods of Centro, Varadouro, Tambiá and Trincheiras, it is identified a series of spaces that marked relevant moments in their evolution, or that were stages of notable activities and events for the population. Highlighting ten thematic layers of approach to the region, the places are presented according to contexts of their history and location, proposing sets of study for these objects, their past and present. Finally, four thematic exploration itineraries are produced, gathering synthesis-places of the approached discussions, presenting their histories, characteristics and meanings, their past and present, and their exchange relations with the city.

Keywords: Site of memory. Memory. Center. City guide.

13 INTRODUÇÃO

17 REFLEXÕES

19 sobre o guia de cidade
22 sobre memória e lugar
25 sobre imagem e visualidade

27 CAMADAS

32 espaços de religião
34 espaços de administração
36 espaços de comércio
38 espaços inclinados
41 espaços de trajeto
42 espaços de permanência
44 espaços verticais
46 espaços de circulação
48 espaços de urbanidade
50 espaços de cultura

53 LUGARES

roteiro das atividades
roteiro do traçado
roteiro da modernidade
roteiro da urbanidade

57 CONSIDERAÇÕES

61 BIBLIOGRAFIA

67 LISTAGENS

1 INTRODUÇÃO

Considerando as inúmeras maneiras de se apreender e de viver os complexos centros urbanos atuais, sob perspectivas analíticas, sentimentais ou cotidianas, pode-se perceber nos lugares de memória, vestígios intrigantes da constituição dessas áreas. Eles são formados, além de sua bagagem histórica, dos processos de criação e desenvolvimento da cidade desde o primeiro momento, pela soma das identidades individuais de inúmeras pessoas que ali passaram e ressignificaram o local com suas histórias e ligações afetivas.

A região central da cidade de João Pessoa abriga, desde sua fundação, fortes dinâmicas atreladas aos seus lugares, que até hoje representam referências de vivacidade urbana. Ao se observar esses espaços, quais são, onde se encontram e como eles se relacionam com a população, é possível apresentar um retrato da vida social, do patrimônio e do cotidiano da cidade através das atividades que acomodam.

Os objetivos do presente trabalho propõem um registro ao universo desses lugares, temporal, geográfico e simbólico, das representações da memória coletiva no espaço urbano, como ferramenta de resgate e reconhecimento do meio comum. A criação de uma narrativa da cidade através dos lugares, como instrumentos de investigação das suas múltiplas camadas e de suas múltiplas maneiras de ser lida, catalogando e cartografando esses objetos, fragmentos tão marcantes de sua evolução.

Nos seus 434 anos de existência, a Cidade Real de Nossa Senhora das Neves, Filipeia de Nossa Senhora das Neves, Frederikstad, Parahyba e, até então, João Pessoa, conserva em sua paisagem uma variedade de épocas diferentes, do período colonial de sua criação até seus primeiros momentos de expansão e modernidade no século XX.

Seu núcleo central carrega em si os principais lugares desse processo, e se fez de recorte a esse trabalho naturalmente, por resumir muito bem a formação do caráter urbano da capital, apresentando características, usos, tipologias e configurações diversas. As regiões iniciais da Cidade Alta e Baixa, juntamente com as primeiras ocupações fora desse aglomerado formam hoje os bairros do Centro, Varadouro, Trincheiras e Tambiá, o centro da cidade. Juntos, compõem o universo físico explorado nesse guia.

O instrumento do guia foi escolhido como método não só organizacional, mas como formato conceutivo da proposta de discurso que aqui seria desenvolvido. O conceito de guia de cidade¹ foi explorado nas discussões iniciais, e apropriado na construção de um trabalho com caráter mais informativo que analítico, formando suas argumentações para a compreensão de um modo particular de apresentar o centro.

As novas apreensões sobre os diferentes lugares, narrativas e personagens da região tentam conectar as relações entre o passado, presente e futuro presentes numa paisagem que se faz de agente de produção, enriquecimento e representação da cultura local.

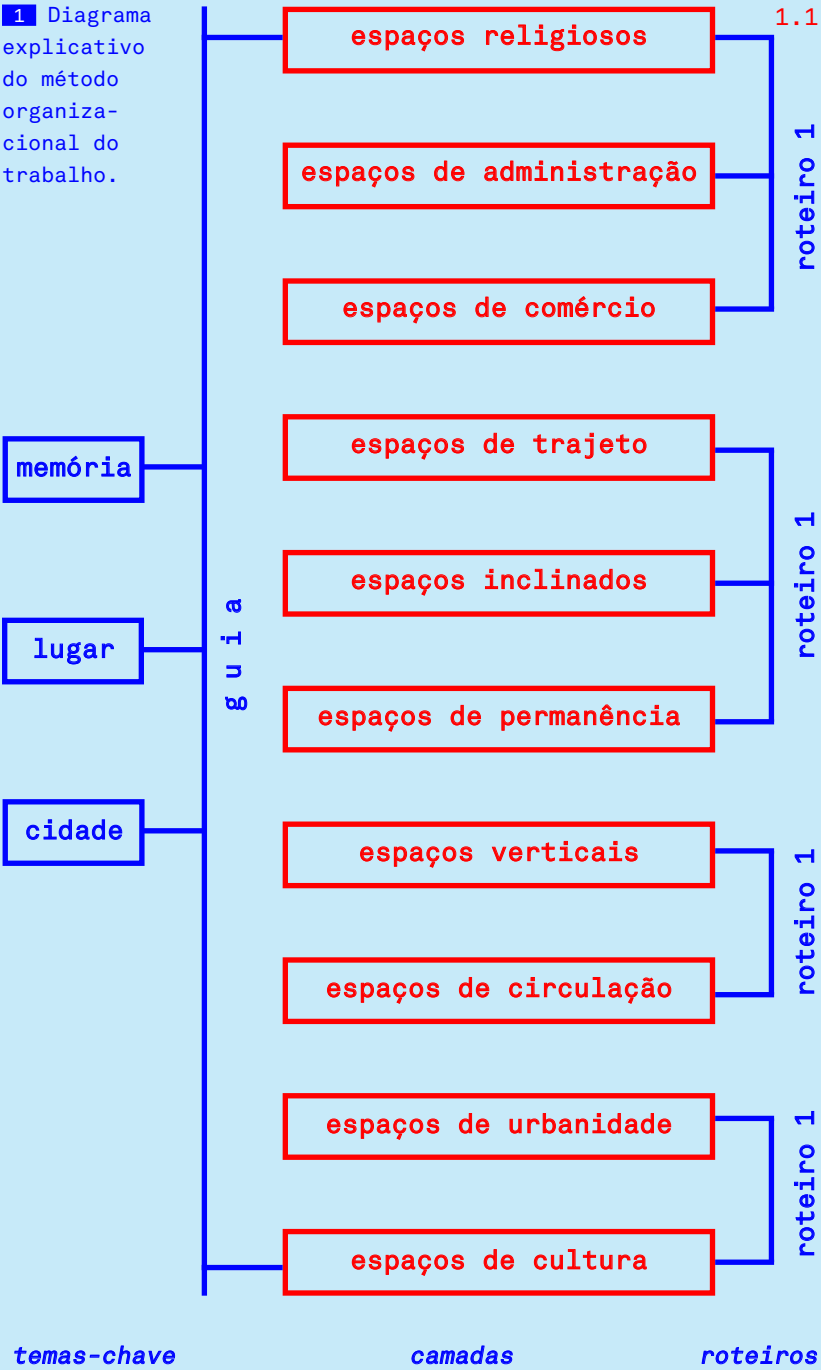
A organização da pesquisa **1** se desenvolveu a partir de uma exploração bibliográfica a respeito dos seus três eixos estruturantes: memória, lugar e cidade. O suporte conceitual e temático do trabalho foi retirado de livros, teses, dissertações e artigos de autores internacionais e nacionais, das áreas de história, sociologia e arquitetura². O universo argumentativo criado conduziu o desenvolvimento das etapas e a construção dos métodos utilizados.

A abordagem realizada ao centro da cidade, por meio de seus lugares, principais objetos de estudo, foi elaborada seguindo critérios a fim de organizar sua visibilidade pelas suas características e contextos definidores. Durante a análise de sua história e dos

1 A exploração do formato de guia partiu de um exercício acadêmico da disciplina de Estágio Supervisionado I, que se debruçou sobre cinco publicações do tipo: Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife, de Gilberto Freyre (1934); Roteiro Sentimental de uma Cidade, de Walfredo Rodriguez (1962); Guia do Recife: Arquitetura e Paisagismo, de Alberto Sousa [et al.] (2004); O Novo Guia de Brasília, de Gabriela Bilá (2014) e o Guia Comum do Centro do Recife, de Bruna Ferrer [org.] (2015).

2 Os principais teóricos consultados na construção das discussões deste trabalho foram: Pierre Nora, John Gillis, Michel de Certeau, Maurice Halbwachs, Ulpiano Meneses, Aleida Assman, Sandra Pesavento, entre outros. Estes serão explorados no Capítulo 2, *Reflexões*.

1 Diagrama explicativo do método organizacional do trabalho.



diversos processos ocorridos durante a construção da cidade, por meio de trabalhos com diversas interpretações e óticas sobre a área³, foram identificados uma série de edifícios, vias e espaços que tiveram papel protagonista na criação e evolução da capital, cada um à sua maneira.

Esse esforço de levantamento e classificação desses objetos produziu dez camadas, que foram organizadas por atividade, tipo ou época dos lugares, em ordem não cronológica ou histórica, mas que marcam momentos ou áreas e seus respectivos processos de ressignificação.

Definidas as classes de estudo⁴, cada camada trata dos lugares como parte de seu contexto, pontuando suas localizações e épocas específicas cronologicamente e demonstrando as constantes transformações das dinâmicas da cidade ao longo dos anos.

As informações levantadas sobre cada lugar não tem como objetivo trazer seu histórico completo, características, usos e funções que este abrigou desde sua criação, mas de sintetizar sua relevância perante àquele tema e a conjuntura que integra.

Como resultado dessa apreensão e objeto final do guia, as camadas originaram quatro roteiros de visita, articulando lugares síntese em percursos temáticos. Acompanhados de fichas de apresentação dos espaços, com informações base sobre sua constituição, configuram

3 Os seguintes livros e trabalhos basearam o estudo do histórico de formação do centro de João Pessoa: Fronteiras, Marcos e Sinais, de Nelci Tinem [et al.] (2005); Imagens da Cidade: patrimonialização, cenários e práticas sociais, de Jovanka Scocuglia (2010); Patrimônio arquitetônico e urbanístico de João Pessoa – um pré-inventário, de Aníbal Moura Neto (1985); Espaços públicos em João Pessoa (1889-1940): formas, usos e nomes, de Maria Cecília Almeida (2006); A força da forma: entre o rio e o mar, o Centro de João Pessoa ainda perto do Sanhauá, de Clovis Dias (2013); Transformações urbanas: a modernização da capital paraibana e o desenho da cidade, 1910 – 1940, de Wylenna Vidal (2004); A cartografia turística de João Pessoa e seus discursos sobre a cidade, de Mônica Maria Teles (2015); A cidade alta como paisagem: Repensando a conservação do Centro Histórico de João Pessoa, de Rafaela Mabel Guedes (2012) e João Pessoa: verticalização, progresso e modernidade. Registro dos prédios altos (1958 – 1975), de Carolina Chaves (2008).

4 As dez camadas de lugares do centro desenvolvidas e seus respectivos contextos são abordadas no Capítulo 3, *Camadas*.

uma ferramenta de apoio à observação da então cidade.

Concluindo o trabalho, como fechamento das discussões, são traçadas algumas considerações críticas sobre o estágio atual do conjunto de lugares estudados, sobre como eles se integram no espaço urbano da atualidade, das transformações, conflitos e tensões que protagonizam e de como preservam e ressignificam seus valores em novos estados, cada vez mais diversificados. Em resumo, a presença do espírito de um lugar de memória.

A construção desse volume não exige uma leitura de capítulos necessariamente ordenada e hierarquizada, já que, por si só, é formado por diversas camadas distintas. Os textos foram elaborados com o suporte de fichas de apoio, que trazem informações extras, diagramas e imagens que colaboram com as discussões levantadas, constituindo uma espécie de hipertexto analógico.

A exploração aqui realizada apresenta uma visão única e particular de um estágio atual do centro de João Pessoa, que em tempo algum estará terminado o suficiente. O produto final se moldou aos limites acadêmicos, físicos e de tamanho do Trabalho de Conclusão de Curso, e configurou uma possível exploração de um tema bastante amplo que não caberia em seu todo neste volume.

Assim como todos os guias de cidade, este nunca será um guia definitivo, visto que todos os lugares estão em constante transformação. Essa que se faz de uma das características mais intrigantes e únicas da vida urbana, suas dinâmicas numa incessante mutação.

2

REFLEXÕES

guia. [Dev. de *guiar*.] **S.f. 1.** Ato ou efeito de guiar. **16.** Pessoa ou profissional que acompanha turistas, viajantes, etc., chamando-lhes a atenção para o caminho por onde seguem e dando informações sobre ele e sobre as obras-de-arte, edificações ou coisas importantes com que vão se deparando. **S.m. 17.** Livro ou publicação de instruções acerca de algum ramo específico ou de qualquer outro assunto. **18.** Publicação destinada a orientar habitantes ou visitantes de determinada região ou cidade, sobre atrações turísticas, estradas, logradouros, horários de transportes, etc.; roteiro.

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira
1999

Sobre o guia de cidade. Por definição, um guia funciona como instrumento que auxilia a compreensão e leitura de determinado conteúdo, de quaisquer natureza que ele seja: teórico, físico ou abstrato. Dos vários significados que o dicionário propõe para a palavra, o primeiro deles expõe o ofício do guia turístico, indivíduo que, ao percorrer um caminho com seus acompanhantes, por sua vez, auxilia a compreensão e leitura do objeto em questão, a cidade.

A materialização dessa tarefa em formato legível se faz em um volume, livro, folheto ou panfleto - uma obra que reúne uma seleção de localidades de determinada região, suas informações e classificações, explicando aquela área para alguém que a desconhece, desde seu histórico, estilo, e valores.

Essa eleição de locais, o principal conteúdo de um guia, deriva de critérios condicionados pelo autor, que seleciona entre o que é consolidado ou “importante”, reconhecido, representativo, e o que, pela sua visão, faz um lugar ser de interesse geral do público pra quem escreve. A relevância do espaço é ali definida pelo processo de escolha. Assim, de modo geral, o material torna-se uma referência da imagem de um local, seus elementos, características e de tudo que o compõe, demonstrando o sentido que cada um carrega na composição do todo. Carrega em si a história, a evolução e transformações do lugar. Sugere como melhor experienciá-lo, sob que aspectos observar, e, em resumo, vivenciar.

Assumindo um papel de documento síntese de uma cidade, a função do guia é de apresentar aos seus leitores conteúdo suficiente a fim de “resumir” aquela região ao longo de suas páginas. São perguntas básicas que permeiam a narrativa do que é a cidade: como surgiu, do que é composta, quem vive e o que acontece ali.

A escolha dessas questões implica no aspecto que sob o qual o guia vai, por fim, observar e registrar o lugar. Este que pode ser apreendido e analisado de inúmeras maneiras, e conseqüentemente, representado de tantas outras formas.

A visão e o objetivo principal daquele manual fica implícito no tipo de material que ele apresenta: afinal, sobre uma única cidade, pode-se elaborar guias turísticos, arquitetônicos, paisagísticos, sentimentais, do cotidiano, dentre muitas outras variações. A paisagem urbana fornece ao observador um mundo de narrativas diferentes que podem ser separadas e selecionadas de acordo com a finalidade em questão.

A proposta de viver a cidade de maneiras novas e distintas, o convite à redescoberta de lugares e momentos que passam despercebidos na vida corrida do cotidiano das pessoas são ferramentas de resgate e reconhecimento do meio comum, de jeitos de viver na cidade, muitas vezes esquecidos num contexto de pressa, rapidez e até medo nos centros urbanos atuais.

A mudança de percepção na contemplação desses espaços busca uma recuperação dos valores ali atribuídos, a diversificação das suas apropriações, e o reconhecimento da população por um patrimônio e memória que fazem parte da sua construção enquanto indivíduos. Quais são os espaços urbanos em que vivem, como eles se configuram e quem são as pessoas que usam, habitam e dão significado a uma região formada por tantos.

Formados ao longo de diversas épocas diferentes, esses lugares reúnem múltiplas camadas de significação características daquele espaço específico ao longo de sua história, que são traduzidas pelos manuais nas classificações dos componentes que formam a cidade: o patrimônio edificado, de tantos estilos e tempos, é só uma delas.

Além do contexto histórico, os guias informam valores típicos, particularidades que configuram cidades únicas e diferenciáveis umas das outras: sua geografia, arquitetura, seus elementos especiais, objetos próprios da sua cultura, tradições, momentos e atividades, tudo que está presente no espaço, visível ou invisivelmente: o caráter daquela localidade.

Além de lugares físicos para se visitar, produtos, horários e informações, frequentes nos manuais turísticos, o guia também pode ser uma ferramenta para se estudar os modos de ver e viver a cidade.

Ao olhar de um observador que nunca esteve na cidade, um turista, por exemplo, oferece uma visão geral, uma apresentação dos elementos que a configuram naquele estágio atual. Aos que ali já vivem, é um convite a um novo olhar, uma postura de flâneur, que vê a paisagem do urbano, sempre em movimento, como objeto de contemplação e redescoberta, diferente para cada visão e repertórios próprios.

De maneira geral, os guias partem de uma tentativa de imortalizar e traduzir o que é a cidade, do instante de sua criação até àquela altura, com tudo que foi “construído” e está presente. Não só rememorar os fatos passados, mas celebrar as evoluções e transformações ocorridas em tudo que existe e está gravado no imaginário da sua população, congelado num registro daquele momento de sua elaboração.

Lugares portanto, mas lugares mistos, híbridos e mutantes, intimamente enlaçados de vida e de morte, de tempo e de eternidade; numa espiral do coletivo e do individual, do prosaico e do sagrado, do imóvel e do móvel. (...) Os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante resgatar de seus significados (...) e suas ramificações.

Pierre Nora
1993

Sobre memória e lugar. Na composição e representação espacial das cidades em suas vivências, elementos como as vias, edifícios, praças, parques e praias assumem a condição única de locais. Esses espaços compõem a estrutura física de uma civilização, e abrigam, por sua vez, pessoas e atividades. O atributo de lugar é definido e conceituado pela existência de ambientes físicos, tais como os citados, aos quais são conferidos determinados valores e significados culturais. Essa designação, como é estabelecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [2015], inclui qualquer demarcação física ou simbólica do espaço, que abrigue ou tenha abrigado atividades que lhe concedam significância sentimental, histórica, ou de pertencimento.

Michel de **Certeau [1994]** afirma que os contornos, paisagens urbanas, referências culturais e imagens de uma cidade só podem ser definidos pelos afetos e relações sociais dos seus moradores com ela. A construção dessa identidade única e exclusiva a cada cidade é feita da relação do seu povo com o espaço físico ao longo de toda sua história.

Os lugares se fazem de manifestações físicas da memória das pessoas no espaço. São os apoios para todas as narrativas, manifestações, atividades e relações que acontecem no meio urbano. Tendo sido eles “palcos” para acontecimentos em tantas linhas do tempo diferentes, hoje representam, em conjunto, dezenas de cidades diferentes em uma só, sobrepostas em uma certa harmonia.

A memória de uma comunidade ou sociedade é descrita por Joel **Candau [2011]**, como o conjunto de representações de memórias compartilhadas. Aleida **Assman [2011]** propõe

que essa se manifesta em três âmbitos, nas tradições, sob diversas perspectivas (cultural, coletiva, individual) e em mídias de tipo distinto (textos, imagens, objetos, lugares).

Sendo o espaço urbano um dos meios que fazem abrigar a memória coletiva de certo grupo de pessoas, esse também se faz um instrumento para preservar e transmitir seu passado. Contudo, como explicaria Maurice Halbwachs [1950] em seu livro “A Memória Coletiva”, essa memória funcionaria como manifestação social da comunidade, e portanto, todas as lembranças só podem ser entendidas quando levado em consideração os contextos sociais em que estão inseridas. As relações afetivas que traçariam os verdadeiros vínculos entre essas recordações.

Os então definidos como Lugares de Memória, pelo historiador francês Pierre Nora [1993], abrangem espaços representativos para gerações, gêneros e grupos distintos, como registro de uma memória viva e presente no cotidiano, como objetos de um ritual, de ideias, atividades ou crenças. Com esses atributos, esses lugares, materiais e imateriais, se fazem de espaços-síntese com a capacidade de recordar uma lembrança, um reconhecimento e pertencimento perante os indivíduos dos grupos envolvidos por eles.

Afinal, “os lugares de memória são, antes de tudo, restos”. Retratos de um mundo ou de uma época existente no passado ou no presente, e que daí tiram seu verdadeiro significado, sendo

frutos das conexões entre as pessoas e o concreto, dos sentidos atribuídos. Dessa forma, os lugares permanecem conectados às práticas do passado, ao mesmo tempo que formam novas atividades e relações no presente, mantendo sua relevância e participação na cidade que segue se modificando, enquanto os mesmos então, se projetam para o futuro, unificando os tempos que o formam.

John Gillis [1994] fala sobre essa relação entre as memórias e identidades de tantos no espaço urbano da cidade, pontuando que:

Nesse difícil e conflituoso período de transição, as sociedades democráticas precisam tornar públicas, mais que privadas, as memórias e identidades de todos os grupos, para que cada um possa conhecer e respeitar as outras versões do passado, entendendo melhor o que nos divide e o que nos une. Em uma era de identidades plurais, vemos em tempos de espaços cívicos, ferramentas essenciais para o processo democrático em que grupos discutem, debatem e negociam juntos o passado, a fim de, através desse processo, definir o futuro.

Os critérios que interferem na eleição desses lugares representativos de uma região extrapolam a relevância histórica e/ou estilística que apresentam, e são muito mais relacionados aos momentos, processos e hábitos que marcaram na construção de sua comunidade.

O lugar ganha sua importância e reconhecimento não só pela sua idade, características formais ou artísticas, materiais e técnicas representadas, mas pelo que, em determinado período de sua trajetória, se passou em sua locação. É uma soma de valores sociais, históricos, estéticos, científicos e arquitetônicos que compõem a complexidade de espaços desse tipo.

Sandra **Pesavento [2005]** completa afirmando que cada lugar, como vestígio de um passado, conserva um conjunto de temporalidades acumuladas, rastros das atividades e dos atores sociais que ali ocuparam.

Porém, apesar da importância de se datar cada uma das camadas históricas desse conjunto, é imprescindível perceber as “temporalidades subjetivas” de cada espaço, conferidas pelas experiências das vidas que abrigou e dos sentidos que o foram atribuídos, qualificando-o como um lugar no tempo, um fragmento na “recriação imaginária de uma cidade”. E, dessa forma:

Reconhecer uma história comum inscrita no espaço da cidade, entender como sua uma memória social, saber ver no traçado das ruas e nos prédios e praças lugares dotados de sentido, endossar um pertencimento, reconhecendo territórios e temporalidades urbanas, (...) dotar cada espaço edificado da cidade do atributo original da palavra monumento: objeto que faz lembrar. (...) toda arquitetura pode ser monumento, na medida em que encerra uma memória, encarna um sentido a ser recuperado.

A paisagem urbana é, para além de outras coisas, algo para ser apreciado, lembrado e contemplado.

Kevin Lynch
1960

Sobre imagem e visualidade. Kevin **Lynch [1960]** explica que as imagens da paisagem urbana são “resultado de um processo bilateral” entre esse observador e o meio que está inserido. O segundo apresenta relações e características distintas, enquanto o primeiro, de acordo com seus objetivos próprios, “seleciona, organiza e dota de sentido aquilo que vê”. O produto da imagem, então, limita e enfatiza o que é visto.

Dessa forma, a imagem de uma realidade específica pode variar significativamente entre diferentes observadores, visto que uma imagem pública é constituída pela sobreposição de diversas imagens individuais.

Essas relações resultam em produtos que, apesar de distintos, não se anulam ou se resumem em maneiras certas ou erradas de representação da narrativa das cidades, se inserindo na discussão da diversidade de percepções e pontos de vista sobre a composição do espaço urbano.

Esse exercício de ver a cidade, como Paulo Cesar **Gomes [2013]** pontua, “significa conferir atenção, notar, perceber, individualizar coisas dentro desse grande campo visual construído pelo olhar”. É pelos conceitos de visibilidade dos lugares, que funcionam como “protocolos que guiam as formas de olhar, as direções do olhar, que determinam o que deve ser visto” ou não. O que é ordinário aos olhos gerais, parte do cotidiano comum, e o que é extraordinário, digno de real observação.

A compreensão e representação do espaço das cidades passa pela observação de diferentes cenas nos espaços públicos, de diferentes lugares de lembrança formados por grupos diversos, que representam a pluralidade e diversidade que os centros urbanos oferecem.

Estes devem, devido ao fato de concentrar, há mais tempo, atividades centrais da urbanidade, grande parte de suas dinâmicas à complexos processos de formação marcados por influências de múltiplos atores. Como expressa Ulpiano **Meneses [1985]**, a

escrita da cidade é feita de desenhos, mapas, praças, ruas, monumentos, imagens. Esse traçado é impregnado pelo visual, e todo o espaço físico é socialmente preenchido por indivíduos, lugares, sentidos, e territorialidades diversas, imagens da cidade. A cidade, em si, é imagem, que pode ser vista, lida e representada de inúmeras maneiras.

Dessa forma, ao se empreender a tarefa da leitura de tais imagens, é percebível a presença da memória e dos significados que as compõem, e de todas as temporalidades que representam, se modificando e se reinventando pelas experiências e vivências que abriga, como explica Déa **Fenelon [1999]**. A cidade que é lida é feita de escritas da memória sobre o espaço.

3 COMMANDS

(...) Nas cidades existem determinados lugares cuja compreensão transcende os seus limites pela capacidade de iluminar o todo. São lugares que apresentam uma força de representação simbólica capaz de despertar ilhas de afetividade em seus habitantes e de expressar com particular clareza as relações com o todo, assumindo a condição de espaços-síntese.

Sandra Mara Ortigosa

2009

Os centros urbanos, por, em sua maioria, representar em si as histórias de formação e transformação das cidades, em uma área popular e carregada de atrativos, carregam uma carga de relevância diferenciada de outras regiões, atestadas e reconhecidas pelas suas populações. Eles “são compostos por nuances que definem sua construção ao longo do tempo, fruto ainda de diferentes interesses e contextos. A memória coletiva foi inscrita como identidade social nas paisagens urbanas (...)”, como Ana Vilela [2010] pontua.

Para Beatriz Sarlo [2000], de maneira geral, o centro se constrói como “um lugar geográfico preciso, marcado por monumentos, cruzamentos de certas ruas e avenidas, teatros, cinemas, restaurantes, confeitarias, ruas de pedestres (...)”. Elementos comuns na vida cotidiana das pessoas, alguns de efeito obrigatório, outros nem tanto, mas todos numa reunião do que seria o jeito de viver em cidade.

De maneira que, como Marc Augé [2008] explicita, os lugares acabam compostos pelos cruzamentos de itinerários, os centros estabelecidos geograficamente, instituídos pelo homem como palcos da vida social – civil, comercial, religiosa, por permitirem o convívio, as associações e as trocas. Configura além da mera localização espacial, portanto, funciona como o ponto onde o vínculo entre o individual e o coletivo se estabelece.

Essa memória coletiva que se estabelece nos centros se materializa nas suas ruas, edifícios, espaços, tudo que compõe seu patrimônio, tendo este como reflexo dos valores dos seus povos. Henri-Pierre Jeudy [2000] expressa que ele representa um esforço e um “desejo de valorizar as memórias coletivas das sociedades como um movimento de consagração de todos os signos culturais”. Os diversos componentes dessa bagagem cultural da cidade representam, um a um, partes de momentos distintos na construção do centro.

João Pessoa, sendo a terceira aglomeração urbana do Brasil colonial a ser denominada de cidade, a de Nossa Senhora das Neves, “cidade de nascença”, foi fundada em 1585 às margens do Rio Sanhauá, e já apresentava em seu traçado uma significativa regularidade, esse que até hoje resiste e permanece em seu centro.

Juntamente, uma série de edificações se destacam e marcam a arquitetura dos séculos XVII ao XX, “permitindo leituras da história e da evolução da cidade” como registra Jovanka Scocuglia [2010], demonstrando as transformações e práticas associadas a esses marcos. A região do centro resumiu a própria cidade desde sua criação e pelos quase quatro séculos seguintes, sendo a área, tudo existente da cidade até a metade do século XX, e por isso, guarda intrinsecamente na sua estrutura o retrato da construção da identidade parahybana, sua vida urbana e social pulsante no coração da cidade, de forma que:

Pode-se até mesmo dizer que nas décadas de 1960 e 1970 ainda existia no centro da cidade de João Pessoa um tipo de sociabilidade semelhante ao de qualquer bairro da cidade. Mesmo as estigmatizadas atividades noturnas de prostituição e boemia conseguiam conviver com as atividades administrativas, serviços, comércio varejista, moradia e missas que eram realizadas. Scocuglia [2010]

Dentro dessa região que hoje se entende como centro, a ocupação urbana se desenvolveu em períodos e processos que se fazem espacialmente identificáveis. Inicialmente, a formação das primeiras ruas e construções se limitou nas áreas da Cidade Alta e Cidade Baixa [4], no declive entre os dois níveis e na direção da Lagoa dos Irerês [5], dentro dos limites atuais dos bairros do Centro e Varadouro. Os primeiros eixos de expansão fora do conjunto inicial, para o norte e para o sul, deram origem aos bairros de Tambiá e Trincheiras, respectivamente, que completam o núcleo mais antigo da cidade, que, até os anos 30, estabeleciam toda a capital, juntamente com o bairro do Róger e Jaguaribe [7].

A escolha da delimitação da área de estudo da pesquisa é então baseada de forma não geográfica, mas sim pela relevância dessas áreas e dos espaços que ali estão contidos, que, tem sua maioria concentrados nos bairros do Varadouro, Centro, Trincheiras e Tambiá, portanto, o recorte de estudo.

Dessa forma, as divisas geopolíticas atuais [3] são mantidas muito mais com o intuito de situar os lugares apresentados no contexto atual da região, do que com o objetivo de limitar o conjunto. Assim, as camadas aqui construídas não se limitam a tratar do território então considerado como “centro histórico”, definido pelas instituições patrimoniais [6 e 7], mas do aglomerado de espaços que formam a área mais antiga da cidade.

A construção das dez camadas de lugares tentou acompanhar os processos de evolução da estrutura e das atividades desses bairros, uma organização de leitura da cidade. Esta poderia ser explicada historicamente, geograficamente, ou anacronicamente, mas aqui foi estudada sob a perspectiva desses espaços.

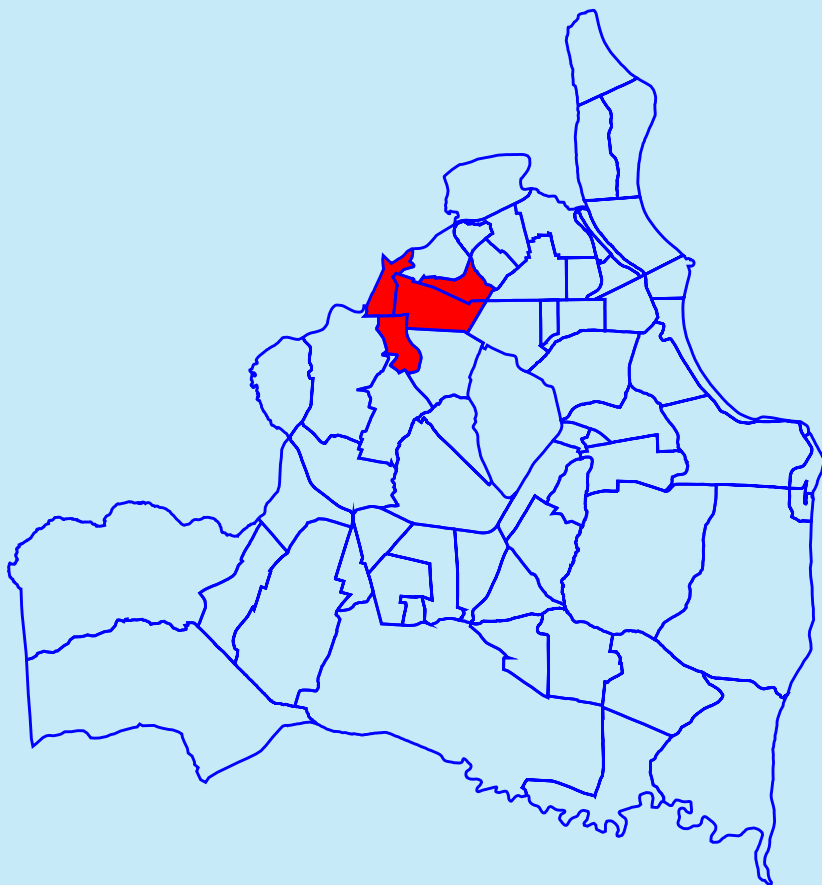
Um conjunto de 112 lugares, construídos em épocas antigas e atuais, originais, reformados, modificados e demolidos, foi explorado segundo as classificações de religião, administração, comércio, ruas, praças, ladeiras, verticalização, circulação, urbanidade e cultura.

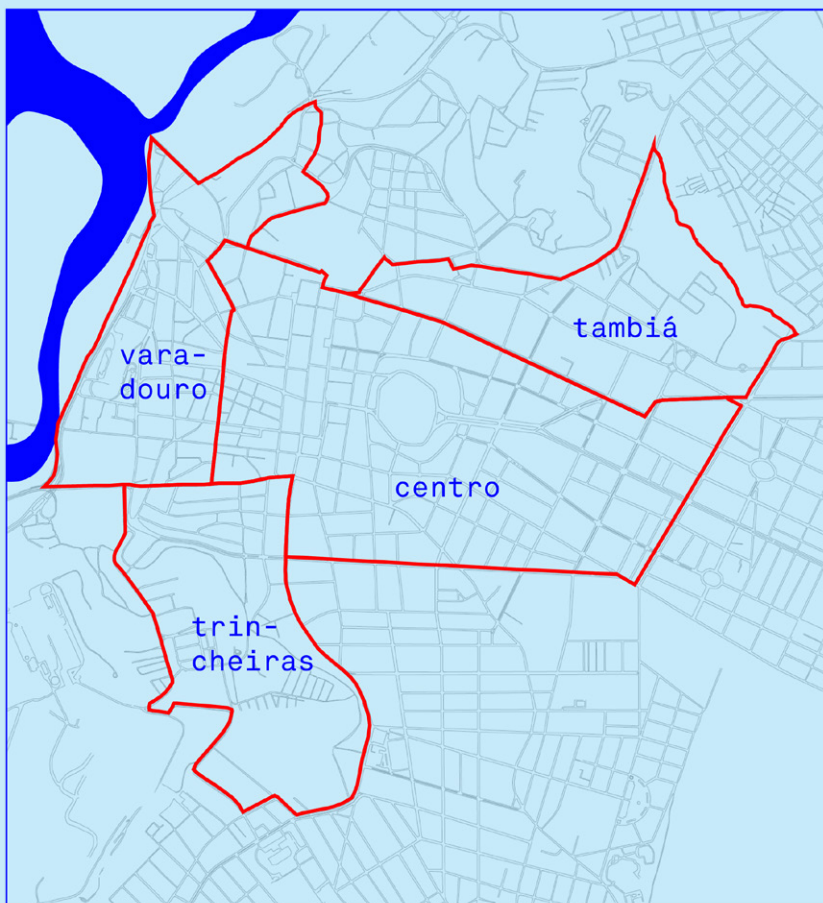
Cada lugar, dentro de seus infinitos significados e interpretações, poderiam ser atribuídos a várias das camadas apresentadas sob diferentes óticas, como alguns inclusive foram. As escolhas de catalogação não os definem por completo, apenas apresentam uma narrativa específica. Muitos não se encaixam completamente nas cronologias propostas, ou formam um conjunto coeso, mas cada um deles fornece valores e informações essenciais para o contexto em que foi inserido.

Dentro de cada relato, os espaços são apresentados, de maneira geral, cronologicamente, demonstrando as evoluções e transformações do conjunto. Os textos são acompanhados de fichas de apoio, com imagens históricas, mapas de localização e um quadro de imagens atuais de todos os lugares citados.

2 Localização dos
quatro bairros que
compõem a região do
centro: Varadouro,
Centro, Trincadeiras
e Tambiá.

3.1



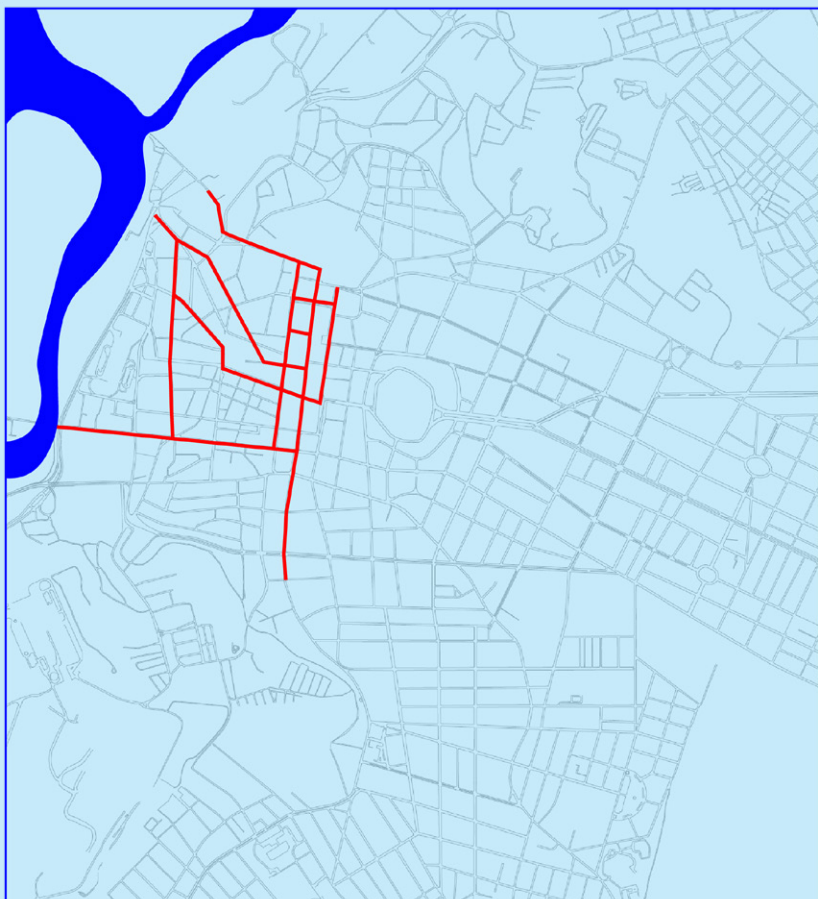


4 Evolução da malha urbana da cidade ao longo dos séculos.

3.3

Fonte: Vidal [2004]

1654

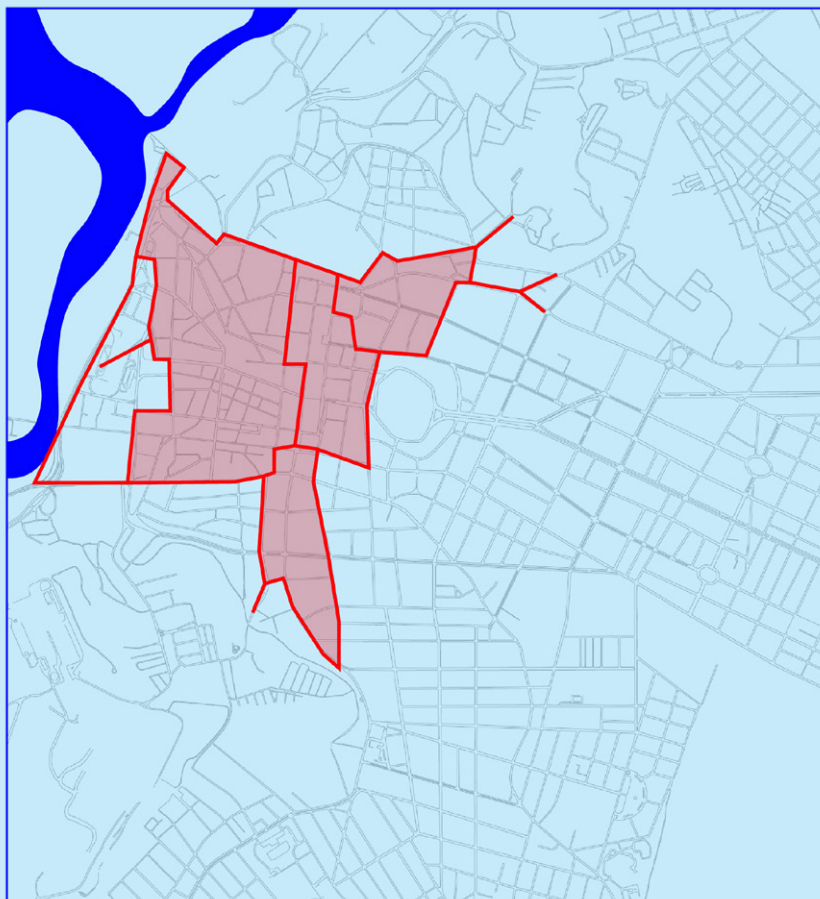


5 Evolução da malha urbana da cidade ao longo dos séculos.

3.4

Fonte: Vidal [2004]

1889



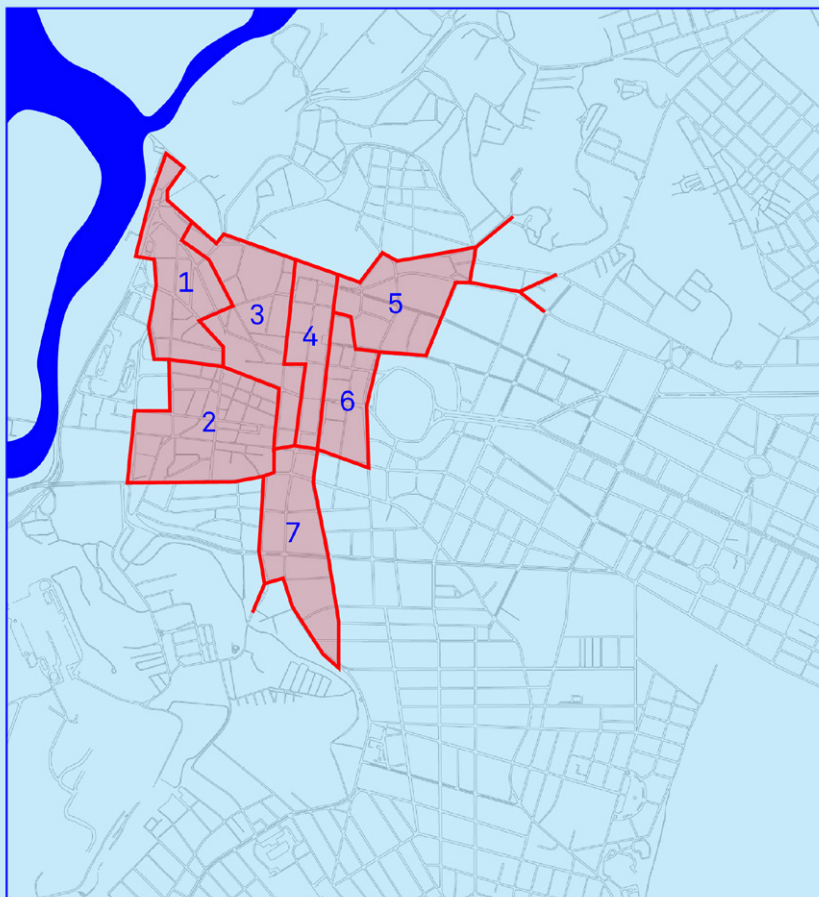
6 Zoneamento das áreas existentes na cidade em 1889.

3.5

Fonte: Tinem [2005]

- | | |
|----------------------------------|------------------------|
| 1 - Cidade Baixa consolidada | 5 - Tambiá |
| 2 - Cidade Baixa não-consolidada | 6 - Declive para Lagoa |
| 3 - Declive Cidade Baixa/Alta | 7 - Trincheiras |
| 4 - Cidade Alta | |

1889

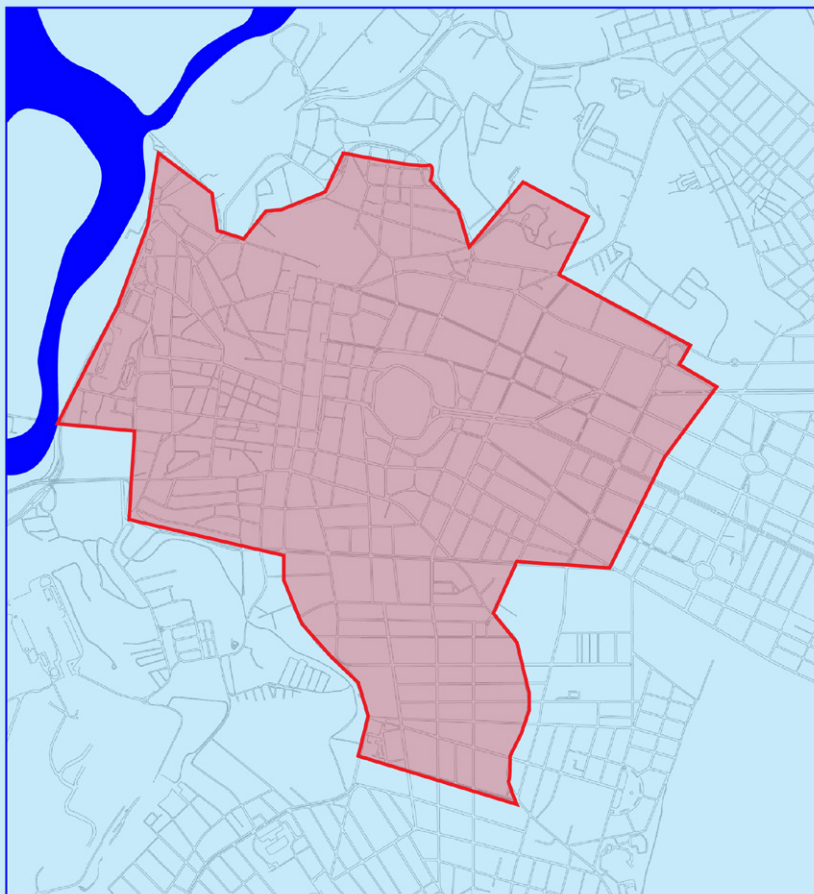


7 Evolução da malha urbana da cidade ao longo dos séculos.

3.6

Fonte: Vidal [2004]

1923



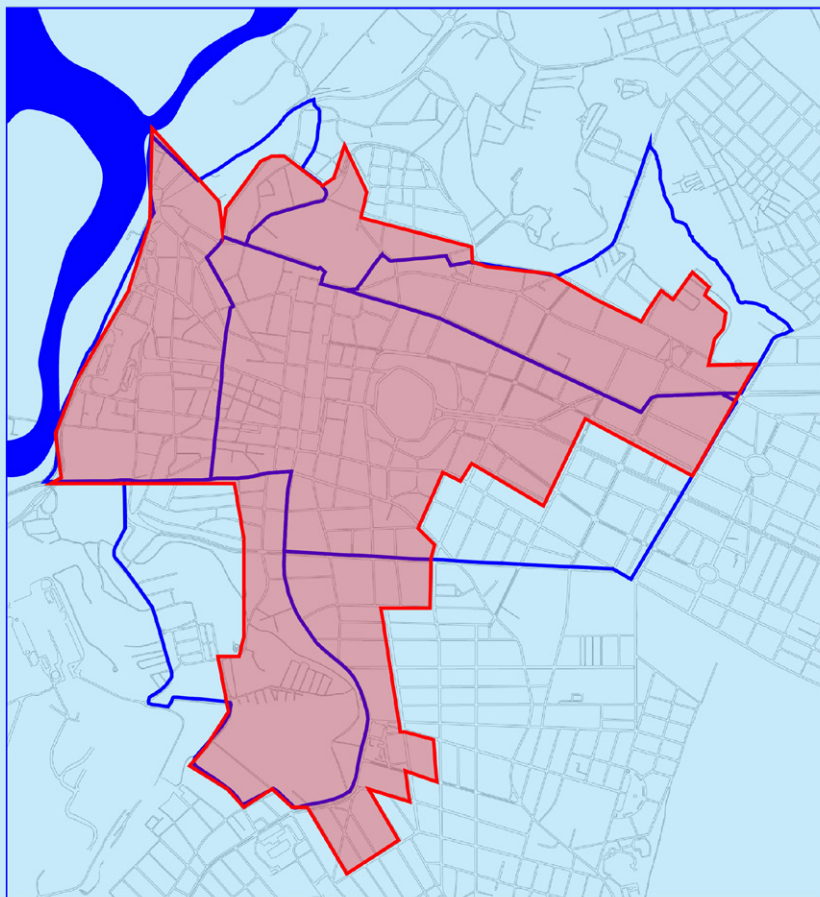
8 Evolução da malha urbana da cidade ao longo dos séculos.

3.7

Fonte: Vidal [2004]

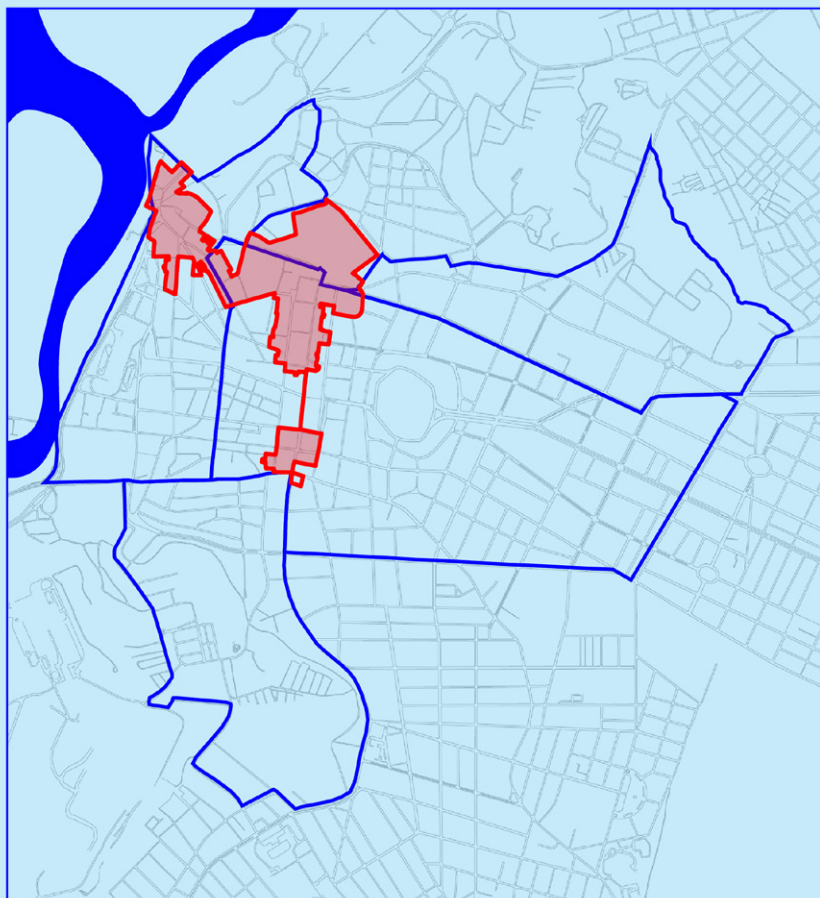
1930





10 Atual poligonal de delimitação de Centro Histórico pelo IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

3.9



Espaços de religião

No Brasil colonial, as edificações religiosas configuravam as primeiras construções estabelecidas no processo de povoamento das localidades, representando um poder conjunto ao Estado que controlava todos os aspectos da vida urbana (ALMEIDA, 2006).

A instituição da Igreja exercia influências não só no “imaginário religioso cristão” da população, mas diretamente no processo de ocupação do território, sua formatação e regulação. As áreas demarcadas pelos seus edifícios representavam o poder e a importância daqueles espaços, cuidadosamente posicionados na parte mais alta da cidade (TELES, 2015).

Constituindo os elementos de maior destaque no espaço urbano, pela arquitetura, dimensões e localização, o simbolismo carregado pelas igrejas evidenciava o papel da religião na vida social, política e institucional da colônia (ALMEIDA, 2006).

Localizadas diante de pátios e largos que as atribuem posição privilegiada nas perspectivas das vias, as igrejas e conventos nasciam com a intenção da monumentalidade.

A cidade de Nossa Senhora das Neves, durante seus primeiros séculos de existência, atribui grande parte da sua ordenação espacial à edificação de suas primeiras igrejas.

As linhas eclesiásticas que regiam o posicionamento dos prédios de ordens religiosas formam uma cruz quando vista de cima, ligando, de norte a sul, o Convento e **Igreja de São Francisco**, a **Igreja da Misericórdia** e o conjunto e Igreja dos Jesuítas, e de leste a oeste, a **Igreja do Carmo** e **Igreja de Santa Tereza de Jesus**, a **Igreja de Nossa Senhora das Neves** e a **Igreja de São Bento** (TELES, 2012), ordenadas nas três principais ruas da Cidade Alta, a Rua Nova (atual Rua General Osório), a Rua Direita (atual Rua Duque de Caxias) e a Rua da Cadeia (atual Rua Visconde de Pelotas).

Além do potencial regulador de vias, o conjunto inicial de igrejas ainda foi responsável pelos primeiros largos e áreas de permanência da cidade.

Com processos de edificação bastante semelhantes, essas igrejas surgiram de intenções de diversas ordens religiosas – franciscana, beneditina, jesuítica, carmelita – e de ordens políticas, pela Santa Casa de Misericórdia e, no caso da Igreja Matriz de Nossa Senhora das Neves, pelo Ouvidor-Geral da fundação da colônia.

Os seis primeiros templos da Cidade Alta são iniciados ainda nos séculos XVI e XVII, e sofrem alterações e reconstruções que remetem aos tempos após o período de ocupação holandesa na cidade (1634 - 1654), devido ao intenso nível de degradação deixado pelos batavos (MOURA NETO, 1985).

Após a expulsão holandesa, diversas igrejas ainda são edificadas na capital. No eixo sul da cidade, na Rua das Trincheiras, a **Igreja de Nossa Senhora de Lourdes**, antiga Igreja do Bom Jesus, é construída no século XVIII como sede da Irmandade do Senhor Jesus do Bonfim.

Na Cidade Baixa, marcando o alto do largo de mesmo nome, a **Igreja de São Frei Pedro Gonçalves**, é edificada no século XIX, financiada pela população e pela ordem franciscana, juntamente com as instalações de seu convento anexo. O conjunto integra as únicas edificações eclesiásticas do Varadouro, numa área até então predominantemente comercial e residencial.

Até o início do século XX, quatro outras igrejas completavam esse grupo de instituições religiosas da cidade,

que, por sua vez acabaram sendo demolidas em função de novas obras públicas de remodelação da área central.

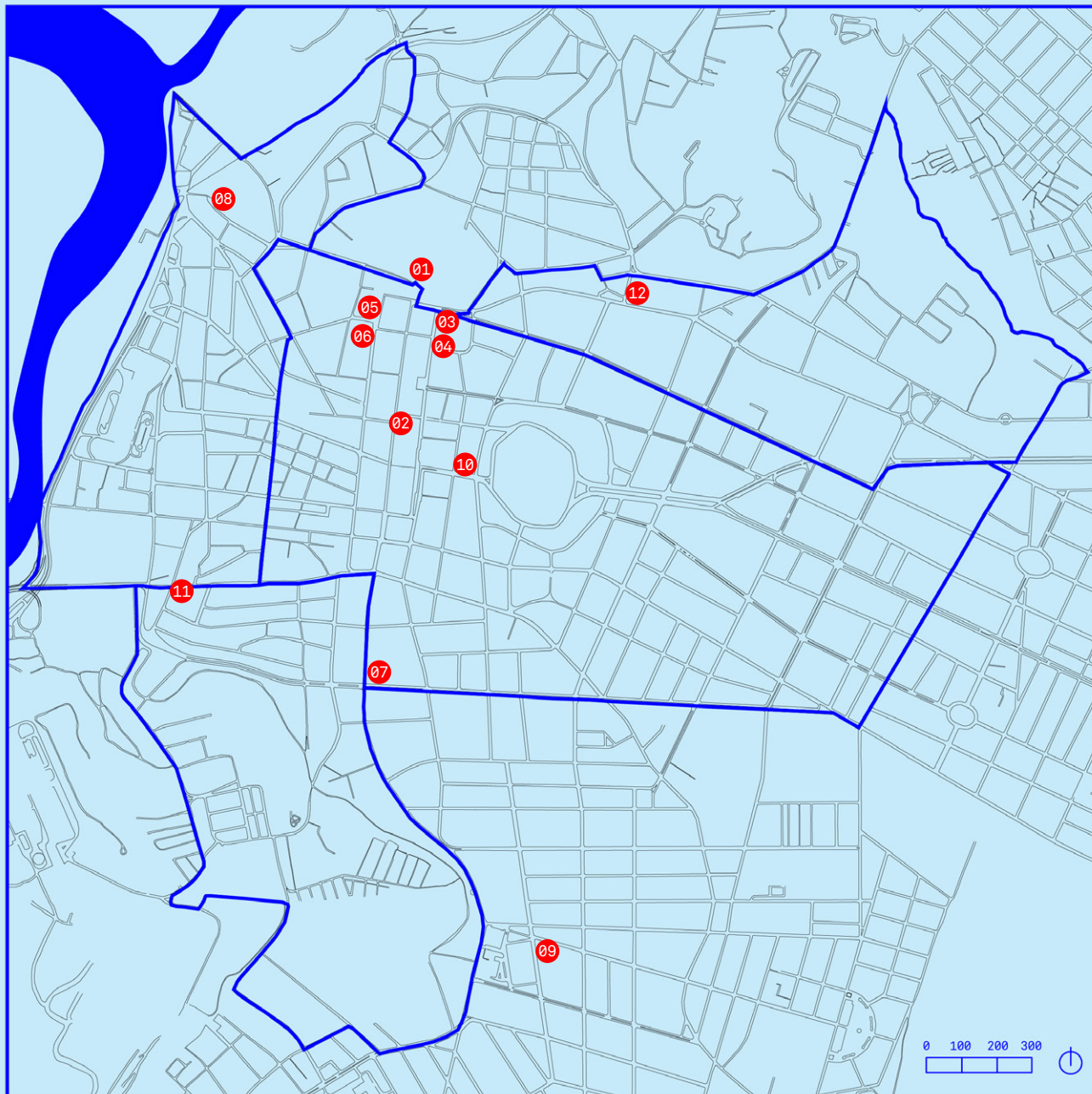
Na Cidade Alta, a **Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos** é derrubada para construção da Praça Vidal de Negreiros, em 1924, a **Igreja das Mercês**, para a readequação viária da Praça 1817, em 1940, e a **Igreja de Nossa Senhora da Conceição** (Igreja Jesuíta), para criação do jardim lateral do Palácio da Redenção (antigo Conjunto Jesuíta), em 1929.

Já em Tambiá, a primeira igreja da expansão leste, a **Igreja da Mãe dos Homens**, em 1924, para a execução da Praça Coronel Antônio Pessoa. Todos os templos foram posteriormente reconstruídos em outras áreas do centro, em novos formatos adequados à modernidade da época.



11 As antigas igrejas demolidas no centro. N. S. da Conceição (I); Das Mercês (II); N. S. do Rosário dos Pretos (III); Da Mãe dos Homens (IV).

12 Mapa de localização dos espaços de religião.



01 Igreja de São Francisco 02 Igreja de N.S. da Misericórdia 03 Igreja de N.S. do Carmo 04 Igreja de Santa Tereza de Jesus 05 Igreja de N.S. das Neves 06 Igreja de São Bento 07 Igreja de N.S. de Lourdes 08 Igreja de S.F.P. Gonçalves 09 Igreja de N.S. do Rosário dos Pretos 10 Igreja de N.S. das Mercês 11 Igreja de N.S. da Conceição 12 Igreja de N.S. Mãe dos Homens



01

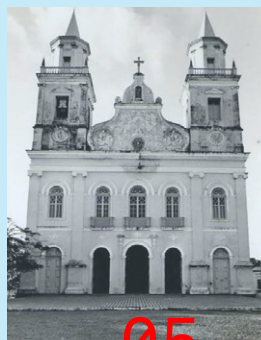


02



03

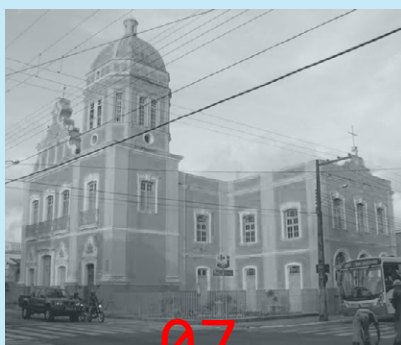
04



05



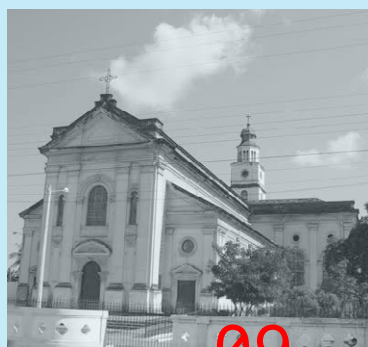
06



07



08



09

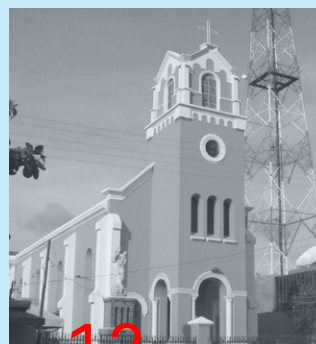


10



11

13 Quadro atual
dos espaços de
religião.



12

Espaços de administração

Desde sua fundação, o desenvolvimento do traçado da cidade é estreitamente relacionado aos interesses da Coroa Portuguesa, ao longo das vias e das construções iniciais. Como função essencial na organização da colônia, os edifícios administrativos nascem a fim de sanar demandas diversas na estruturação e consolidação do núcleo urbano, muito associadas aos espaços em que se encontram.

Por períodos distintos da história, esses elementos funcionam como símbolos das narrativas de política e poder apresentadas pelas parcelas no comando.

Além da Igreja, o Estado monárquico possuía interesses muito claros na organização e no controle das dinâmicas da cidade, baseando-se na centralização do poder absolutista da Coroa. A ocupação da região estabelecida como cidade de Nossa Senhora das Neves foi guiada por necessidades de defesa e controle, que se materializaram na divisão entre Cidade Alta e Cidade Baixa, ou Varadouro.

As duas áreas se distinguiam uma da outra não só pela topografia e pelas particularidades geográficas de seus terrenos, mas pelas atividades e funções econômicas, políticas e sociais que lhes foram atribuídas (TELES, 2015).

Na parte mais alta da cidade, são erguidos os edifícios religiosos, admi-

nistrativos, e residências mais abastadas, a fim de impor visualmente e simbolicamente o poder do Rei e da Igreja sobre o resto da colônia. A disposição espacial de tais construções no espaço urbano reafirmava o posicionamento de imponência e controle das duas instituições.

Ao longo de suas primeiras vias, os primeiros edifícios ligados à administração colonial foram se estabelecendo, principalmente no entorno do Largo do Erário, em que se instalou a **Casa de Câmara e Cadeia** (posterior Paço Municipal), a **Casa dos Contos**, a **Casa da Companhia de Comércio** e o **Açougue Municipal**, e onde também se firmou o Pelourinho da cidade.

Também na Rua Direita, o **Palácio do Governo** passa a ocupar um dos edifícios do conjunto Jesuíta, após este perder suas atividades eclesiásticas para abrigar funções da colônia.

Durante os três primeiros séculos de fundação da então cidade da Parahyba, a ocupação e desenvolvimento da malha urbana se restringiram aos seus limites originais, das margens do Rio Sanhauá até as fronteiras da Cidade Alta, e na região entre esses dois níveis (TELES, 2015).

A pouca evolução na construção de novos edifícios e no desenvolvimento urbano foi reflexo da inércia socioeconômica que se instaurou na região até meados do século XIX, quando a nova situação econômica da capitania passa

a financiar transformações no modo de vida da população e do meio urbano.

Novas sedes de órgãos públicos surgem, integrando e enriquecendo a arquitetura de destaque das fachadas das vias reformuladas e praças modernizadas. O entorno destas vai abrigar a maioria desses suntuosos edifícios, como o Quartel de Polícia, Cadeia Pública, Assembléia Legislativa, o Comando da Polícia (antigo Tesouro Provincial) e Correios e Telégrafos. A maioria desses prédios vem a ser reformados diversas vezes, em função de mudanças de uso e de estilo, ao longo de diferentes administrações (ALMEIDA, 2006).

A consolidação da área como pólo administrativo manteve o caráter da Cidade Alta ao longo das décadas, que, mesmo com as posteriores transformações de costumes e de usos, ainda imprime muito de seu papel original de centro de negócios da capital, reunindo instituições públicas e privadas, de prestação de serviços e de representação de poder.

14 A antiga Casa de Câmara e Cadeia, com o Açougue à direita (I); Antiga Casa dos Contos, então Delegacia Fiscal (II); Palácio do Governo (III).

3.13

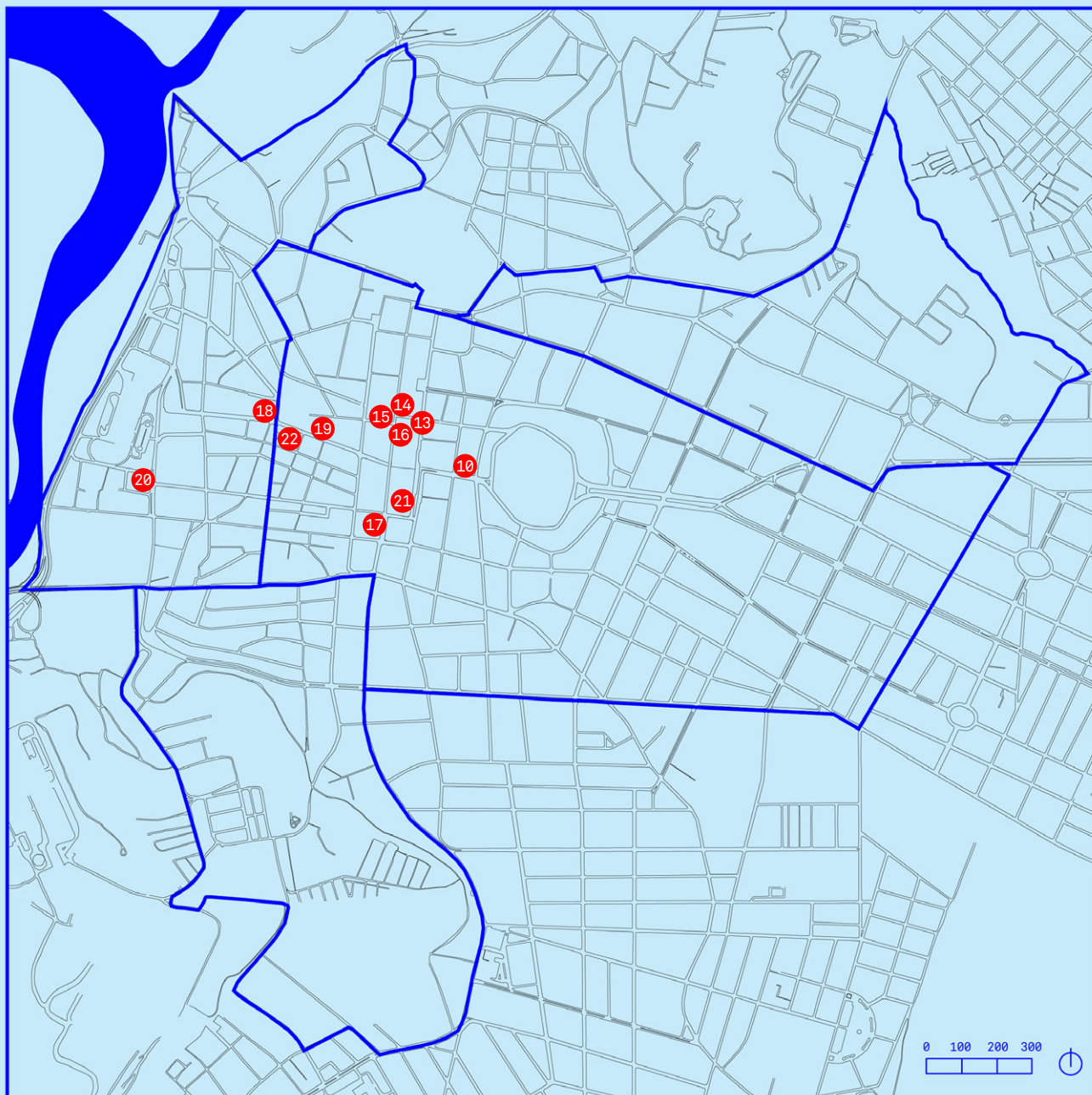




15 Anti-
go Quartel
de Polícia
(I); Coman-
do da Polí-
cia enquanto
Palácio das
Secretarias
(II); Edifi-
cio dos Cor-
reios (III).



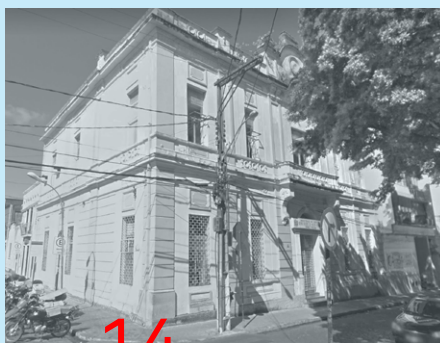
16 Mapa de localização dos espaços de administração.



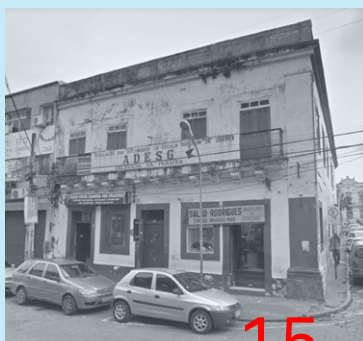
13 Casa de Câmara e Cadeia 14 Casa dos Contos 15 Casa da Companhia de Comércio 16 Açougue Municipal 17 Palácio do Governo 18 Quartel da Polícia 19 Comando da Polícia 20 Cadeia Pública 21 Assembleia Legislativa 22 Correios e Telégrafos



13



14



15



16



17



18

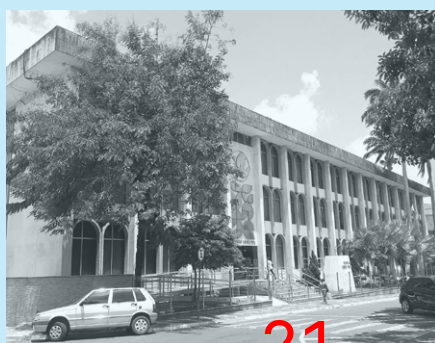


19



20

17 Quadro atual
dos espaços de
administração.



21



22

Espaços de comércio

Completando as funções que definiram o caráter urbano da formação da Cidade de Nossa Senhora das Neves, a atividade comercial nasce no entorno instalações do Porto do Varadouro, às margens do Rio Sanhauá, delimitando a Cidade Baixa como área econômica da capital.

Geograficamente, estaria sempre sob a vigilância constante dos dois principais atores na ordenação da Cidade Alta, os representantes de Deus e do Rei, pelas igrejas e pelos edifícios da Coroa. O **Varadouro Mercantil** recebeu as primeiras instalações de suporte ao porto, o prédio da **Alfândega**, armazéns, e todas as operações de comércio dos seus primeiros séculos de origem.

A chegada da linha férrea, em 1883, acompanhada da Estação Ferroviária, consolidou ainda mais a região, atraindo estabelecimentos fabris e atividades cada vez mais urbanas à cidade ainda tão rural do final do século XIX (DIAS, 2013).

A partir das últimas décadas do século XIX e início do século XX, outra área do Varadouro, também ligada às atividades de importação do porto, passa a receber movimentos comerciais direcionados a elite local, com a venda de artigos de luxo e serviços especializados. A Rua Maciel Pinheiro, como era então chamada, receberia a alcunha de **Rua do Comércio**, e se estabeleceria como centro da vida econômica e

“cérebro financeiro” da capital (TINEM, 2005), abrigando os principais estabelecimentos de diversos gêneros. Devido à sua posição privilegiada, próxima ao porto e à estação, era um dos lugares mais prestigiados pela população da cidade e do estado, além de conectar praticamente toda a Cidade Baixa.

Os movimentos de expansão dos limites originais da capital que permeiam o século XX transformam as dinâmicas que tomaram forma durante os primeiros quatrocentos anos de cidade. Lentamente, a malha urbana se expande em novas regiões direcionadas à leste, incentivadas por obras pontuais que atraíam a ocupação nos seus arredores.

A urbanização da Lagoa dos Irerês desencadeia um conjunto de intervenções que demarcaria a centralidade e importância da área. É nesse contexto que, na década de 1940, é construído o **Mercado Central** da cidade, espaço que redirecionaria suas atividades comerciais de alimentos, produtos manufaturados e industrializados. Um complexo de edificações construídas a fim de colaborar com a então modernização dos mais novos espaços da cidade (COUTINHO; VIDAL, 2007), e que indicaram também os novos rumos socioeconômicos.

Com a consolidação da região do Parque Sólon de Lucena como centro de circulação e distribuição da área existente e das áreas novas da cidade, grande parte das atividades que tomavam forma na Cidade Alta e Baixa passam gradativamente a se deslocar em direção ao

leste. Os usos tradicionais de ambas as regiões começam a se transformar, e pouco a pouco perdem os níveis de integração do passado (SILVA, 2016), enquanto o novo centro assume as principais funções da capital.

A **Lagoa**, como a região fica conhecida, assume o papel de núcleo absoluto do comércio de roupas, calçados, móveis e utensílios em geral, atraindo serviços e instalações para as ruas de seu entorno.

O centro antigo perde gradativamente a maior parte de suas habitações restringindo-se essencialmente a função comercial e de serviços, caráter que mantém até os dias atuais.

Devido a intensa demanda comercial, a região atraiu grandes redes varejistas e dois shoppings, o **Shopping Cidade** e o **Shopping Tambiá**, em Tambiá, que reforçam os altos fluxos de movimento e representam grandes atratores, mesmo num meio tão diversamente equipado de serviços.

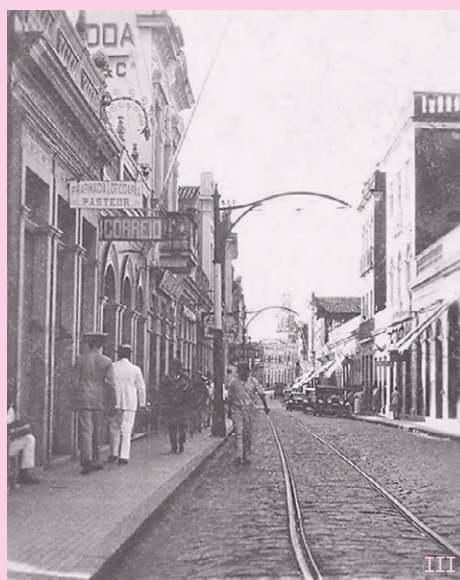
Em decorrência da intensa movimentação e presença de consumidores nas áreas da Cidade Alta até o entorno da Lagoa, são as regiões que mais concentram a presença de vendedores ambulantes na capital, ocupando grande parte das suas vias e calçadas.

Ao longo das últimas décadas, as gestões da administração pública se empenham na remoção dos comerciantes em diversos trechos, motivando a criação

dos chamados shoppings populares, a fim de reunir e concentrar a venda de produtos importados, eletrônicos e miudezas. O **Shopping Terceirão**, na Cidade Alta, o **Shopping Quatro 400**, no declive para a Cidade Baixa, e o mais recente, o **Centro Comercial de Passagem**, tangenciando o Parque Sólon de Lucena. Solucionando o “problema” de maneira pouco eficaz, esses centros passaram a ser atratores relevantes no comércio da região.



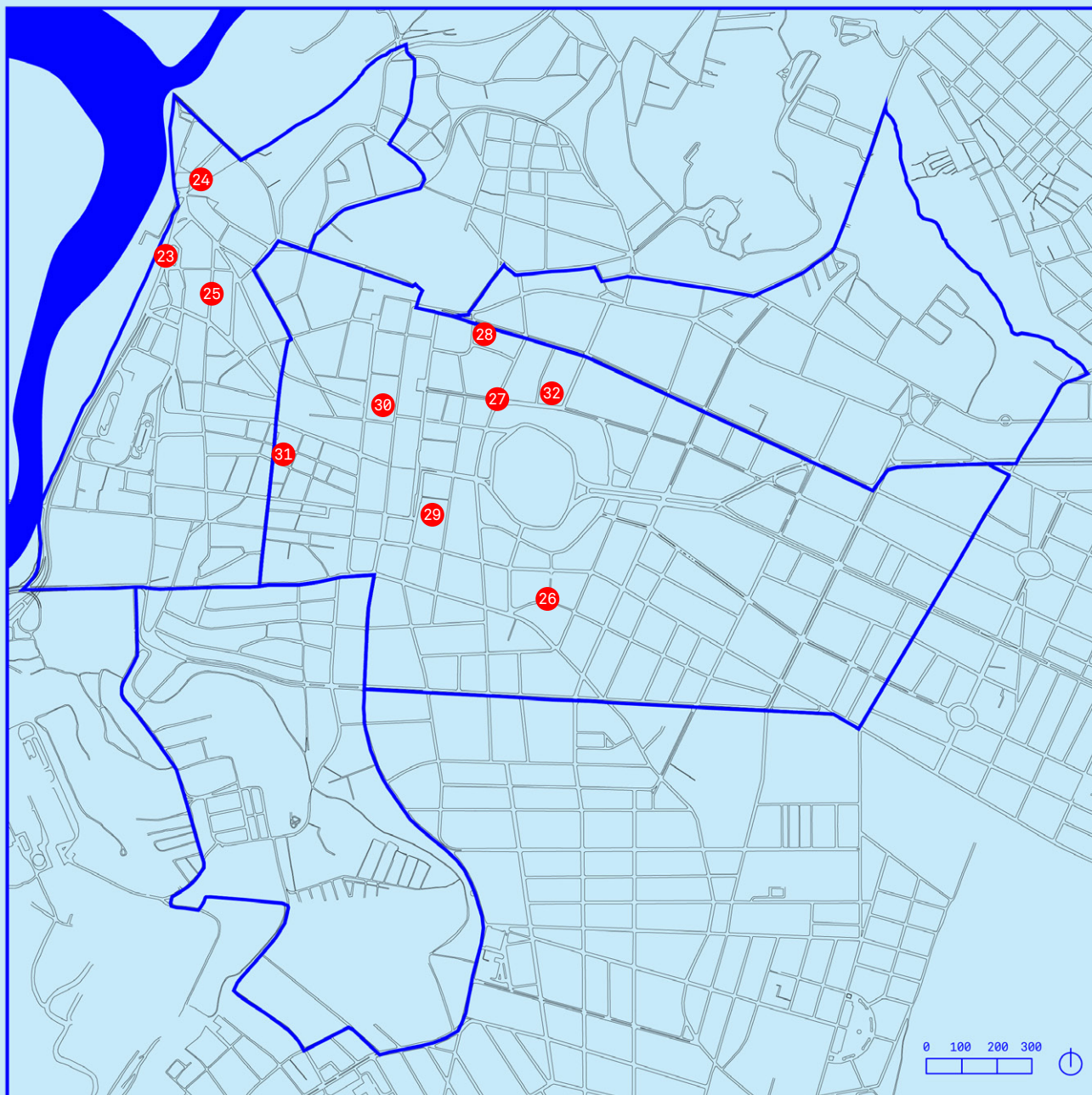
18 A Cidade Baixa do comércio. Antigo edifício da Alfândega (I); Região do porto e do Varadouro Mercantil (II); A Rua do Comércio (III).





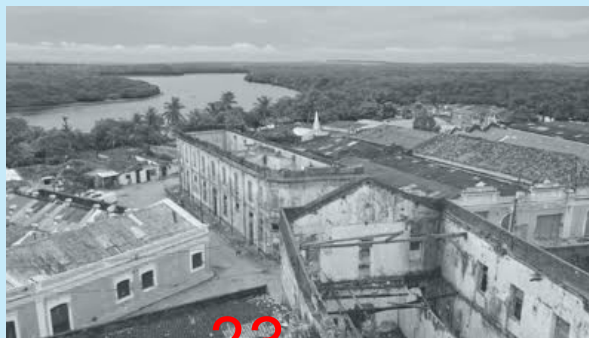
19 O Mercado Central em dois momentos. No dia de sua inauguração, em 1948 (I); A densa ocupação das décadas seguintes (II e III).

20 Mapa de localização dos espaços de comércio.

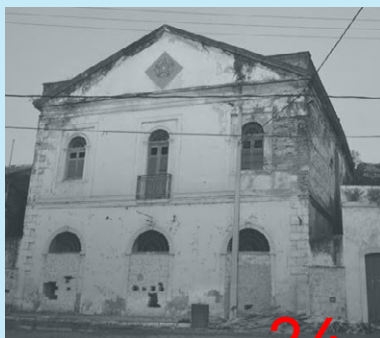


23 Varadouro Mercantil 24 Alfândega 25 Rua do Comércio 26 Mercado Central 27 Lagoa 28 Shopping Tambiá 29 Shopping Cidade 30 Shopping Terceirão 31 Shopping 4400 32 Centro de Passagem

21 Quadro atual
dos espaços de
comércio.



23



24



25



26



27



28



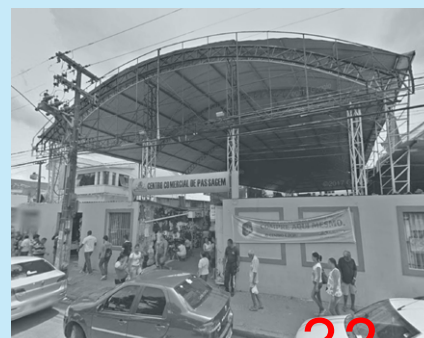
29



30



31



32

Espaços de trajeto

No processo de construção da cidade, algumas ruas, e suas configurações espaciais, se destacam por apresentar características particulares que demonstram as transformações temporais do traçado urbano da capital. A identidade que cada uma carrega é impressa em sua história, seus usos, suas produções arquitetônicas, em seu ambiente. Algumas ruas exprimem processos muito distintos a respeito da evolução e dos hábitos da população ao longo da construção da cidade.

Acompanhando as primeiras edificações do núcleo da Cidade Alta, a **Rua Nova**, atual Avenida General Osório, concentrou uma configuração administrativa-religiosa, partindo do largo da Igreja Matriz e abrigando os principais edifícios de manutenção da cidade, além das residências dos moradores mais abastados, ao longo de sua extensão com uma devida regularidade.

A conotação austera e de centralidade como rua principal fazia dela palco de eventos cívicos, eventos oficiais e festas da padroeira, característica que preservou até o final do século XIX. Ao se localizar no limite entre a Cidade Alta e a encosta em direção à Cidade Baixa, se impõe como demarcação na imagem da região elevada, transformada pela construção do Viaduto Damásio Franca, em 1969, obra que alterou a configuração da rua original com a abertura do vazio em direção à Cidade Baixa.

Como parte do conglomerado inicial de ruas, de natureza de uso residencial e elitista (TINEM, 2005), a **Rua Direita**, atual Rua Duque de Caxias, caracterizava, desde o século XVII, o eixo principal de integração da cidade, devido aos seus elementos morfológicos (SILVA, 2016).

Se destacava do seu entorno por abrigar um elevado número de edificações religiosas e eclesiásticas, do antigo Colégio dos Jesuítas até o Largo de São Francisco. Este que completava os múltiplos e importantes espaços públicos que tangenciavam a rua, além do Largo do Erário, transformado em Praça Rio Branco, o primeiro Jardim Público da cidade, transformado em Praça João Pessoa e a Praça Vidal de Negreiros (Ponto de Cem Réis), todos criados no mesmo contexto do início do século XX.

A modernidade dessas décadas modifica não só a estrutura física do seu entorno e de suas praças, mas traz novos usos e atividades. A rua passa a receber as linhas de bonde, iluminação elétrica, e a concentrar a vida boêmia da cidade (TINEM, 2005), se tornando uma das mais frequentadas áreas na vida da capital.

Como ligação entre Cidade Baixa e Cidade Alta, a **Rua da Areia** parte da Praça Antenor Navarro até a Praça Aristides Lobo e configurou, ao longo da formação da cidade, uma via de predominância também residencial, com uma considerável densidade de edificações

ocupadas pela burguesia. Devido à sua relevância no contexto urbano, recebeu uma série de atributos particulares que ajudaram a traçar sua identidade.

De inovações estruturais como pavimentação, as primeiras linhas de bonde, até a construção de diversos edifícios marcantes, pela arquitetura e pelas funções, no decorrer de seu desenvolvimento. Contudo, a maior transformação sofrida pela rua se dá, assim como a Rua Nova, pela construção do Viaduto Damásio Franca, cruzando as quadras dos dois lados do caminho, limitando a altura de passagem e interrompendo sua continuidade.

A **Rua do Comércio**, originalmente conhecida como Caminho das Convertidas, e posteriormente de Rua das Convertidas e Rua Conde D'Eu, de nome atual Rua Maciel Pinheiro, adquiriu sua principal importância pelas suas atividades comerciais consolidadas no Varadouro no final do século XIX.

A fim de atender as demandas de compra da elite da capital, a rua abrigava lojas e estabelecimentos de luxo que a caracterizaram pela sua função atribuindo uma relevância e impacto na economia da cidade que a levaria a ser considerada o “cérebro financeiro da província”.

Com uma localização beneficiada pela proximidade ao Porto do Varadouro e à Estação Ferroviária, era provida de produtos importados e de frequentadores de todo o estado (TINEM, 2005).

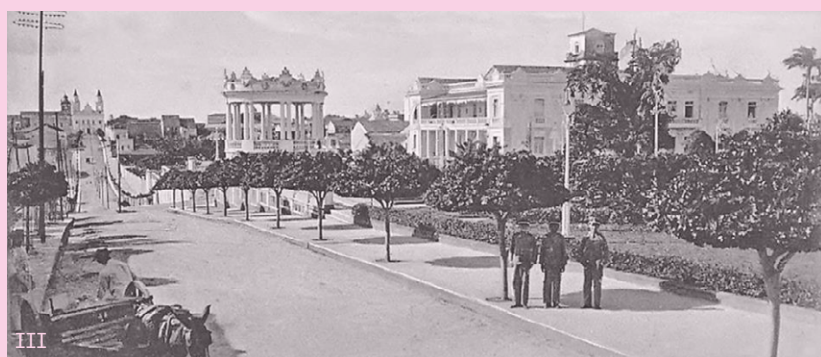
Sua ocupação, mesmo que inicialmente residencial, conseguiu se adequar às novas necessidades, predominantemente coexistindo aos usos comerciais, ou na utilização do uso misto nos edifícios de mais de um pavimento.

As transformações trazidas pelas reformas urbanas do final do século XIX e início do século XX modificam o caráter de toda a cidade, e atingem em especial as ruas que formaram sua malha urbana original.

Modificações na infraestrutura, melhorias sanitárias e adequações viárias foram aplicadas das mais diversas formas a fim de adaptar as vias às novas demandas viárias. A Rua General Osório recebe a adição da antiga Rua dos Quintais, se estendendo até a nova Praça Venâncio Neiva, e a ligação entre a Rua Maciel Pinheiro e a Rua de São Frei Pedro Gonçalves é readequada graças a construção da Praça Antenor Navarro.

Além do conjunto inicial de ruas da Cidade Alta e Varadouro, as primeiras áreas de expansão foram marcadas por antigos caminhos já estabelecidos para algumas regiões específicas, que teriam papel fundamental na construção da cidade.

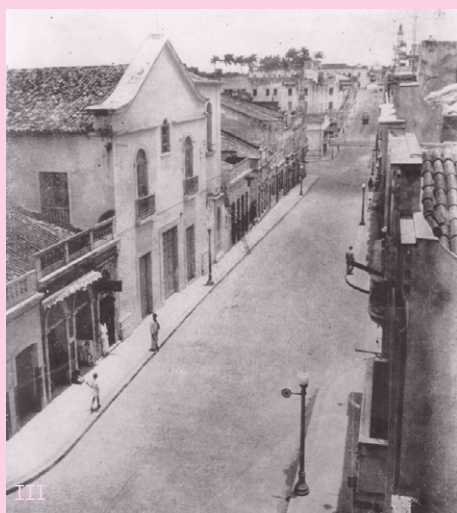
O primeiro eixo para o leste, o Caminho do Tambiá, se estruturou em decorrência da Fonte do Tambiá, que fornecia o abastecimento de água, assim como outras fontes, cacimbas e bicas, para toda a cidade desde sua funda-



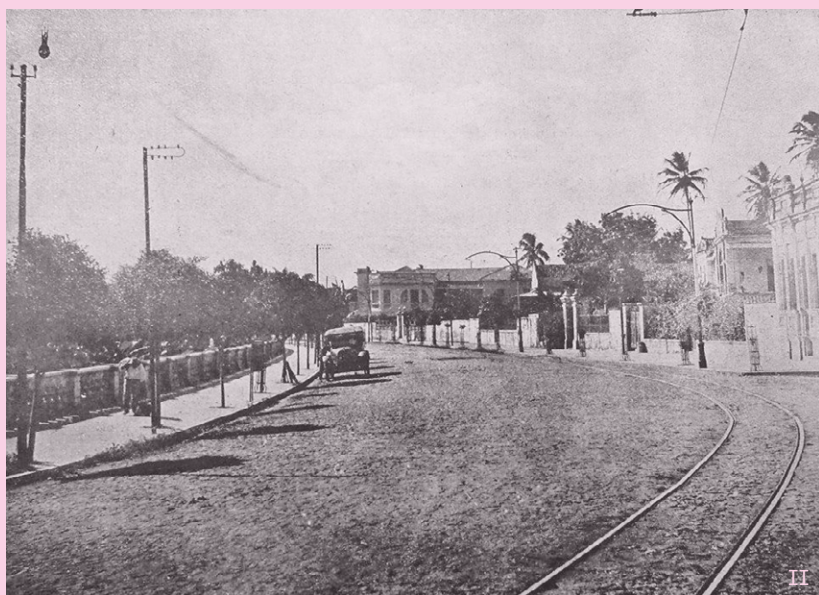
22 A Rua Nova (General Osório) na primeira fotografia da cidade, em 1870 (I) e na década de 1940 (II), aos pés da Matriz. Já após seu alongamento, partindo do lado contrário, na Praça João Pessoa (III)



23 A Rua Direita (Duque de Caxias) em direção ao cruzeiro da Igreja São Francisco (I), ao Colégio Jesuíta (II) e a partir da Igreja da Misericórdia.









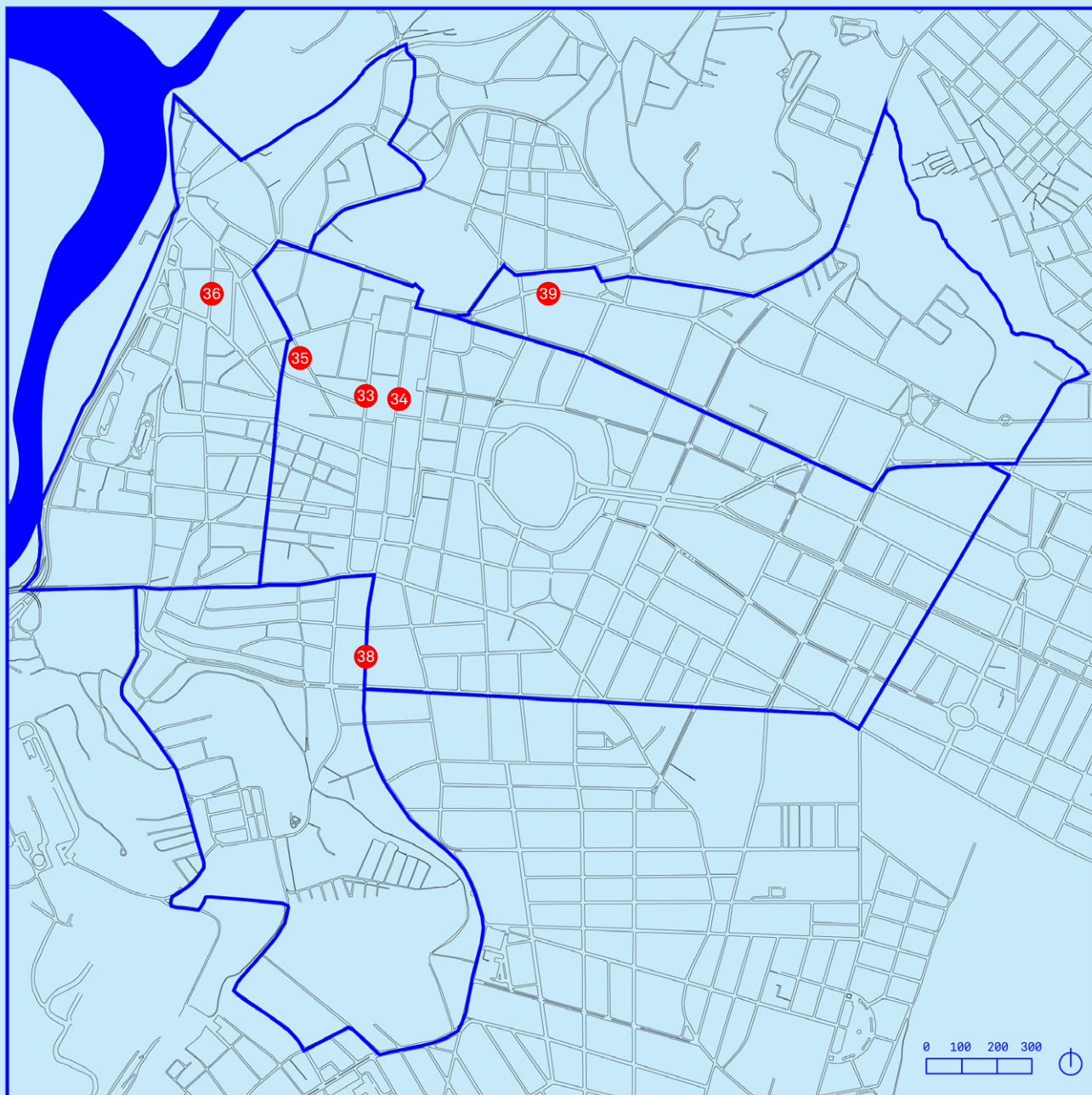
26 Rua do Comércio (Maciel Pinheiro) com a Praça Antenor Navarro e torre da Igreja de S. F.P. Gonçalves ao fundo em três épocas.



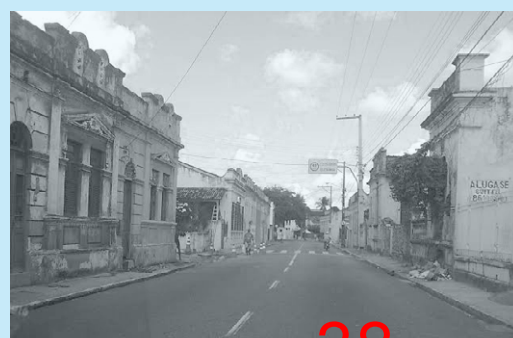
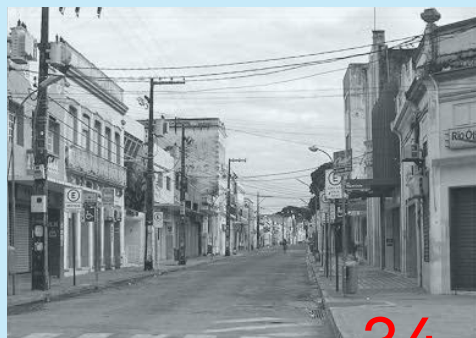
27 Rua do Tambiá (Oton Bezerra e Walfredo Leal). 3.26
O entorno da Fonte do Tambiá (I); com a Igreja da
Mãe dos Homens (II) no início do século XX; e em
outro momento, já com seus casarões (II).



28 Mapa de localização dos espaços de trajeto.



33 Rua Nova (Rua General Osório) **34** Rua Direita (Rua Duque de Caxias) **35** Rua da Areia **36** Rua do Comércio (Rua Maciel Pinheiro) **37** Rua do Tambiá (Rua Odon Bezerra e Walfredo Leal) **38** Rua das Trincheiras



29 Quadro atual
dos espaços de
trajeto.

ção até os primeiros anos do século XX. Esse trajeto da população até a fonte foi, aos poucos, implicando na ocupação e consequente abertura da **Rua do Tambiá**, de nome atual Rua Odon Bezerra (TINEM, 2005). De caráter residencial desde sua criação, as edificações que ali se instalaram variaram das primeiras casas simples e humildes, à sítios e chácaras que posteriormente foram sendo substituídos pelas ricas mansões do século XX.

Essas mudanças são demonstradas na diversidade de estilos arquitetônicos e de ocupação que as edificações apresentam, características das transformações do modo de viver da capital (TINEM, 2005). A rua também marcou o eixo de ligação do centro urbano e a Praia de Tambaú, conectando a linha de trilhos até o sítio Cruz do Peixe, e posteriormente ao litoral.

Já nos anos de 1920, a construção da Praça da Independência, localizada no extremo da rua, firmaria sua conexão com o mais novo caminho ao leste da cidade, a Avenida Eptácio Pessoa.

O caminho para o sul, por sua vez, Caminho para os Engenhos, a **Rua das Trincheiras**, se prolonga a partir da Rua Duque de Caxias e conecta o centro aos primeiros bairros da expansão sul, Jaguaribe e Cruz das Armas. Com uma ocupação residencial iniciada no final do século XVIII, por uma população humilde ligada às atividades do matadouro próximo.

A partir do final do século XIX, a rua passa a abrigar sítios e chácaras, as ‘mansões do algodão’, que marcaram a fisionomia da região ocupada pela burguesia (TINEM, 2005), atraídas pela área que, nas décadas seguintes, receberia as inovações e transformações urbanas trazidas pelo progresso e representaria os ideais da nova cidade.

É importante mencionar a relevância de outros caminhos antigos da cidade no desenvolvimento de novos eixos de expansão, bairros e ruas no século XX.

Enquanto os dois caminhos citados realizam as ligações rumo a leste e a sul, três outras vias se destacam por características semelhantes. A Estrada das Barreiras, atual Rua da República, para oeste, a Estrada dos Macacos, atual Avenida Pedro II, para leste e a Estrada do Jaguaribe (DIAS, 2013).

Espaços inclinados

Devido a topografia natural em que a cidade foi implantada, e a clara divisão – desde sua fundação – entre a ocupação da Cidade Alta e Cidade Baixa, boa parte do desenvolvimento da malha urbana e dos edifícios do centro de João Pessoa se deu a partir dos declives entre esses dois níveis. Essa ocupação, muito mais espontânea que as planejadas ruas e largos que primeiro se instalaram na região, demonstram áreas particulares desse crescimento nas encostas, tendo essas vias como elementos essenciais na consolidação da organização urbana da cidade até o fim do século XIX (ALMEIDA, 2006). A separação entre Cidade Alta, Varadouro e Encosta não se relacionam apenas com sua construção topográfica, mas seria definidora de seus espaços sociais e modos de vida que abrigariam (DIAS, 2013). Seus atributos morfológicos particulares aplicam às edificações de entorno peculiaridades específicas dessas situações, além de propor ligações e percepções visuais que se diferenciam das que as ruas convencionais proporcionavam. As ladeiras que se estabeleceram no início da formação da malha urbana nasceram naturalmente das ligações entre lugares dos dois níveis de cidade. Iniciando na Avenida General Osório em direção à Cidade Baixa, na Rua da Areia, tem-se a **Ladeira da Borborema**, partindo da Igreja Matriz, a **Ladeira da Misericórdia** (Rua Peregrino de Carvalho), da Igreja da Misericórdia. Outra das mais antigas e extensas, a **Ladeira de São Francisco**, liga o do

Conjunto de São Francisco até a Igreja de São Frei Pedro Gonçalves. O papel da Igreja até no ordenamento espontâneo das vias da cidade deixa claro a relevância desses espaços para a população e para o pensamento geral da época, sendo um dos atores mais dominantes do período colonial. Também cortando a Cidade Alta para a Rua da Areia, a **Ladeira do Goes** (Feliciano Coelho) e a antiga **Ladeira do Rosário**, que costumava se iniciar na Igreja do Rosário, já demolida e transformada pela construção do viaduto Damásio Franca.

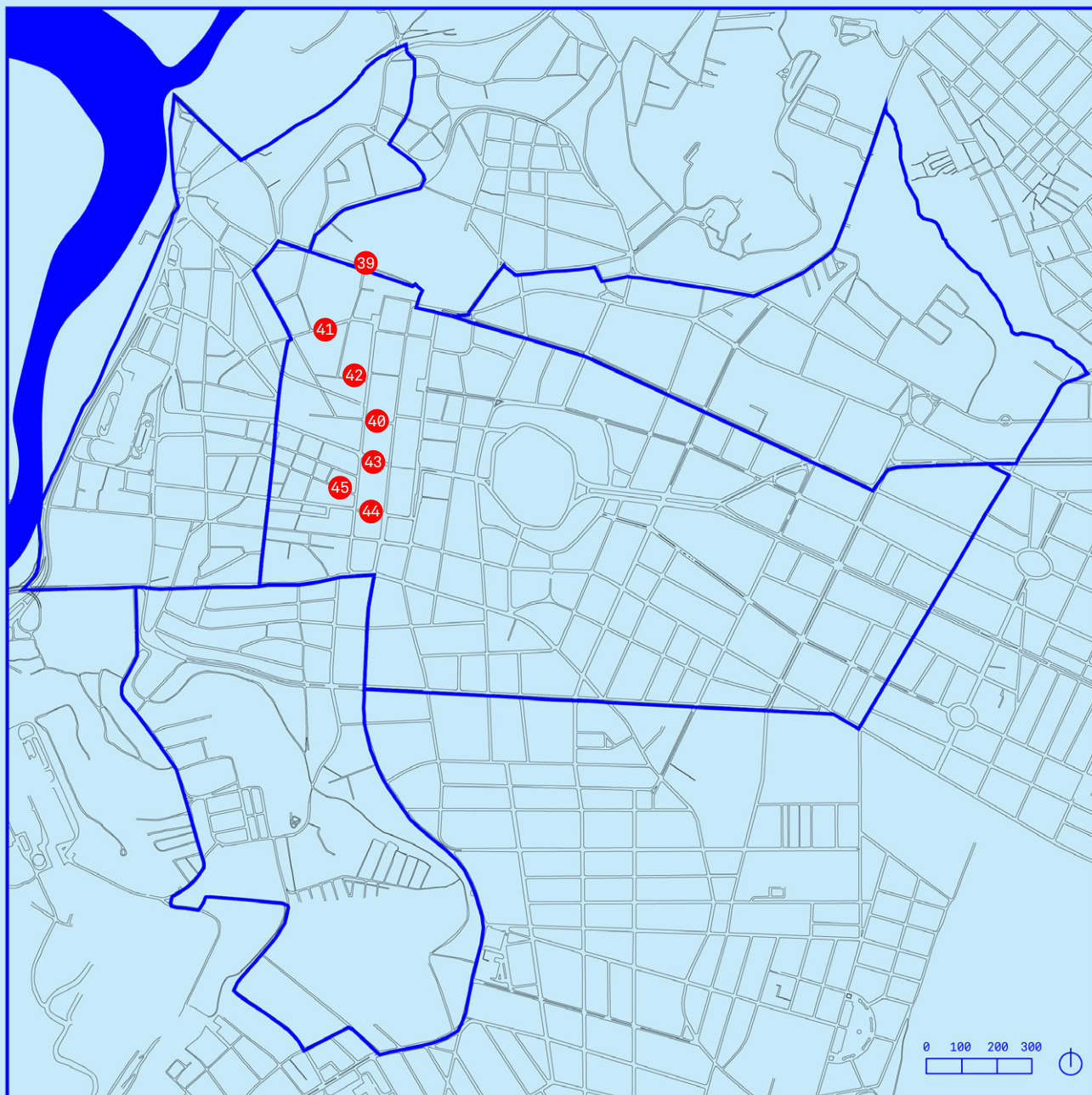
A Rua da Areia, por sua vez, funcionava como caminho menos inclinado e mais apropriado para o Varadouro, por vencer diagonalmente o desnível da encosta de maneira mais suave comparado às originais ladeiras íngremes (DIAS, 2013). As posteriores intervenções e adequações à novas vias que apresentassem inclinações mais amenas por fim vieram a proporcionar logísticas de circulação viária mais compatíveis com as atividades trazidas pela modernidade.

Outras duas vias particulares localizadas na Cidade Alta, no percurso mais recente da Avenida General Osório, demonstram elementos urbanos muito característicos de uma cidade inclinada, as escadas. Duas cortam dois quarteirões próximos à Praça João Pessoa, a **Escadaria Malagrida**, ligando a Rua Duque de Caxias à Avenida General Osório, e a **Escadaria Silva Jardim**, ligando a Avenida General Osório à Rua Silva Jardim.

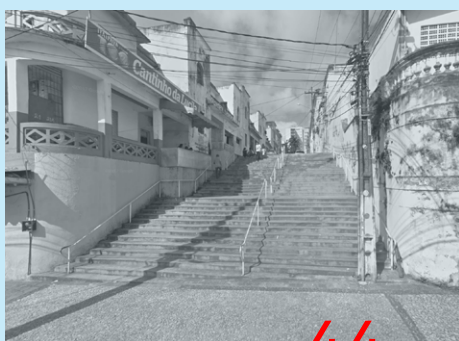
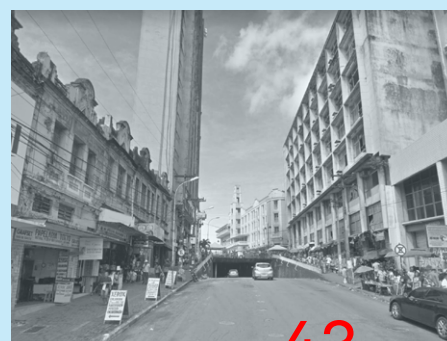
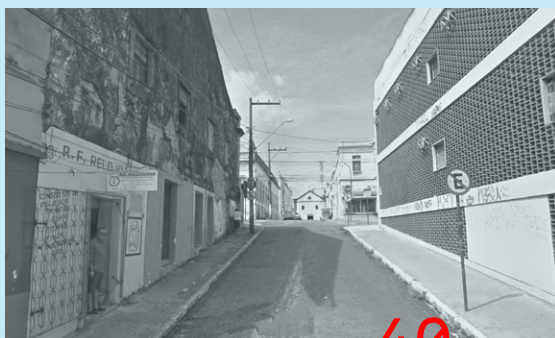


30 As ladeiras do religioso. Ladeira da Misericórdia (I e III); Ladeira da Borborema (II).

31 Mapa de localização dos espaços inclinados.



39 Ladeira da Borborema 40 Ladeira da Misericórdia 41 Ladeira de São Francisco 42 Ladeira do
Goes 43 Ladeira do Rosário 44 Escadaria Malagrida 45 Escadaria Silva Jardim



32 Quadro atual
dos espaços
inclinados.

Espaços de permanência

Os diversos espaços públicos que pontuam a composição do centro tem papel definidor nas vivências e atividades que ocorrem no local. São praças que abrigam a feição popular e múltipla da região, que apoiam às ocupações que acontecem no entorno e se tornam parte delas, sejam de natureza comercial, institucional, cívica ou religiosa, de descanso, contemplação ou passagem. Tem no encontro o principal motivo no seu cerne, essência dos espaços da cidade.

O processo de formação do espaço urbano da cidade de João Pessoa é intimamente relacionado à criação de suas áreas de permanência. Os primeiros edifícios construídos, os prédios religiosos e administrativos, definiram o traçado das ruas iniciais, que, por sua vez, já imprimiam os mais antigos espaços públicos da cidade. A construção das igrejas traçou a formação dos primeiros largos e adros, marcando as áreas de importância e centralidade.

O **Largo da Matriz**, por exemplo, formado em frente à Basílica de Nossa Senhora das Neves, reunia os primeiros edifícios construídos na capital, e com isso, uma série de usos que davam suporte à vida urbana da época, a moradia, o lazer, o comércio, a religião, a administração (ALMEIDA, 2006), as funções essenciais da cidade. De mesma configuração, três outros espaços semelhantes demarcavam outras instituições religiosas, reforçando o significado e

imponência de tais edificações e dando suporte às suas atividades. O **Largo do Carmo** (Praça Dom Adauto), **Largo de São Francisco** e **Largo de São Frei Pedro Gonçalves** integram esse conjunto. Esses lugares representavam importantes reguladores no espaço urbano e social, concentrando atividades e cerimônias do cotidiano colonial, e dando origem a novos caminhos e trajetos em suas direções.

O **Largo do Erário**, único que não está ligado a motivos religiosos, antecedia, por sua vez, a Casa de Câmara e Cadeira da cidade e abrigava o Pelourinho, equipamentos marcantes da administração da colônia.

Tendo os largos como espaços derivados das edificações de seu entorno, definidos muito mais pela reunião dessas diversas funções do que pela sua construção formal, as praças do centro antigo representam elementos relacionados à intervenções no desenho urbano, como espaços designados a um significado, estabelecido no momento de sua construção. De forma regular e ordenada, tais lugares motivam de razões de transformação urbanística, melhorias sanitárias e de circulação, e pela criação intencional de espaços públicos.

Dentro desse contexto, novos espaços surgem com razões objetivas de lazer e contemplação, planejadas para abrigar jardins, coretos e áreas de recreação (ALMEIDA, 2006). De caráter cívico, as praças perdem a antiga correlação com

edifícios religiosos, agora substituídos por novas edificações monumentais, com a introdução de equipamentos de lazer, coretos e vegetação. O final do século XIX e começo do século XX é uma época marcada por essas obras, com a inauguração do primeiro Jardim Público da cidade (antigo Campo do Commendador Felizardo), em 1870.

Na década de 1920, a transformação de espaços com feições coloniais a fim de embelezar e ajardinar a capital com padrões modernos do novo século alteraram áreas já consolidadas da sua malha urbana original, com empraçamentos, redesenhos e reformas em vários pontos, motivados pela relevância e imponência dos edifícios do seu entorno imediato.

A **Praça Venâncio Neiva** (antigo Pátio do Palácio), **Praça Pedro Américo** (antigo Campo do Conselheiro Diogo), **Praça do Conselheiro Henrique** (antigo Campo do Conselheiro Henrique) e **Praça Rio Branco** (antigo Largo do Erário) exemplificam bem esse processo (VIDAL, 2004). O Jardim Público, por sua vez, também recebe melhoramentos, é “higienizado e embelezado” aos padrões atuais e passa a ser **Praça João Pessoa**.

Além das remodelações em lugares já existentes, áreas subutilizadas e mal cuidadas, consideradas insalubres à população, recebem novos tratamentos e configuram novos espaços, como a **Praça Aristides Lobo**, em 1918, e a criação do **Parque Arruda Câmara**, na década de 20.

As reformas urbanas do século XX tomaram os espaços públicos como grandes instrumentos na construção da nova e moderna capital, e de seus ideais. As praças se tornam símbolos dos novos hábitos e práticas do cotidiano, da renovação da paisagem urbana seguindo os objetivos de “embelezar” e “sanear” a cidade.

Em razão da circulação, áreas inteiras foram substituídas por novas praças. Na Cidade Alta, a criação da **Praça Vidal de Negreiros**, em 1924, custou a demolição da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. A **Praça Coronel Antônio Pessoa**, em 1924, no Tambiá, custou a Igreja da Mãe dos Homens. A **Praça 1817**, em 1940, a Igreja das Mercês. Todas construídas para melhoria da circulação dos bondes e embelezamento da cidade.

Assim como tais, a **Praça Anthonor Navarro**, em 1932, já no Varadouro, demoliu diversos casarões a fim de estruturar a conexão da Rua Maciel Pinheiro à Rua de São Frei Pedro Gonçalves (VIDAL, 2004).

Com a cidade se expandindo em direção a novos eixos, esses lugares também funcionavam como elementos de interligação e consolidação das áreas em processo de construção. O saneamento da Lagoa dos Irerês e a criação do **Parque Sólon de Lucena**, em 1926, e a construção da **Praça da Independência**, em 1922, um dos mais extensos espaços no núcleo central, e que segue o caráter formal e funcional das praças cí-

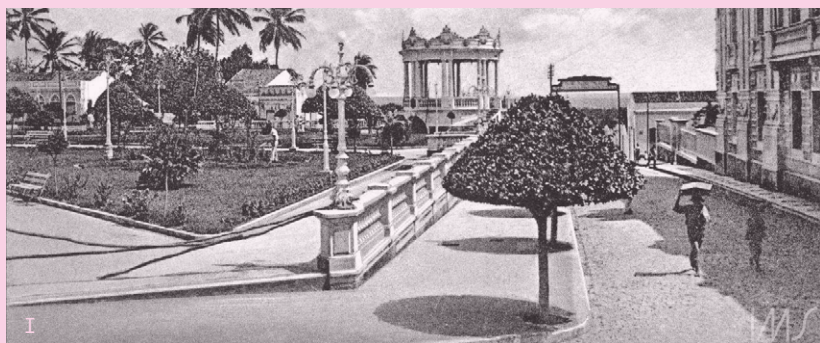
33 Os largos das igrejas
Matriz (I), do Carmo (II), e
de São Francisco (III).

3.32



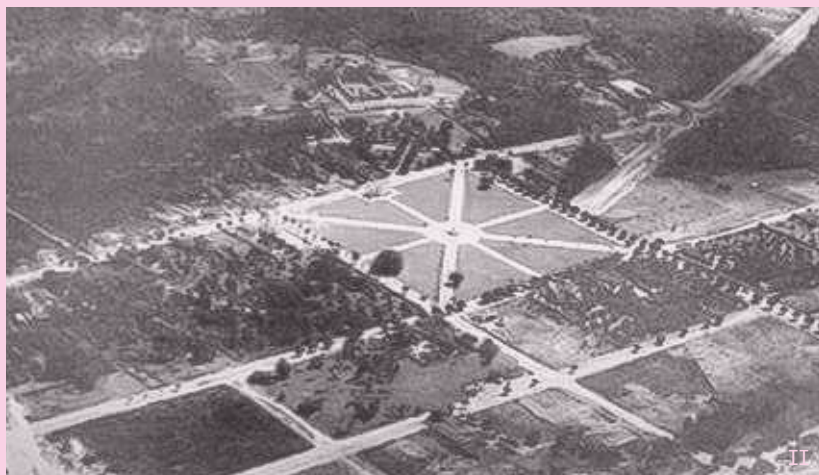
34 Novos espaços públicos da cidade.
Praça Venâncio Neiva (I); Praça João
Pessoa (II); Praça Pedro Américo (III).

3.33



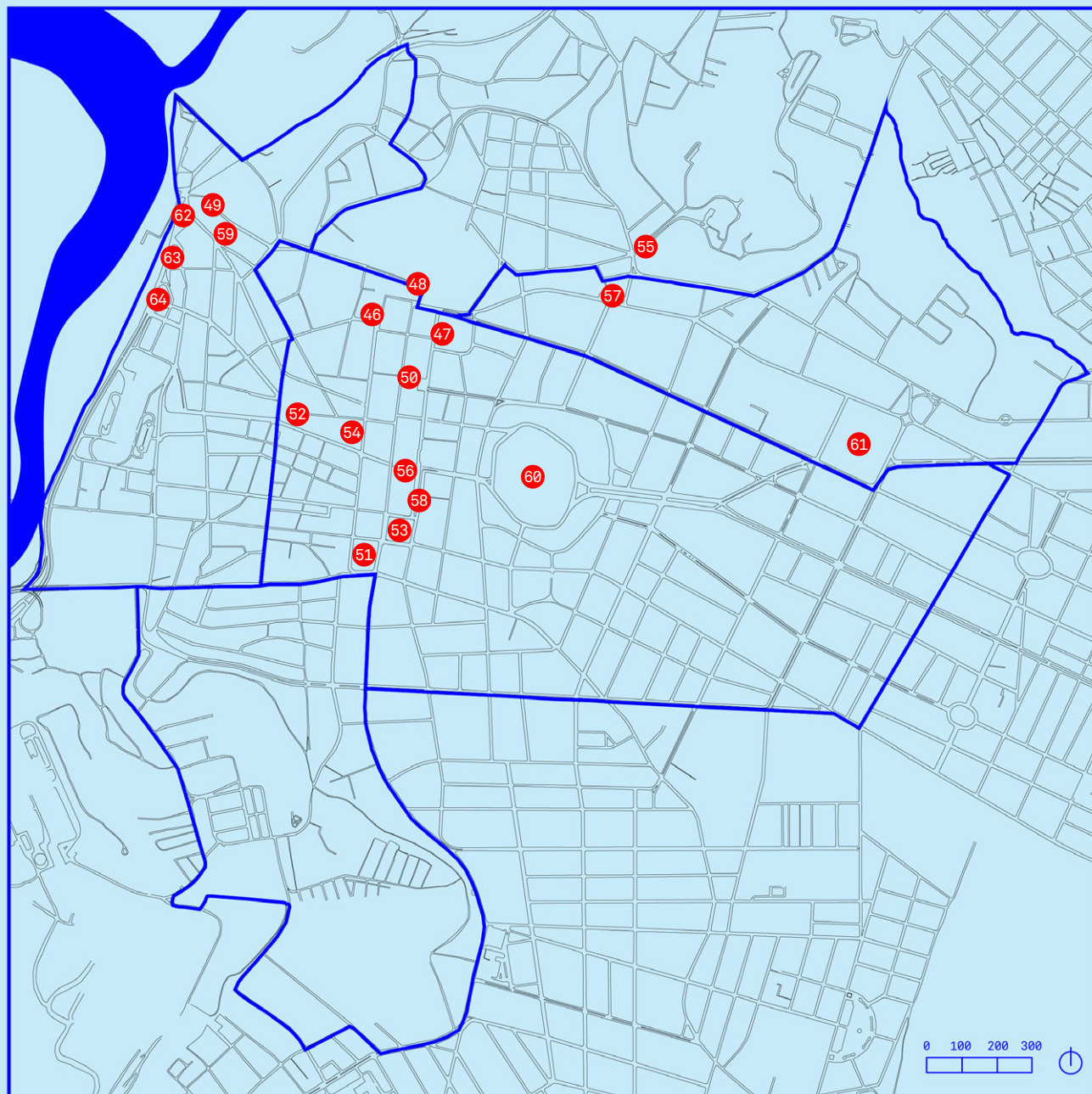


35 As praças das demolições. Praça Vidal de Negreiros (I); Praça 1817 (II); Praça Antenor Navarro (III).



36 Os novos espaços públicos da expansão. O Parque Sólon de Lucena (I); A Praça da Independência (II).

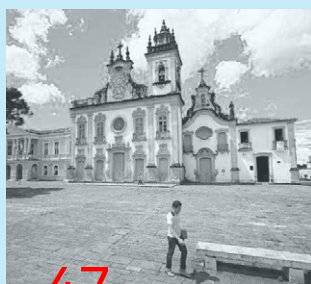
37 Mapa de localização dos espaços de permanência.



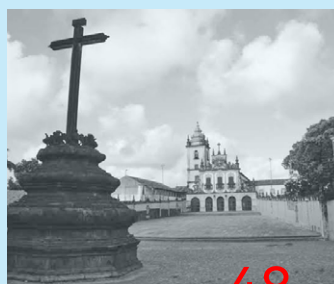
46 Largo da Matriz 47 Largo do Carmo (Praça Dom Adauto) 48 Largo de São Francisco 49 Largo de São Frei Pedro Gonçalves 50 Largo do Erário (Praça Rio Branco) 51 Praça Venâncio Neiva (Ponto de Cem Réis) 52 Praça Pedro Américo 53 Praça João Pessoa 54 Praça Aristides Lobo 55 Parque Arruda Câmara 56 Praça Vidal de Negreiros 57 Praça Coronel Antônio Pessoa 58 Praça 1817 59 Praça Antenor Navarro 60 Parque Sólon de Lucena 61 Praça da Independência 62 Praça XV de Novembro 63 Praça Álvaro Machado 64 Praça Napoleão Laureano



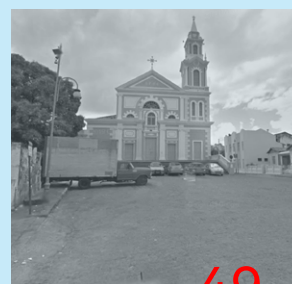
46



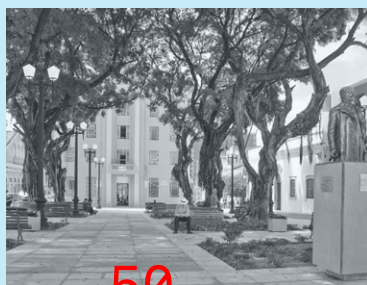
47



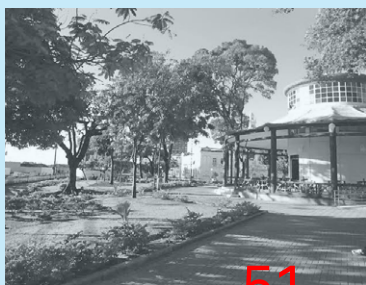
48



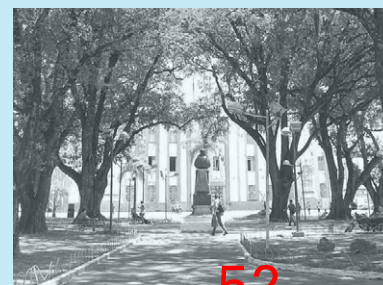
49



50



51



52



53



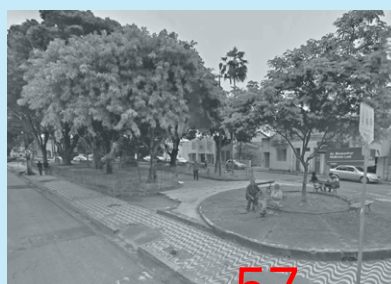
54



55



56



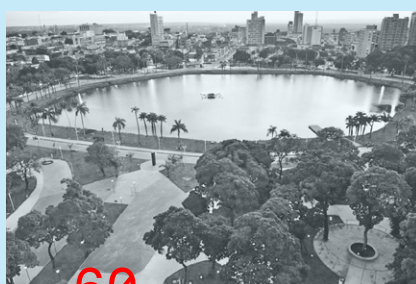
57



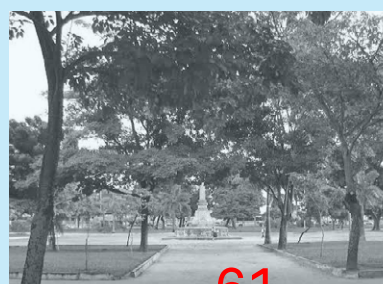
58



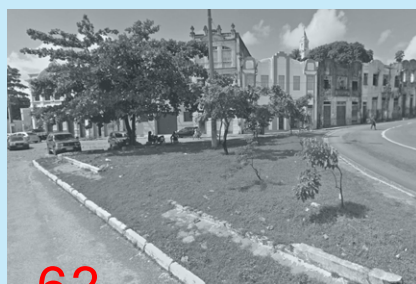
59



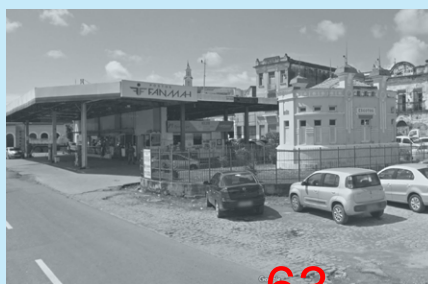
60



61



62



63



64

vicinas da época. Juntos, esses espaços exprimem as intenções de uma cidade em crescimento em direção ao leste.

Quanto à localização das praças que possuem protagonismo no processo de evolução da capital aqui explicitadas, a Cidade Alta, suas imediações, e as primeiras regiões de expansão abrigam a grande maioria desses lugares.

Com exceção do Largo de São Frei Pedro Gonçalves, a Praça Antenor Navarro, juntamente com outros três espaços do Varadouro, a **Praça XV de Novembro**, **Praça Álvaro Machado** e **Praça Napoleão Laureano** integram regiões que passaram, ou ainda passam, por ocupações indevidas de postos de gasolina e estacionamento.

Especialmente os últimos espaços, ligados aos modos de vida do porto e da movimentação de viajantes, das estações ferroviária e rodoviária, formam um conjunto esquecido das atividades que ali tomaram forma diariamente, por mais de três séculos na cidade.

Espaços de circulação

Desde a criação da cidade, diversos espaços se destacam por ter sido criados em função do ato de ir e vir, e são representações dos deslocamentos pela cidade e entre cidades, suas ligações externas de chegada e partida. Historicamente, eles evidenciam processos urbanos de mobilidade, movimentação e troca de pessoas enquanto hoje demonstram, ainda sim, o papel fundamental do centro como ponto viário na locomoção e interligação entre áreas, distribuindo e redirecionando caminhos. Como primeira conexão e entrada da cidade, o **Porto do Varadouro** nasceu na margem direita do Rio Sanhauá, como ligação econômica, geográfica e social com o exterior. Desde sua criação, atraiu a presença de edificações direcionadas a atividades comerciais e de administração e apoio do porto, definindo a região da Cidade Baixa como núcleo comercial da cidade. Em 1881, essas relações seriam ainda mais fortalecidas pela chegada da estrada de ferro até a região do porto, e a posterior construção de seu **Terminal Ferroviário**. A região passa então a ganhar instalações fabris, armazéns, e atividades comerciais que só reforçariam o caráter que se firmava na região (DIAS, 2013). Durante a primeira metade do século XX, a rede ferroviária conectaria os estados de Alagoas, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Paraíba (MOURA NETO, 1985) até, em 1982, passar a realizar o exclusivo transporte de passageiros, atividade que se manteria como função até os dias de

hoje. Além da rede de trens, o transporte intermunicipal rodoviário contava com carros coletivos e ônibus, na antiga parada da **Praça Álvaro Machado** e na primeira estação rodoviária, na **Praça Pedro Américo**.

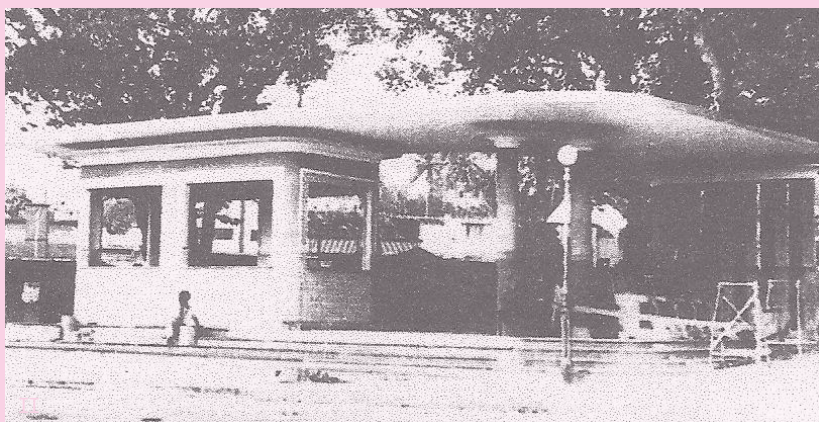
Dentro do contexto urbano da primeira metade do século XX, a cidade sofreu uma série de transformações com objetivos de “embelezar, sanear e circular” por meio de intervenções urbanísticas com posturas modernizadoras (VIDAL, 2004). As obras tinham o intuito de produzir símbolos de uma imagem de cidade futura, moderna e civilizada, atrelada à implementação de serviços urbanos básicos. A construção da Praça Vidal de Negreiros exemplifica com clareza esse processo. Em 1924, por meio da demolição de diversos edifícios de um quarteirão, incluindo a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, foi feita uma “clareira” no meio da Cidade Alta para a abertura de um novo espaço público, juntamente a obras de saneamento do local (VIDAL, 2004). Local esse que abrigaria a estação principal dos bondes elétricos da cidade, que, no final do século XIX, configuraria um ponto nodal de onde partiam todos os eixos de mobilidade formados pelas linhas de bonde que se conectavam à Cidade Baixa, Tambiá e Trincheiras (DIAS, 2013). Essa atividade renderia à praça o nome popular de **Ponto de Cem Réis**, e firmaria sua relevância como espaço central na região. O processo de expansão e evolução da malha urbana de João Pessoa na direção leste historicamente teve como barreira geográfica

a região da Lagoa dos Irerês, considerada uma área alagadiça e insalubre de difícil ocupação. Apenas no início dos anos 1920, a Lagoa e seu entorno recebem obras de urbanização, saneamento, drenagem, e criação e estruturação do **Parque Sólon de Lucena**, que realizou a tarefa de interligar a área existente da cidade a um novo eixo de expansão, o “parkway da Lagoa”, Avenida Getúlio Vargas e a Avenida Eptácio Pessoa, como principal caminho da cidade em direção ao mar. Funcionando como o “centro de irradiação da expansão”, a Lagoa conseguiu ser o componente de articulação entre a cidade antiga e a cidade futura (VIDAL, 2004), os novos bairros, vias e eixos, tendo um papel central na movimentação desses fluxos. O coração da nova cidade seguiu sendo um dos maiores símbolos de centralidade de João Pessoa, comercial, de serviços, mobilidade, e de representação da área. Conforme a região do entorno da Lagoa atraía cada vez mais as novas atividades econômicas da cidade, a região passou por um processo de intenso adensamento e verticalização de seus edifícios. Esse processo intensificou a movimentação do local e a consequente circulação de veículos pelas vias do centro antigo, que por sua vez não dispunham de uma estrutura viária que recebesse tamanho contingente (GUEDES, 2012). Como solução, foi realizada a abertura de duas expressivas vias, o **Viaduto Damásio Franca**, em 1969, e o **Viaduto Miguel Couto**, em 1973, a fim de realizar a conexão, rápida e sem obstáculos, da área da Lagoa até o Varadouro sem a indevida passagem pe-

3.38



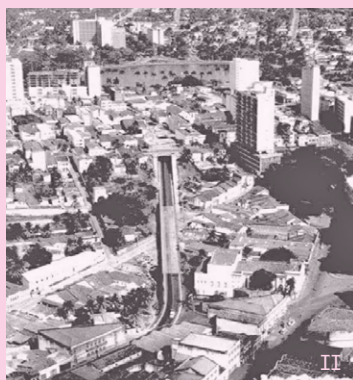
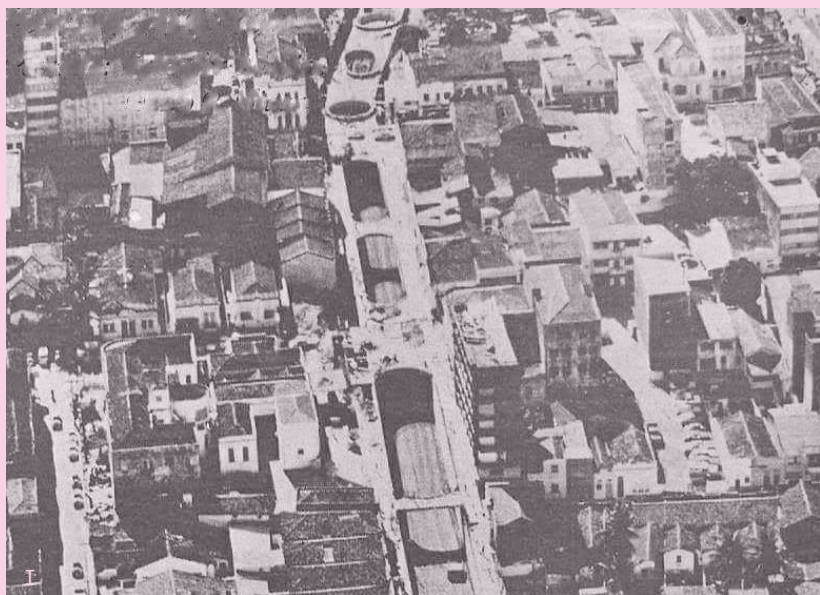
39 Os primeiros espaços do circular. O antigo Porto (I); A Estação Conde D'Eu e o Terminal Ferroviário (II e III); Praça Venâncio Neiva, o Ponto de Cem Réis (IV).



40 Os terminais rodoviários. A Praça Álvaro Machado (I); A antiga estação na Praça Pedro Américo (II); O terminal Severino Camelo (III).

41 Os viadutos da década de 1970. O Viaduto Miguel Couto corta a extensão da Cidade Alta (I e II); O novo Ponto de Cem Réis sobre o Viaduto Damásio Franca (III).

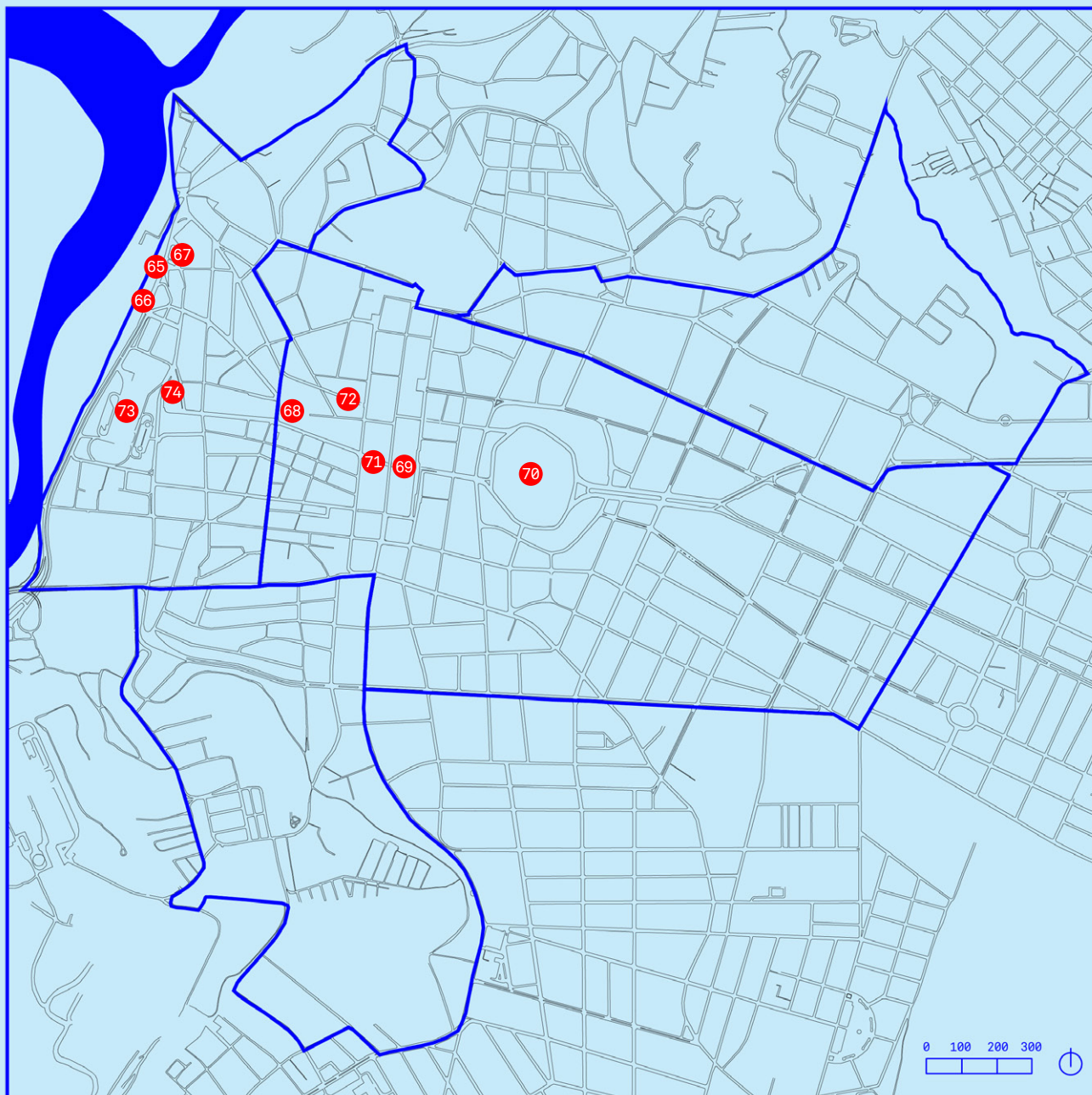
3.40





42 A urbanização do Parque Sólon de Lucena e ligação com a nova expansão. Vista aérea da Rua Miguel Couto, Lagoa e Avenida Getúlio Vargas (I); Novos edifícios da parkway da Lagoa, Getúlio Vargas (II).

43 Mapa de localização dos espaços de circulação.



65 Porto do Varadouro 66 Terminal Ferroviário 67 Praça Álvaro Machado 68 Praça Pedro Américo
 69 Ponto de Cem Réis 70 Parque Solon de Lucena 71 Viaduto Damásio Franca 72 Viaduto Miguel
 Couto 73 Terminal Rodoviário 74 Terminal de Integração



65



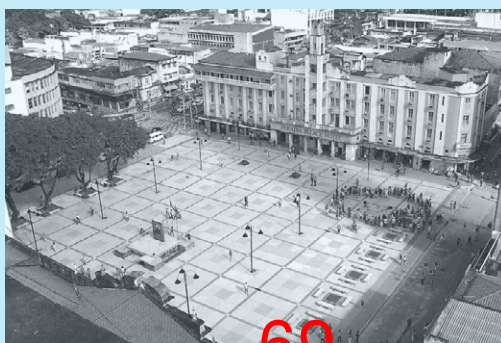
66



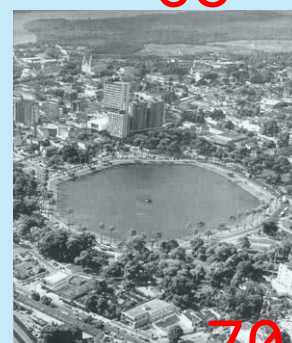
67



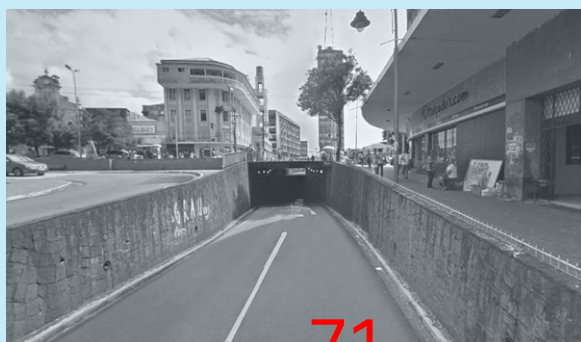
68



69



70



71



72



73



74

las ruas da Cidade Alta. Os rasgos no seu tecido urbano são considerados as suas transformações mais radicais, e implicaram na demolição de diversos edifícios no processo de escavação e de construção dos elevados. Estes marcaram as transformações mais radicais da Cidade Alta, como grandes obras da modernização e do progresso buscados pelo urbanismo cirúrgico.

As atividades que se iniciaram e tomaram forma na Cidade Baixa até o século XIX continuaram exercendo influências nas suas dinâmicas até a atualidade. Mesmo após a desativação do porto, na década de 1930, e consequente diminuição do movimento e das atividades fomentadas na região, o bairro do Varadouro ainda apresenta (e representa) importantes objetos no contexto de circulação do centro e da cidade. A implantação do **Terminal Rodoviário** Severino Camelo, em 1982, no vale do Rio Sanhauá reafirmou a condição do Varadouro como porta de entrada da cidade. Outro ponto que representaria a relevância da área para a circulação da cidade seria a implantação, em 2005, do primeiro e principal **Terminal de Integração**, importante instrumento de conexão de linhas urbanas de ônibus da cidade, além de funcionar como ponto de conexão do transporte público com o Terminal Rodoviário. Como ferramenta de articular o grande número de linhas que transitam em suas ruas - a maior concentração na cidade - o centro assume o papel estruturante na distribuição do sistema de transporte público da cidade (GUEDES, 2012).

Espaços verticais

Dentre tantas tipologias presentes na região central, cada uma delas revela especificidades a respeito de seus usos, morfologias, materiais e técnicas construtivas, que as caracterizam como elementos marcantes de seu tempo na composição da linearidade da cidade.

Num contexto de mudanças e transformações no pensamento e contexto da cidade, o advento das novas tipologias de edifício, agora mais verticalizadas, se torna símbolo da imagem de uma nova arquitetura de metrópole moderna. Uma série de edifícios marcaram a época por ultrapassar, pela primeira vez, os limites do centro - até então homogêneo e colonial - e transformar, até hoje, a paisagem urbana da área central.

Como a primeira construção de cinco pavimentos da cidade, em 1935, o edifício da **Secretaria de Finanças** marcou a paisagem pela altura, as linhas modernistas e o uso de concreto armado e do elevador na sua execução. Acompanhado, ainda na mesma década, do **Edifício Duarte da Silveira**, com ainda tímidos seis pavimentos, seriam os precursores do processo de verticalização da cidade.

Também tendo o Ponto de Cem Réis como localização, em 1951, foi inaugurado o **Edifício do IPASE**, sede do Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado, seguido, em 1957,

do **Edifício Nações Unidas**, ambos com proporções amenas nas suas dimensões e que não apresentavam grandes impactos na paisagem da área. (GUEDES, 2012)

Como primeiro e grande marco da verticalização na cidade, o Residencial **Edifício Presidente João Pessoa**, popularmente conhecido até hoje como 18 andares, foi inaugurado em 1962, e, localizado na Avenida General Osório, se impõe na paisagem da Cidade Alta e de todo o centro.

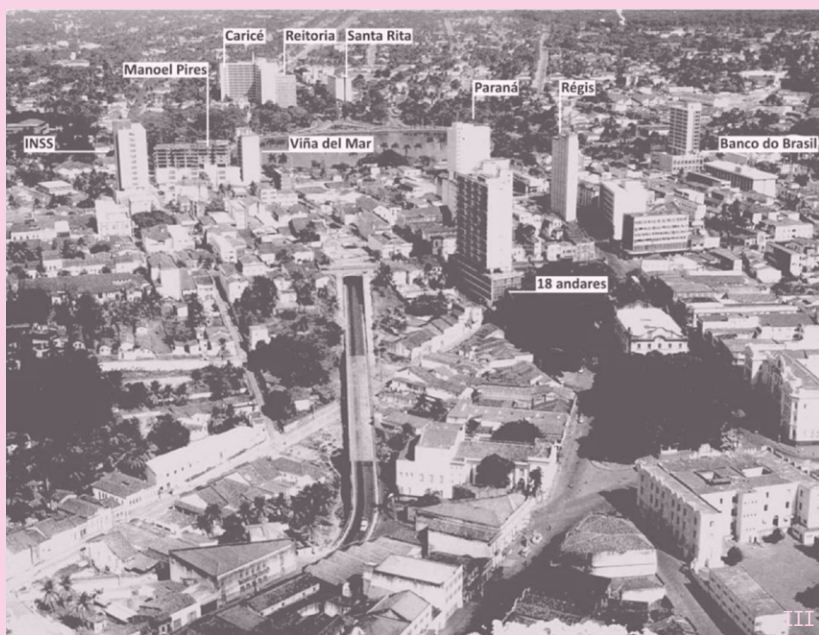
Em 1964, o Ponto de Cem Réis, que reunia um valorizado centro social e econômico da nova capital, volta a verticalizar seu entorno, com os 16 pavimentos do **Edifício Régis**, segundo maior prédio da região. Ainda no mesmo ano e também na Rua Duque de Caxias, é construído o **Edifício 5 de Agosto**, com 10 pavimentos.

A década de 60 é marcada por ainda alguns exemplares. Com usos de comércio e serviço, já nas proximidades do Parque Solón de Lucena, são construídos o **Edifício Paraná**, na Av. Padre Meira e o **Edifício Viña del Mar** com 14 e 12 pavimentos.

A Cidade Alta ainda recebeu dois importantes edifícios de iniciativa pública, o **Edifício do INSS**, em 1969, e o **Edifício do Banco do Brasil**, em 1973. Além deles, o **Edifício da Reitoria da UFPB**, no entorno da Lagoa, marcaria o início do parkway da Avenida Getúlio Vargas.

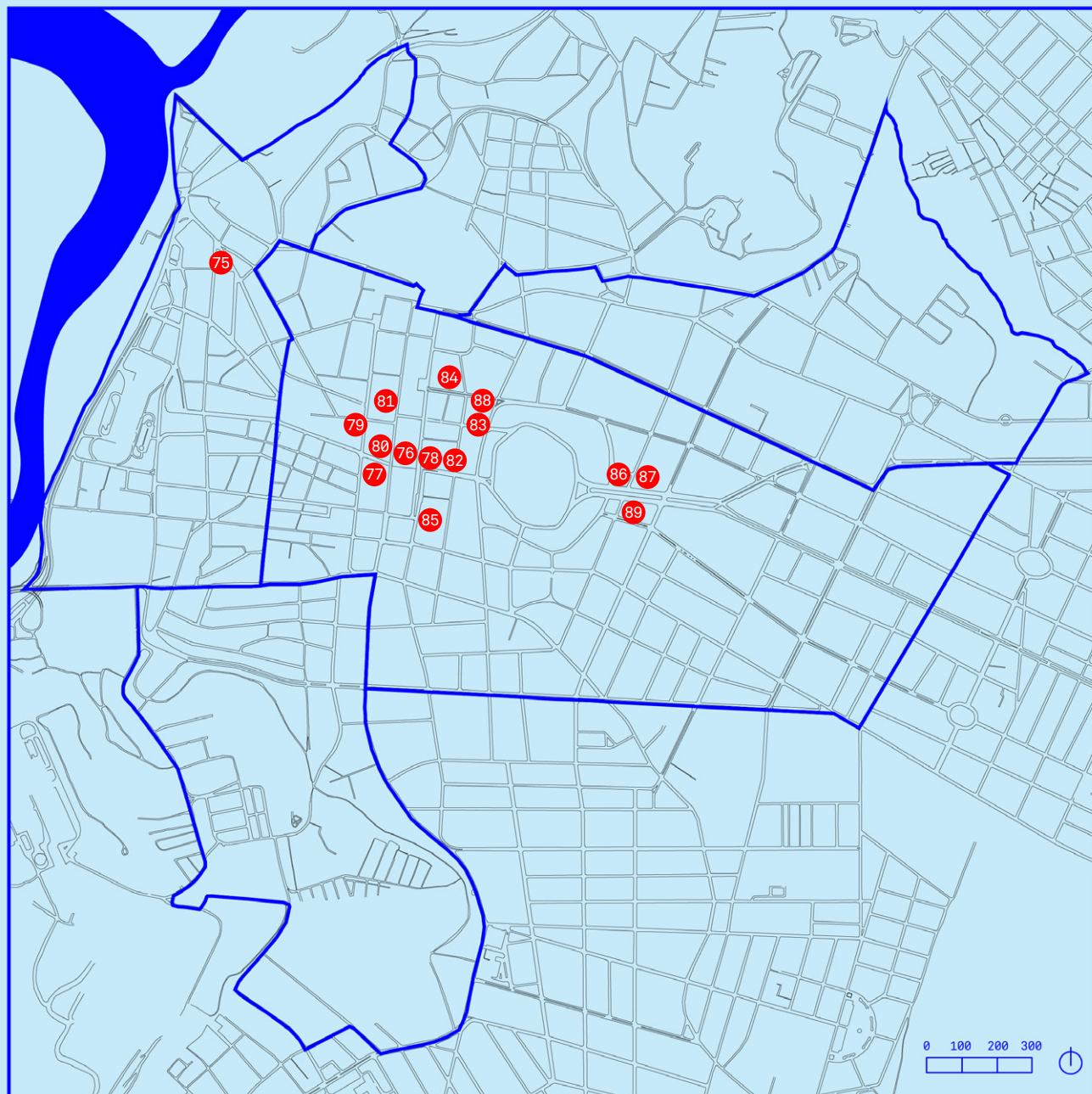
Dois edifícios residenciais na mesma rua também se destacam no conjunto, o **Edifício Caricé** e o **Edifício Santa Rita**, ambos dos anos 60, representando o novo jeito de morar no centro, em uma das mais novas e mais valorizadas áreas da cidade, reforçando a imagem da cidade renovada que dava adeus às feições coloniais. Por fim, como outro símbolo da verticalização pessoense, de uso residencial e comercial, também no entorno do Parque Solon de Lucena, o **Edifício Manoel Pires**, de 1975.

A modernidade trazida por esses lugares foram atreladas a uma série de transformações que simbolizavam o desenvolvimento e o progresso de uma cidade que se forçava a crescer para longe do seu núcleo inicial, e que ao mesmo tempo pretendia ressignificá-lo. As novas edificações mantinham e se mesclavam nas características do traçado colonial, na implantação ocupando toda a área do lote, nas formas e volumetrias simples, e até no próprio gabarito (GUEDES, 2012). Em conjunto, os lugares registram juntos essa variedade de vontades de cidade de tantas épocas.



45 A transformação dos horizontes da cidade. Edifício da Secretaria de Finanças (I); Prédio do IPASE (II); Os 10 edifícios mais altos do centro (III).

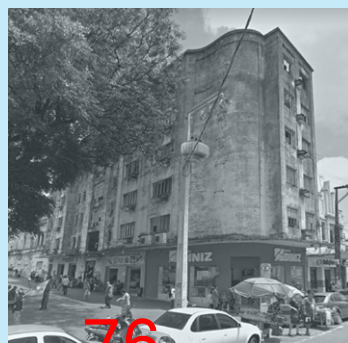
46 Mapa de localização dos espaços verticais.



75 Edifício da Secretaria de Finanças 76 Edifício Duarte da Silveira 77 Edifício do IPASE
 78 Edifício Nações Unidas 79 Edifício Presidente João Pessoa (18 andares) 80 Edifício Régis
 81 Edifício 5 de Agosto 82 Edifício Paraná 83 Edifício Viña del Mar 84 Edifício do INPS 85
 Edifício do Banco do Brasil 86 Edifício da Reitoria da UFPB 87 Edifício Caricé 88 Edifício
 Manoel Pires 89 Edifício Santa Rita



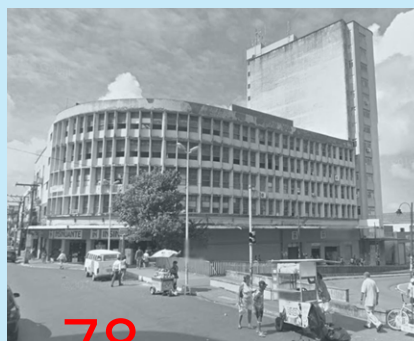
75



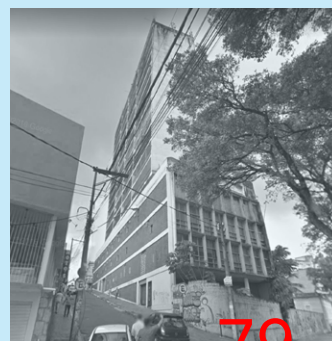
76



77



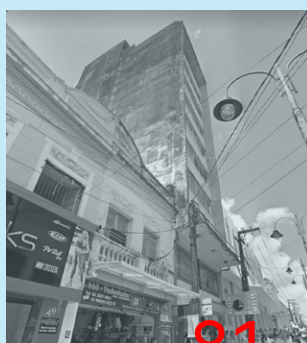
78



79



80



81



82



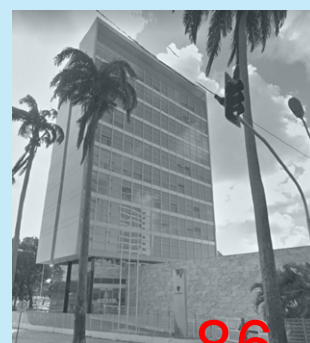
83



84



85



86



87



88



89

Espaços de urbanidade

Como elementos da vida social da cidade, muitos lugares se marcaram por atribuir funções ao público, serviços comuns e atividades do cotidiano. Na presença constante e habitual, obtém seus significados e importância por marcar estilos de vida e costumes de tantas épocas passadas. Assim foram reunidos como representantes de múltiplos modos de viver que a cidade já reuniu.

Pelas necessidades básicas no cotidiano da população, a cidade se estruturou em meio a lugares de serviço, atraindo caminhos e direções da ocupação da cidade. Atividades de trabalho, comércio, lazer e religião faziam parte da rotina diária dos habitantes, assim como a coleta de água para consumo e banho. O abastecimento d'água pela nascente da **Fonte do Tambiá**, desde o século XVII, demarcou um caminho de acesso e uso frequente pela população (MOURA NETO, 1985).

Sua edificação, em 1782, introduziria o eixo de expansão que ali seria tomado posteriormente, formando o bairro de mesmo nome. Como símbolo das várias fontes que abasteciam a cidade durante os primeiros séculos de vida, desativadas e destruídas com a implantação do sistema de água encanada, ainda serve às funções originais e preserva em si as características originais da sua construção.

Além das atividades religiosas que tomavam forma nos templos da colônia,

a instituição da Igreja possuía contribuições fundamentais na organização da vida urbana, marcadamente pela sua incubência do ensino.

O Conjunto Jesuíta, edificado no século XVIII para abrigar a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, o Seminário, a Casa de Residência e o **Colégio dos Jesuítas** (atual Faculdade de Direito) da cidade, que possuía a incumbência do ensino da escrita e leitura, contagem, latim e da moral e bons costumes (MOURA NETO, 1985) para rapazes da cidade da Parahyba e região. O caráter educacional do edifício se manteve mesmo após a expulsão da ordem no final do mesmo século, abrigando diversas atividades de ensino de letras, geometria e do Liceu Paraibano, até assumir o funcionamento da Faculdade de Direito da Universidade Federal.

Apenas no século XIX, é fundado o primeiro instituto para educação de mulheres da cidade, o **Colégio Nossa Senhora das Neves**, que seria administrado pela Diocese Paraibana até seu fechamento, nos anos 2000. Desde então, passa a abrigar as atividades da Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba, assim como o terceiro colégio administrado pela Igreja que integra esse conjunto de edifícios educacionais iniciais da Cidade Alta, o **Colégio Pio XII**.

Na região do Varadouro, consolidado com as atividades ligadas ao exterior e ao comércio, recebia equipamentos de uma sociedade que indicava os primeiros sinais ao progresso e recebeu os pri-

meiros e principais hotéis da cidade, o **Hotel Luso-Brasileiro** e o **Hotel Globo**.

No advento do século XX, novos edifícios marcam novas demandas de função e se tornam elementos símbolo da modernização da época. Imponentes prédios da arquitetura civil de função privada com características ecléticas marcam a Cidade Alta e Baixa. No Varadouro, na então Rua do Comércio, Maciel Pinheiro, é construído o edifício da **Associação Comercial**, em 1919, no processo de adequação do setor às demandas e dificuldades enfrentadas na época. Sua associação de empregados também contribuiu na criação da **Academia de Comércio Eptácio Pessoa**, localizado em uma das mais novas praças da Cidade Alta, a Praça Venâncio Neiva, instituto de educação inaugurado em homenagem ao centenário da independência, em 1922, cujo uso se mantém até os dias de hoje. No mesmo contexto, ainda no final do século XIX, é edificado o primeiro teatro da cidade, o **Teatro Santa Rosa**, integrando o conjunto arquitetônico da Praça Pedro Américo.

Na Cidade Alta, a Rua Duque de Caxias se destaca ao longo da década de 30 e 40, abrigando intensas atividades comerciais e de serviços, e se evidencia como centro social da cidade, contando com diversos equipamentos de recreação, botequins, clubes elegantes e variadas opções de lazer, que reuniam a população diariamente. Nos novos tempos de modernidade, a rua recebeu o **Cinema Rex**, um dos mais tradicionais cinemas da cidade (TINEM, 2005). Edi-

fícios como a sede social do **Clube Cabo Branco**, construído em 1927, e o **Clube Astréa**, fundado em 1886, agregavam atividades de lazer aos associados e que, devido à grande demanda, foram transferidos para unidades mais amplas e modernas, nos novos bairros de Miramar e Tambiá, respectivamente.

A Cidade Alta se transforma social e estruturalmente por meio dos espaços públicos. A construção do Ponto de Cem Réis modifica as dinâmicas e atividades de todo seu entorno. Como principal destaque das fachadas tangentes, o **Páraíba Palace Hotel**, construído em 1931, se tornaria símbolo do local e do momento atual. Após as reformas da década de 50, a praça perde o característico relógio central, que vai para o alto da torre do edifício, remodelado às linhas da modernidade, consagrando-o como elemento mais marcante do espaço.

O papel do Estado na educação laica, inovadora e aberta aos princípios da sociedade moderna é evidenciado em mais uma grande obra da época. Em 1939, na recém implantada parkway da cidade, a construção do **Instituto de Educação**, que abrigava desde o Jardim de Infância, a Escola de Aplicação, o Liceu Paraibano até a Faculdade de Filosofia, marcava as novas intenções da cidade futura, com conceitos, ideais, e métodos construtivos inovadores. Estrategicamente localizado para reforçar a urbanização crescente da área, que pouco a pouco se iniciava no eixo de expansão em direção ao mar.

48 Três estágios da educação da cidade. Colégio dos Jesuítas, com a torre da Igreja da Conceição (I); Colégio das Neves (II); Instituto de Educação (III).

3.47



II



III

49 Os lugares sociais na Cidade Alta. Primeira sede do Clube Cabo Branco (I); Cinema Rex (II); Duas épocas do Paraíba Palace Hotel (III e IV).

3.48





I

50 Novos
tempos da vida
urbana; Tea-
tro Santa Rosa
(I); Hotel
Globo (II);
Hotel Luso-
-Brasileiro
(III).

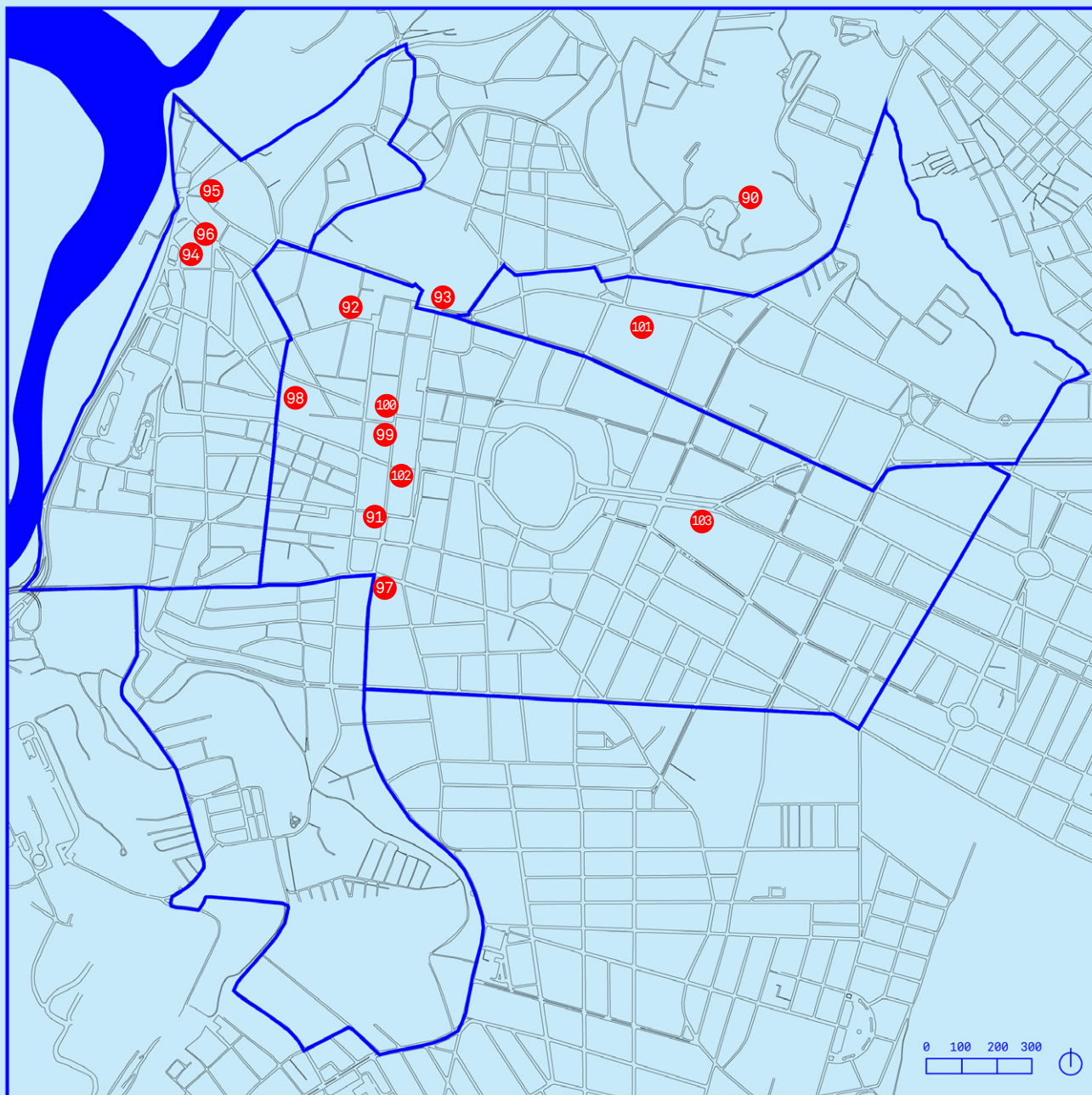


II



III

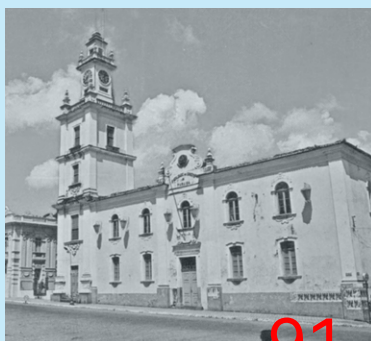
51 Mapa de localização dos espaços de urbanidade.



90 Fonte do Tambiá 91 Colégio dos Jesuítas 92 Colégio N.S. das Neves 93 Colégio Pio XII 94 Hotel Luso-Brasileiro 95 Hotel Globo 96 Associação Comercial 97 Academia de Comércio 98 Teatro Santa Rosa 99 Cinema Rex 100 Clube Cabo Branco 101 Clube Astréa 102 Paraíba Palace 103 Instituto de Educação



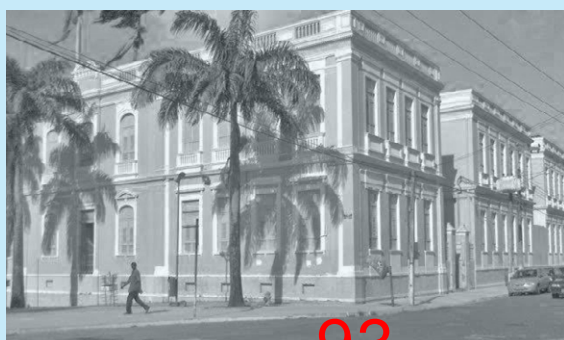
90



91



92



93



94



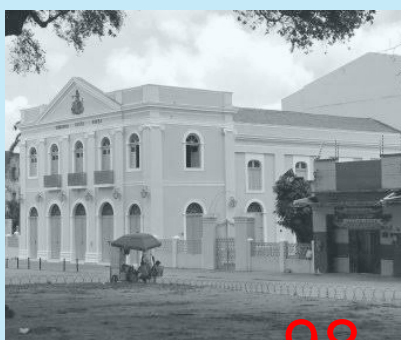
95



96



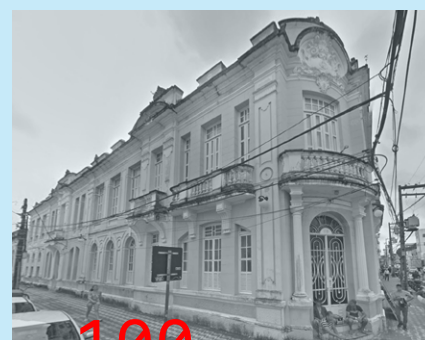
97



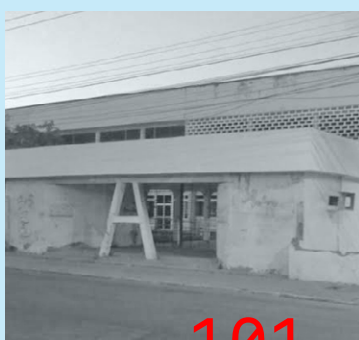
98



99



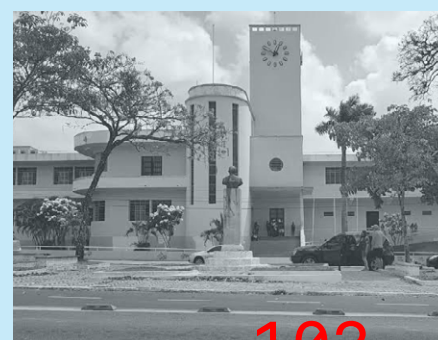
100



101



102



103

Espaços da cultura

Enquanto alguns lugares foram aqui expostos conforme seus momentos de criação, pelos usos que foram originalmente atribuídos e dos períodos que marcaram, outros serão aqui observados pela ótica do ressignificado que ganharam nos dias atuais.

A relevância que conquistaram por abrigarem atividades culturais e artísticas que ultrapassaram os limites de suas demandas funcionais originais, e colaboraram com sua utilização e preservação que hoje apresentam. Individualmente, explicitam processos comuns a muitos edifícios do centro antigo após o prestígio dos primeiros séculos de vida.

Com a evasão residencial e de serviços das áreas da Cidade Alta e Baixa ao longo do século XX, diversos edifícios públicos e privados, perdendo seus usos originais, caíram em desuso e posterior abandono. Alguns, com sorte, sofreram intervenções estatais para recuperação e inclusão de novos usos e ocupações.

Alguns edifícios foram recuperados pelas novas funções culturais. O edifício da **Biblioteca Estadual**, construído em 1886, foi originalmente inaugurado para as atividades da Escola Normal, como permaneceu por mais de 20 anos, para posteriormente abrigar o Superior Tribunal de Justiça, antes de receber a Biblioteca Pública do Estado até sua transferência para o Espaço Cultural.

Nos anos 80, depois de um processo de restauração, voltou a abrigar um anexo da biblioteca, que se mantém até hoje. A **Academia Paraibana de Letras**, por sua vez, ocupa um edifício colonial pertencente originalmente à Ordem Terceira de São Francisco, que, em 1947, já em deteriorado estado de conservação, foi adquirido e reformado para atender às demandas da instituição.

Alguns edifícios abrigaram nos seus históricos uma variedade de usos e ocupações públicas, possível razão de suas preservações. Os edifícios do **Núcleo de Arte Contemporânea** da Universidade Federal da Paraíba e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico da Paraíba (**IPHAEP**), construídos no início do século XX, ambos funcionaram como residências, escolas e repartições públicas antes de receberem as atividades atuais, localizadas na Rua das Trincheiras e na Avenida João Machado, respectivamente, duas das novas vias de expansão da cidade.

Alguns edifícios sofreram processos intensos de abandono e deterioração, e tiveram o tombamento como última solução. O Sobrado Comendador Santos Coelho, o **Casarão de Azulejos**, que hoje abriga a Secretaria de Cultura do Estado, foi construído no século XIX, e após abrigar usos diversos, chegou aos anos 1990 em estado bastante degradado, com ameaça de desabar, para então sofrer intervenções de restauração.

O mesmo ocorreu com a **Fábrica de Vinho de Caju Tito Silva**, que, mesmo tendo

seu prédio e maquinaria desapropriados pelo governo e tombados pelo IPHAN, a fim de preservar o conhecimento dos processos de produção dos vinhos, veio a ser desativada, sendo saqueada e deteriorada até um estado de ruína parcial. O complexo então restaurado no ano de 2003 passou a abrigar a Oficina Escola de João Pessoa, responsável pela execução da obra.

A **Casa da Pólvora**, outro edifício tombado pelo IPHAN, datado do século XVIII, também passou por processos de deterioração e total abandono. Quase demolida nos anos 20, foi restaurada e ganhou serviços de apoio à atividades de lazer e turismo.

Outro exemplo é o edifício do **IPHAN**, na Praça Rio Branco, construído em 1782 para abrigar o açougue da cidade, mercado público e agência dos Correios até os anos 70, quando se instaurou em abandono e em péssimo estado de conservação. Sobrevivente das demolições na quadra para a construção do possível Viaduto Damásio Franca, o edifício passou por restaurações e hoje é o último do antigo Largo do Erário que registra a arquitetura da época de construção (MOURA NETO, 1985).

Dos vários edifícios com históricos de dificuldade e deterioração, podemos aqui citar um exemplo que por sua vez fugiu à regra, tendo nascido com função cultural e mantendo até os dias de hoje. O **Grupo Escolar Thomas Mindello** foi inaugurado em 1916 como primeiro grupo escolar da cidade, e se desta-

cava como instituição disseminadora de inovações pedagógicas. Posteriormente, abrigou outras atividades ligadas à educação, sempre como referência de centro cultural e educacional. Após o encerramento das atividades escolares, nos anos 80, o edifício abrigou sedes de movimentos sociais e até os dias de hoje, abriga as atividades do CEARTE – Centro Estadual de Arte, oferecendo mais uma vez aulas, dessa vez de cursos e atividades artísticas.

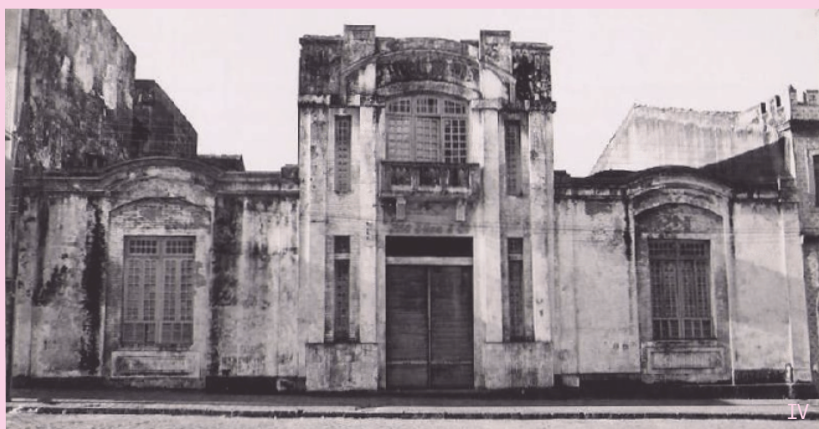
Por fim, a **Praça Antenor Navarro**, no Varadouro, marca atualmente uma das áreas culturais mais pulsantes da cidade. Juntamente com seu casario, toma forma no início do século XX, com os novos ideais de sociabilidade que tornariam a área de um grande prestígio e um “espaço da boemia noturna no Varadouro”. Nas décadas seguintes vai perdendo o destaque, passando por anos de abandono e degradação devido a subutilização do espaço da praça e dos casarões (SCOCUGLIA, 2003).

No final dos anos 90, enfim, passa por um processo de revitalização e restauração, com alteração da configuração espacial e dos usos, estabelecendo-a como centro da cultura e vida social noturna do centro, abrigando diversos estabelecimentos e casas de música e cultura.



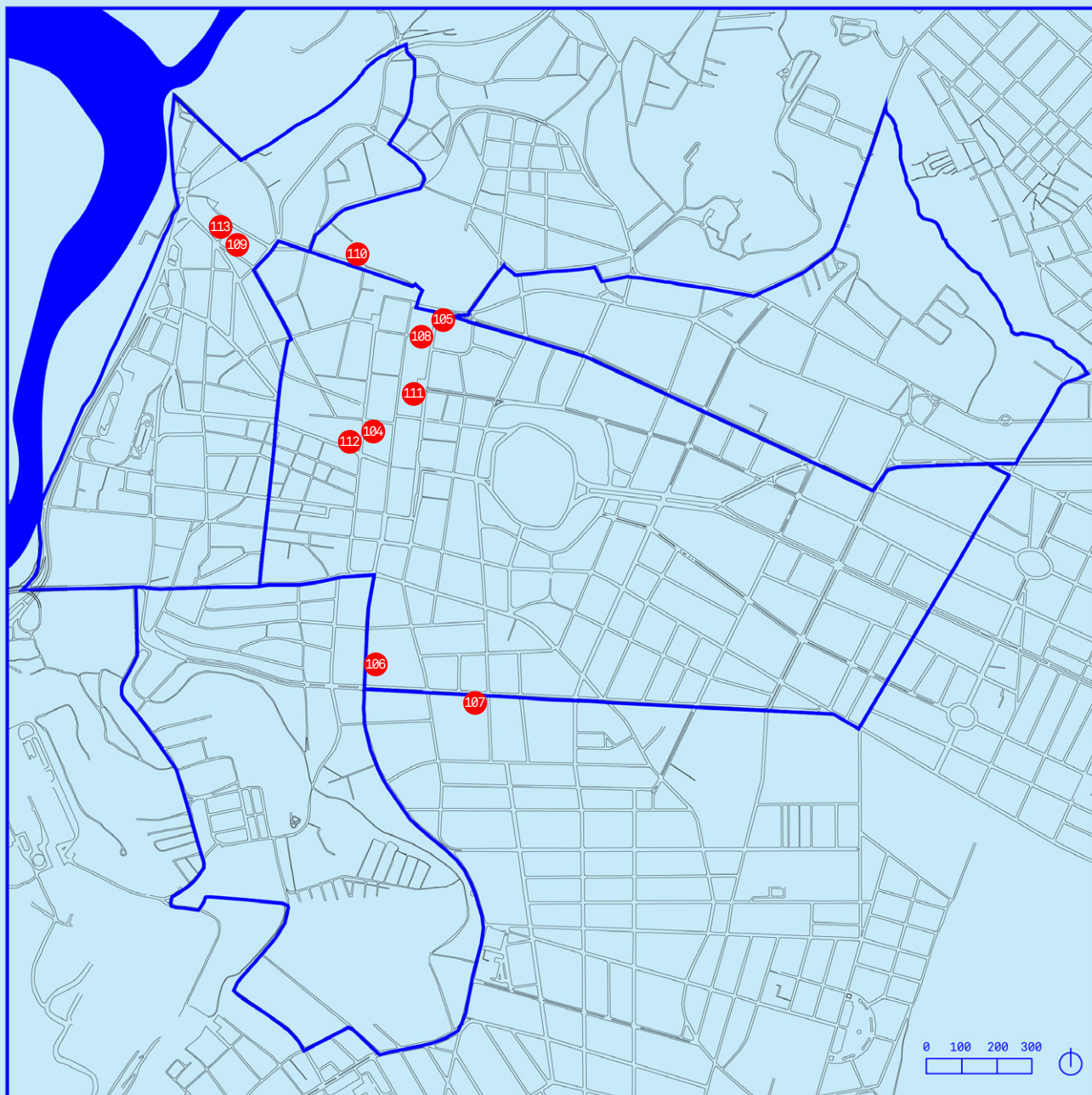
53 Antigas funções na história dos espaços; Biblioteca Estadual enquanto Escola Normal (I); Ceará enquanto Grupo Escolar (II); Casarão de Azulejos abrigando repartições públicas nos anos 50.





54 Os tempos de degradação; Casa da Pólvora em ruínas (I); Antigo Açougue enquanto Correios (II); Ocupação indevida da Praça Antenor Navarro (III); Estágio de abandono da Fábrica Tito Silva (IV).

55 Mapa de localização dos espaços de cultura.



104 Biblioteca Estadual 105 Academia Paraibana de Letras 106 Núcleo de Arte Contemporânea
 107 IPHAEP 108 Casarão de Azulejos 109 Fábrica Tito Silva 110 Casa da Pólvora 111 IPHAN 112
 Grupo Escolar Thomas Mindello 113 Praça Antenor Navarro



104



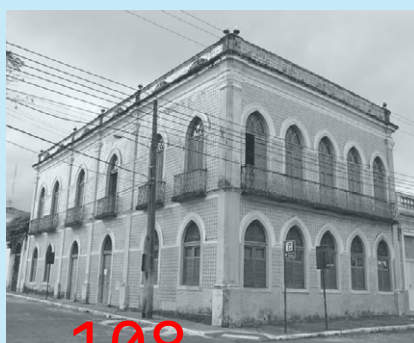
105



106



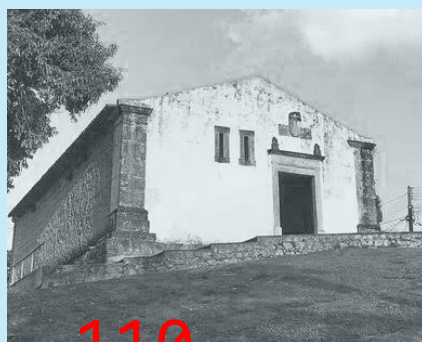
107



108



109



110



111



112



113

Por fim, o conjunto formado pelos 112 lugares levantados entre as 10 discussões funciona como registro de algumas versões da história e da memória da cidade. Os sentidos de cada espaço se materializam na sua morfologia física e seus elementos, na ocupação pelas pessoas e atividades, e na criação de tantas narrativas pelo tempo.

Das várias e diversificadas camadas que formam a vida no centro da cidade, físicas e imateriais, todas refletem e são frutos da experiência humana nos espaços. São atividades, histórias, construções, pessoas, sentimentos que se materializam ao longo do tempo em lugares repletos de significados.

É possível, então, na observação de cada uma dessas camadas e diferentes leituras, apreender visões variadas de lugares comuns, com naturezas, afetos e usos distintos, possibilidades de vivência completamente diferenciadas.

Por meio desses vários recortes espaciais de relevância, valor e afeto na cidade, pode-se perceber discussões inerentes à pluralidade dos espaços urbanos e dos atores de produção dos centros, além dos diversos métodos de apreensão de suas complexas realidades.

4 LUGARES

Objetos de tantos processos na evolução do centro de João Pessoa, cada um dos lugares citados nas camadas anteriores manifestam infinitas relações com o organismo da cidade, mas também com si próprios. Após apresentá-los como partes de seus conjuntos, os argumentos levantados nas discussões deste trabalho direcionam à uma abordagem individual, caso a caso, da amplitude de memórias e significados que cada um carrega em sua história.

Na exploração desses elementos por meio de um guia, tem-se a oportunidade de perceber e estudar a constituição da cidade e de seu patrimônio por essa ótica, e sobretudo, *conhecer* esses lugares. Como desdobramento do material selecionado, propõem-se quatro roteiros, opções de percursos, rotas a serem exploradas sob determinados temas, como sínteses da história do centro. Caminhos que convidam a um reconhecimento real e vivo dos objetos de estudo, devidamente direcionados às narrativas que aqui foram apresentadas. Afinal, o ato de conhecer uma área é intimamente interligado ao ato de percorrê-la, observá-la, senti-la pessoalmente.

O esforço de sintetizar a cidade em partes mensuráveis fornece o poder de apreensão do gigante meio urbano à dimensão de um indivíduo. De tais dezenas de espaços relevantes que formam o universo multi-temporal, morfológico e tipológico do centro, a eleição de alguns pontos fornece clareza e organização à certos processos e momentos da composição de sua história. Desta, infinitas versões podem ser contadas, mas apenas algumas foram aqui selecionadas.

A história do centro de João Pessoa é um relato de um lugar escolhido para ser cidade, e das pessoas que aqui viveram, realizaram atividades ou apenas passaram, e de todos os espaços que abrigaram tais momentos. Traduzir 433 anos de lugares em 4 percursos é trazer um ínfimo dessas narrativas à tona, uma proposta de visualização dentro de meio fundamentalmente repleto de sobreposições: temporais, estilísticas, de usos e de muitos outros aspectos.

As dez camadas estudadas apresentam determinados contextos semelhantes, que, quando agrupadas, puderam naturalmente gerar quatro recortes temáticos utilizados para essa exploração.

Como ferramentas de articulação e de organização da visibilidade do conjunto de lugares estudado, os roteiros definem percursos estabelecidos, interligando e conferindo sentido geográfico e espacial a dez lugares síntese escolhidos para cada caminho.

Cada lugar é então apresentado, em sua configuração atual, por fichas de introdução, com históricos, atividades, fatos e características específicas que fazem dele um lugar de memória através dos anos, as ressignificações e transformações, sua personalidade. Dentro dos limites desse trabalho, a fim de formular um exemplo de produto final às discussões, foram exemplificados um dos espaços síntese de cada roteiro, totalizando quatro lugares.

No Roteiro 1, das atividades do centro antigo, são trazidos lugares que foram palco dos três usos que mais definiram o espaço urbano da cidade desde sua fundação, e até hoje se fazem presentes na vida da região, gerando movimento, dinamicidade e uma ocupação intensa da grande maioria dos edifícios. Os espaços religiosos, administrativos e comerciais.

No Roteiro 2, dos elementos do traçado, são destacados alguns dos principais espaços públicos da região, que, além

de serem responsáveis pela formação da malha urbana da cidade, apresentam relevância pelas suas criações, pelos espaços do entorno que tomam forma, pela apropriação da população, e pelo caráter que adquiriram de acordo com suas atividades. São ruas, ladeiras e praças que integram um conjunto único e muito particular da configuração do centro.

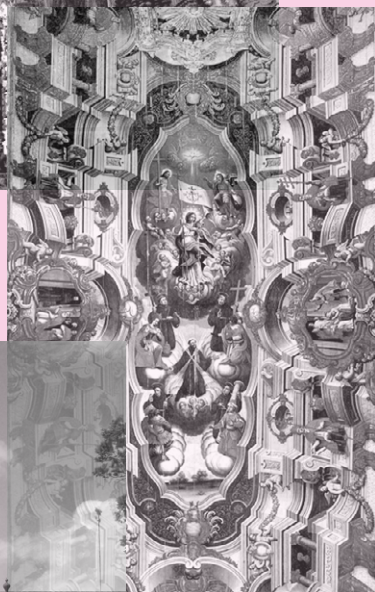
No Roteiro 3, dos lugares da modernidade, trata-se de um contexto arraigado às inovações de pensamento, de tecnologia, e de urbanismo trazidos com a chegada do século XX. Mesmo que esse momento esteja presente em todas as discussões nos outros roteiros, os espaços aqui indicados representam um período de transformações que se consolidou na estrutura urbana da cidade, e continuou gerando demandas e alterações com o passar dos anos. São edifícios verticalizados e espaços relacionados à dinâmicas de circulação viária e de pessoas.

No Roteiro 4, dos espaços sociais, são pontuados lugares ligados à urbanidade e à vida na cidade, motivados pelo convívio em sociedade do cotidiano, o lazer, as atividades de recreação, que hoje representam muito dos costumes, práticas e da cultura dos habitantes dessa cidade e desse estado.

Roteiro

01

Lugares de
atividade



Igreja de São Francisco

Construção
Século XVIII

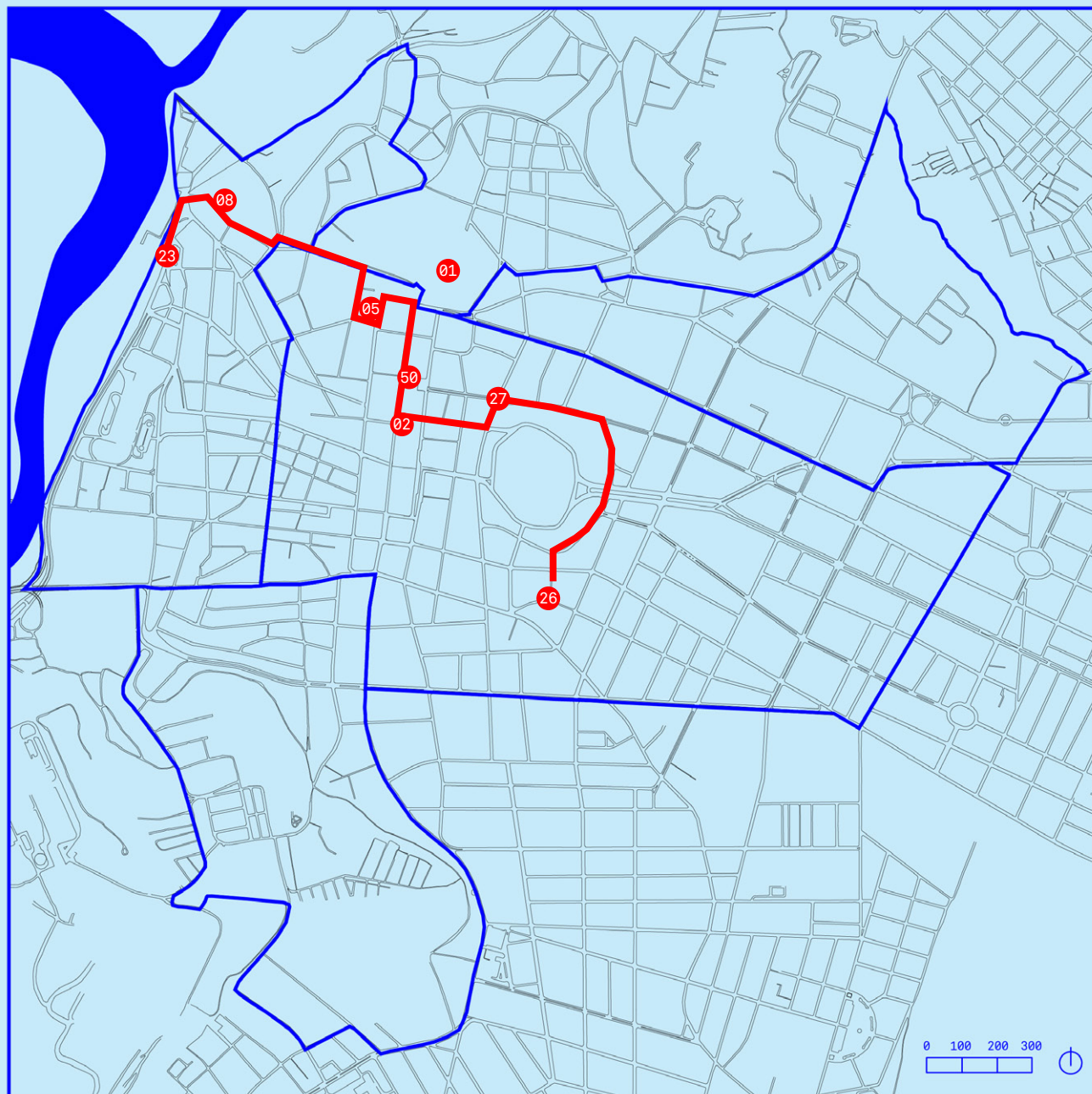
Igreja de São Francisco
Igreja de Santo Antônio
Conjunto Franciscano

O conjunto franciscano da cidade é formado pela Igreja de Santo Antônio, popularmente conhecida como Igreja de São Francisco, o Convento de Santo Antônio, a Capela de São Francisco, a Capela de São Benedito, a Casa de Oração dos Terceiros (Capela Dourada), o Claustro da Ordem Terceira, a Fonte de Santo Antônio, o adro principal e o cruzeiro que o demarca. Juntos, formam um dos complexos arquitetônicos barrocos de maior importância do país.

Desde sua primeira edificação, em 1590, sofreu diversas reconstruções, tendo a sua forma atual datada do século XVIII. No seu interior, fachada e átrio, destacam-se a aplicação de materiais nobres, decorações e ricos trabalhos de manufatura e pintura, dos mais significantes da época. A azulejaria portuguesa, os trabalhos escultóricos em pedra e em madeira, as pinturas sobre os forros da nave central, todo o conjunto artístico de sua construção até hoje representa um dos registros mais importantes da história da cidade, dos templos religiosos e da arquitetura e da arte desse tipo de construção do Brasil.

O conjunto, especialmente o edifício do convento, abrigou uma série de atividades institucionais, de escolas, hospital militar e museu do estado, até a própria de seminário religioso. Nos anos de 1980, foi fechado e restaurado para reinauguração como Centro Cultural, como permanece até os dias de hoje, realizando o papel de estudar e expor arte sacra, popular e arqueológica.

58 Mapa do Roteiro 1 - As atividades do centro antigo.



01 Igreja de São Francisco 02 Igreja da Misericórdia 05 Igreja de N.S. das Neves 08 Igreja de S.F.P. Gonçalves 50 Largo do Erário 23 Varadouro Mercantil 26 Mercado Central 27 Lagoa

Roteiro

02

Lugares do
traçado



Parque Són de Lucena

Construção:
1924

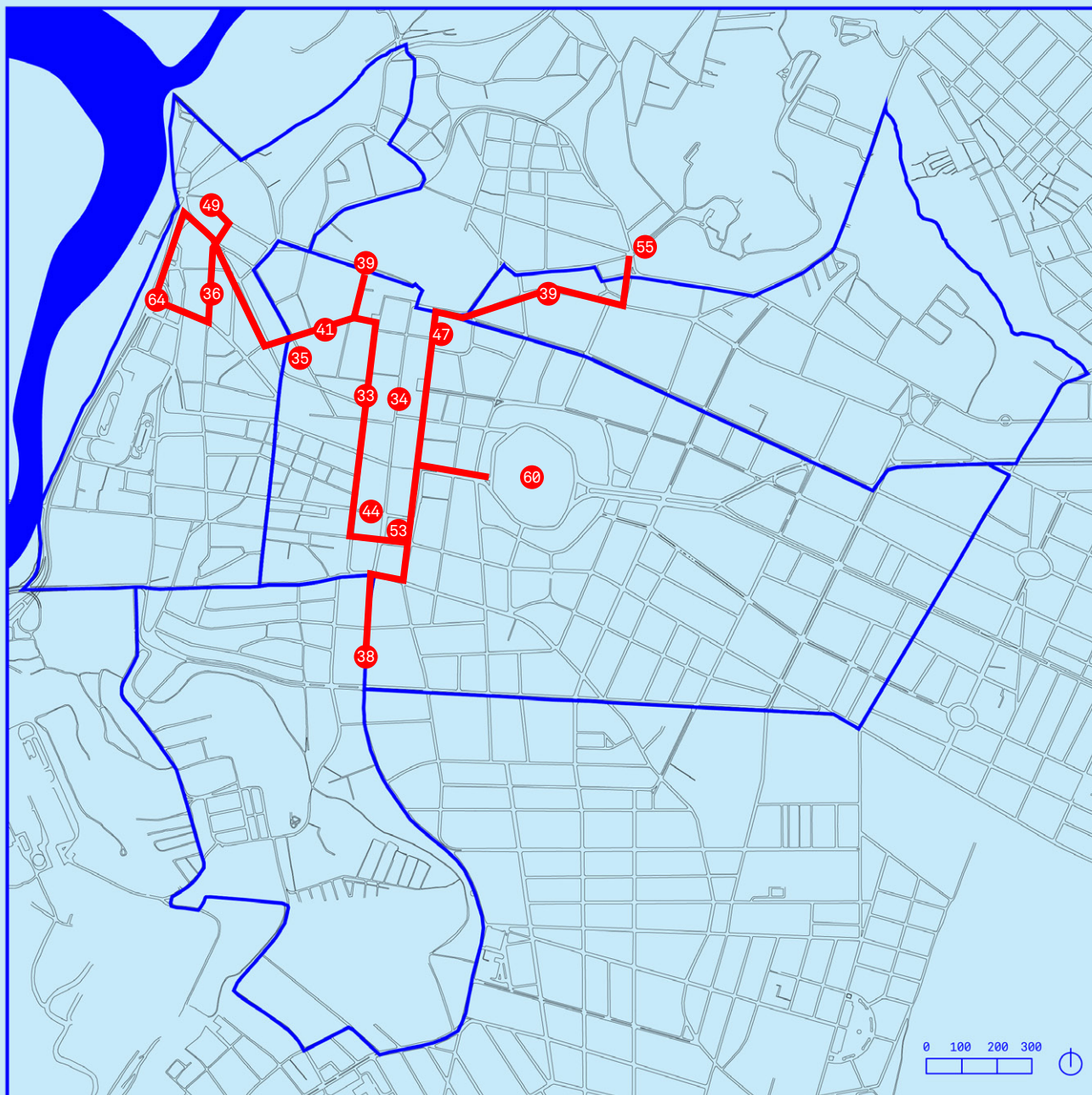
Parque Sólon de Lucena
Lagoa dos Irerês
Lagoa
Parque da Lagoa

A região da Lagoa dos Irerês, localizada à leste do núcleo inicial da cidade, representou por muitos séculos uma barreira à expansão, símbolo de uma insalubridade que barrava o crescimento e desenvolvimento urbano. As obras de saneamento, urbanização e implantação do Parque Sólon de Lucena, em 1924, atribuíram o caráter de lazer e convivência que os tempos modernos podiam oferecer, consolidando o local para a sociedade da época.

Seu entorno foi inicialmente ocupado por residências de alto padrão que acompanharam a recente valorização da região nos anos 40, e que, com a consequente transformação de usos das décadas seguintes, foram sendo lentamente substituídas por equipamentos de comércio e serviços, funções que seriam responsáveis por tornar a região a mais movimentada da cidade. Gradativamente, essas atividades atraíram cada vez mais carros, pessoas, transportes, comércios populares de comida e produtos, um ponto de reunião da urbanidade, e que se firmaria como coração da capital. O intenso fluxo causou um processo de desgaste e diminuição na sua condição de permanência e lazer, resultando em espaços cada vez mais de passagem.

A última intervenção realizada, em 2016, teve como intuito a recuperação das áreas verdes, pavimentação e reestruturação da área como parque com enfoque nos pedestres, com implantação de equipamentos e áreas de recreação, remetendo às funções antigas de um lugar emblemático na vida social, ambiental e urbana de João Pessoa.

60 Mapa do Roteiro 2 - Os elementos do traçado.



33 Rua Nova (Rua General Osório) 34 Rua Direita (Rua Duque de Caxias) 35 Rua da Areia 36 Rua do Comércio (Rua Maciel Pinheiro) 37 Rua do Tambiá (Rua Odon Bezerra e Walfredo Leal) 38 Rua das Trincheiras 39 Ladeira da Borborema 41 Ladeira de São Francisco 44 Escadaria Malagrida 47 Largo do Carmo 49 Largo de São Frei Pedro Gonçalves 53 Praça João Pessoa 55 Parque Arruda Câmara 60 Parque Sólton de Lucena 64 Praça Napoleão Laureano

Roteiro

03

Lugares da
modernidade



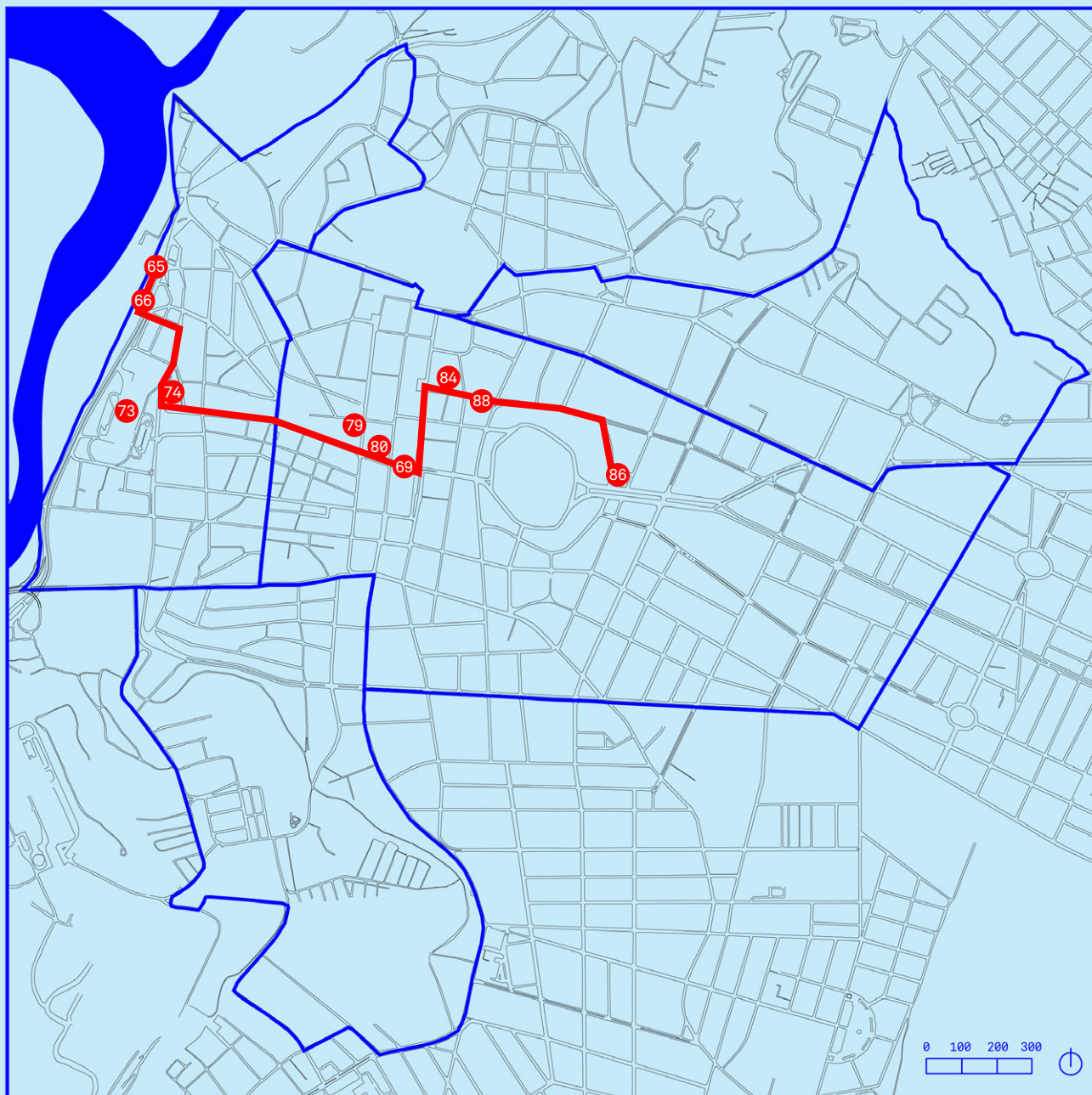
Ponto de Cem Réis

A Praça Vidal de Negreiros surgiu fundamentalmente como ponto nodal das três linhas de bonde existentes na cidade no fim do século XIX, identificação que, pelo preço da passagem anunciada pelos condutores no seu ponto final, se marcou como alcinha do lugar até os dias de hoje, o Ponto de Cem Réis.

Desde então, passou por diversas transformações que ressignificaram o caráter da área, representando épocas marcantes na vida social do centro. Da primeira urbanização em 1924, se formou como um grande pátio para a circulação dos bondes e carros, ganhou um relógio central, um pavilhão com bombonière, café, floricultura e sorveteria. Em 1951, trocou-se o relógio pelo busto de Vidal de Negreiros, e dois pavilhões serviam de lanchonete, bar e bombonière, além de tradicionais engraxates. Desde então, se consolidou como centro de serviços, manifestações cívicas, transportes e das atividades sociais da população. Na década de 70, com a construção do Viaduto Damásio Franca, sofreu mudanças significativas na sua estrutura física, setorizada em diversos patamares e acessos, perdendo um pouco de seu caráter centralizador, mas recebendo novas áreas de permanência e de vegetação.

Em sua última reforma, em 2009, unificou-se toda a pavimentação e os níveis de seus limites, tornando a praça palco de shows e eventos, e firmando o elo de conexão entre as ruas Duque de Caxias e Visconde de Pelotas. As áreas de permanência, limitadas a determinados pontos, deram lugar à uma grande área de fluxo intenso e reunião de pessoas, como “centro do centro” da cidade.

61 Mapa do Roteiro 3 - Os lugares da modernidade.



65 Porto do Varadouro 66 Terminal Ferroviário 69 Ponto de Cem Réis 73 Terminal Rodoviário 74 Terminal de Integração 79 Edifício Presidente João Pessoa 80 Edifício Régis 84 Edifício do INPS 86 Edifício da Reitoria da UFPB 88 Edifício Manoel Pires

Roteiro

04

Lugares da
urbanidade



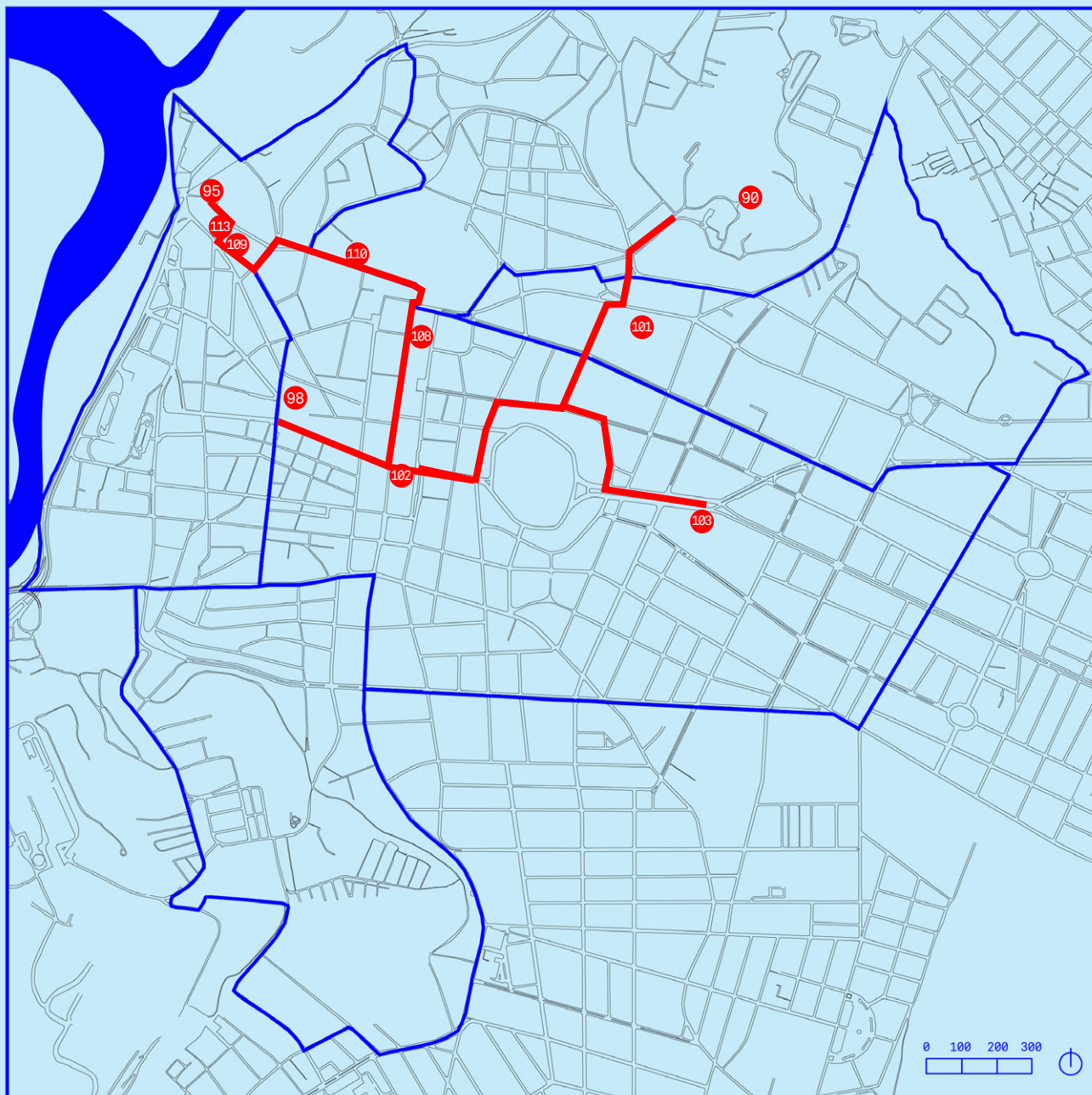
Fábrica
Tito Silva

A Fábrica de Vinhos de Caju Tito Silva, a mais antiga do tipo em todo o nordeste, foi fundada em 1892, e configurou um dos mais antigos exemplares da arquitetura industrial do século XX na cidade. Os edifícios que fazem parte do complexo, incluindo os prédios posteriores localizados na Rua da Areia e seus galpões de produção, foram construídos e adaptados para a viabilização de uma produção que se iniciou artesanalmente e foi sistematizada com máquinas importadas da Inglaterra e dos Estados Unidos. Na década de 1940, a fábrica produzia cinco diferentes tipos de vinho, para venda interna e exportação.

O declínio na instituição ocorreu a partir da década de 60, quando, por problemas financeiros e logísticos, a produção diminuiu gradativamente e a situação da empresa se agravou até ter seu edifício e maquinaria desapropriados pelo governo do estado, encerrando definitivamente suas atividades. Em decorrência, suas instalações terminaram abandonadas e tiveram seu mobiliário e maquinário saqueados, chegando a um estado de praticamente ruínas.

No final dos anos 90, a fábrica foi restaurada e cedida à Oficina Escola de Revitalização do Patrimônio Cultural de João Pessoa, instituição responsável pela execução da obra, que capacita jovens e adultos em técnicas de marcenaria, serralharia, carpintaria e técnicas de construção, voltando suas atividades práticas para realização de trabalhos relacionados à conservação e restauração de edifícios do centro histórico da capital.

63 Mapa do Roteiro 4 -
Os lugares da urbanidade.



90 Fonte do Tambiá 95 Hotel Globo 98 Teatro Santa Rosa 101 Clube Astréa 102 Paraíba Palace
103 Lyceu Paraibano 108 Casarão de Azulejos 109 Fábrica Tito Silva 110 Casa da Pólvora 113
Praça Antenor Navarro

5 CONSIDERAÇÕES

Por fim, a observação e estudo do material selecionado demonstrou perspectivas distintas e levantou questões sobre a construção e representação do meio urbano, enquanto espaço vivo, formado, habitado e significado por pessoas. Da importância do olhar e do registro, que traz novas descobertas sobre lugares consolidados no imaginário da cidade e outros nem sempre tão lembrados.

Dentro de seus limites, se mostrou como um registro exploratório das múltiplas facetas que compõem uma cidade de tantos nomes e, através da história de seus lugares, perceber a memória e o patrimônio como mecanismos de compreensão da sua transformação, que prossegue sempre em movimento.

O centro de João Pessoa, palco de tantos acontecimentos e ocupações, sofreu, a partir da segunda metade do século XX, um processo de esvaziamento e de transformação na dinâmica de usos dos edifícios. Paralelamente à criação de novas áreas de expansão e a migração da população, sobretudo as de maior poder aquisitivo, para os novos bairros rumo ao mar, a área central foi gradativamente perdendo sua influência. A mudança de usos e a diminuição do uso residencial gerou, em muitos casos, o esvaziamento de regiões e o posterior abandono dos espaços, com a perda do seu característico caráter ativo, resultando em diversas problemáticas que permeavam a sua preservação.

Em consequência, a degradação física dos edifícios, abandono e descaracterização dessas áreas geram não só uma destruição de seus tecidos e elementos urbanos, mas da memória material e imaterial resgatada por esses lugares. Ainda assim, mesmo com todos os processos de desgaste, o centro se mantém firme como uma das áreas mais integradas da cidade, mantendo uma vivacidade diária e reformulando suas atividades com o passar dos anos.

As ressignificações que tomaram forma nos espaços agregam ainda mais valores ao centro, compondo um conjunto de lugares que se destacam pelo que foram, pelo que se tornaram, e pelo que ainda são. Os lugares de memória não respondem a critérios definidos, ou retratam igualmente processos que lhes atribuam importância por moti-

vos específicos, mas se manifestam pela pluralidade, por assumir as infinitas camadas de sentido que são possíveis de existir no espaço da cidade.

Ao fim dessa investigação, foi percebido muito mais que o esperado, numa visão ampla do que integra o espírito desses lugares. Alguns são feitos de passado, pela lembrança e recordação de seus feitos e significados, servindo de registro de uma sociedade que não existe mais. Alguns, remontam de momentos de mudança e quebra de seus contextos atuais, impactos no centro consolidado. Já outros se completam pelas transformações, criando novas relações de importância e se adaptando constantemente a novas circunstâncias.

Em comum, todos carregam em si muitas etapas vividas pela cidade de João Pessoa, significados atribuídos pela população, e formam um vasto retrato da identidade particular que nos forma como sociedade. Juntos, colaboram em uma discussão sobre o tipo de centro e de cidade que queremos valorizar, preservar e viver.

A evolução da cidade criou uma vastidão de novos territórios e “novos centros” que, pouco a pouco, enfraqueceram as atividades e relações dos bairros do Centro, Varadouro, Tambiá e Trincheiras, produzindo uma imagem cada vez mais litorânea de uma capital que nasceu de um centro às margens do rio. Pelas palavras de Francisco Sales Filho [2006]:

“Hoje, quando a passagem do rio ao mar está plenamente consumada, caberia refletir não tanto apenas em torno dos ganhos advindos desse processo, mas no que implicou de certas perdas materiais, afetivas e simbólicas, que a nosso ver rebatem-se diretamente sobre a questão do centro histórico da capital. Se, por um lado, essa passagem abriu um novo e largo horizonte às margens do Atlântico, por outro ela conduziu ao abandono e largou à própria sorte parte substancial da cidade e sua história, justamente aquela parcela mais diretamente associada ao rio. [...] O mar deve se voltar e olhar o rio. João Pessoa deve reencontrar a Parahyba, a Frederica, a Filipéia.”

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Maria Cecília Fernandes de. **Espaços públicos em João Pessoa (1889-1940): formas, usos e nomes**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – USP, São Carlos, 2006.

ASSMAN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 2008.

BÍLÁ, Gabriela. **O Novo Guia de Brasília**. Brasília: Ed. do Autor, 2014.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CATARINO, Acácio; GONÇALVES, Regina Célia. **Memória Urbana**. In **Centralidades Periféricas**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2018.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CHAVES, Carolina. **João Pessoa: verticalização, progresso e modernidade. Registro dos prédios altos 1958-1975**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – UFPB, João Pessoa, 2008.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

COSTA, Xico. Síntese gráfica. Funes, el memorioso, e o Colégio de Cartógrafos do Império. **Drops**. São Paulo, ano 05, n. 010.06, Vitruvius, mar. 2005 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/05.010/1643>>.

COUTINHO, Marco Antonio; VIDAL, Wylenna Carlos. **Pelas ruas do mercado, o pulsar de velhos costumes e novos anseios**. O desafio da requalificação do Mercado Central de João Pessoa – PB. **Anais do 7º Seminário Docomomo Brasil: O moderno já passado, o passado já moderno: reciclagem, requalificação, rearquitetura**. Porto Alegre, 2007.

DE MEDEIROS, Coriolano. **O Tambiá da Minha Infância**. João Pessoa: A União, 1994.

DIAS, Clovis. **A força da forma: entre o rio e o mar, o Centro de João Pessoa ainda perto do Sanhauá**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – UFBA/UFPB, Salvador, 2013.

DIEB, Marília de Azevedo. **Áreas verdes públicas da cidade de João Pessoa: Diagnóstico e perspectiva**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – UFPB, 1999.

FENELON, Déa R. **São Paulo: Patrimônio histórico-cultural e referências culturais. Revista Projeto e História: Espaço e Cultura**. São Paulo: EUC, n. 18, 1999.

FERRER, Bruna (et al.). **O Guia Comum do Centro do Recife**. Recife: Ed. do Autor, 2017.

FILHO, Francisco Sales. Do rio ao mar: uma leitura da cidade de João Pessoa entre duas margens. In **Fronteiras, Marcos e Sinais: Leituras das ruas de João Pessoa**. João Pessoa: Editora da UFPB/PMJP, 2006.

FREYRE, Gilberto. **Olinda: 2o Guia Prático, Histórico e Sentimental de Cidade Brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

GILLIS, John R. Memoria e identidad: La historia de una relación. In **Commemorations: The Politics of National Identity**. Princeton: Princeton University Press, 1994.

GUEDES, Rafaela Mabel Silva. **A cidade alta como paisagem: Repensando a conservação do Centro Histórico de João Pessoa**. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. João Pessoa: UFPB, 2012.

GOMES, Paulo César da Costa. **O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

JEUDY, Henri-Pierre. **Memória do social**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

JEUDY, Henri-Pierre. A Maquinaria Patrimonial. In **Espelho das Cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. Lisboa: Edição 70, 1960.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH, n. 45, 2003.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. O museu na cidade X a cidade no museu: para uma abordagem histórica dos museus de cidade. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH, n. 8/9, 1985.

MOURA NETO, Anibal Victor; MOURA FILHA, Maria Berthilde; PORDEUS, Thelma Ramalho. **Patrimônio arquitetônico e urbanístico de João Pessoa – um pré-inventário**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – UFPB, João Pessoa, 1985.

NOGUEIRA, Antonio. Inventários, espaço, memória e sensibilidades urbanas. In **Educar em Revista**. Curitiba: 2015.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo, 1993.

ORTEGOSA, Sandra Mara. Cidade e memória: do urbanismo “arrasa-quarteirão” à questão do lugar. **Arquitextos**. São Paulo, ano 10, n. 112.07, Vitruvius, set. 2009 <<http://www.vitruvius>

vius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.112/30>.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidade, Espaço e Tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. **Cadernos do LE-PAAQ: Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio**. Pelotas: Editora da UFPEL, 2005.

RODRIGUEZ, Walfredo. **Roteiro Sentimental de uma Cidade**. João Pessoa: A União, 1994.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Cia das Letras/UFMG, 2007.

SCOCUGLIA, Jovanka Baracuhhy Cavalcanti. **Sociabilidades, Espaço Público e Cultura: usos contemporâneos do patrimônio na cidade de João Pessoa**. Tese (Doutorado em Sociologia) – UFPE, Recife, 2003.

SCOCUGLIA, Jovanka Baracuhhy Cavalcanti. **Imagens da cidade: patrimonialização, cenários e práticas sociais**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2010.

SILVA, Eudes Raony. **Centro antigo de João Pessoa: forma, uso e patrimônio edificado**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – UFRN, Natal, 2016.

SOUSA, Alberto et al. **Guia do Recife: Arquitetura e Paisagismo**. Recife: Ed. dos Autores, 2004.

TELES, Mônica Maria Ferreira. **A cartografia turística de João Pessoa e seus discursos sobre a cidade**. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – USP, São Paulo, 2015.

TINEM, Nelci (org.). **Fronteiras, Marcos e Sinais: Leituras das ruas de João Pessoa**. João Pessoa: Editora da UFPB/PMJP, 2006.

VIDAL, Wylinna Carlos Lima. **Transformações urbanas: a modernização da capital paraibana e o desenho da cidade, 1910 – 1940**. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) – UFPB, João Pessoa, 2004.

VILLELA, Ana. Nuances urbanas: O patrimônio histórico e sua (des) continuidade no cotidiano social. In **Anais do I Seminário Internacional Urbicentros: Morte e vida dos centros urbanos**. João Pessoa: Editora da UFPB: 2010.

IPHAN, Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil). **Rede de Arquivos IPHAN**. Disponível em: <<http://acervodigital.iphan.gov.br/>>. Acesso em: 15 set. 2019.

IPHAN, Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil). **Portal IPHAN**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/>>. Acesso em: 15 set. 2019.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Biblioteca IBGE**. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 15 set. 2019.

MEMÓRIA JOÃO PESSOA. **Acervo Patrimonial**. Disponível em: <<https://www.memoriajo-aopessoa.com.br/acervo-patrimonial.php>>. Acesso em: 15 set. 2019.

CANTARELLI, Rodrigo. **Fábrica Tito Silva (João Pessoa, PB)**. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 15 set. 2019.

PARAÍBA CRIATIVA. **Inventário - Centro Cultural São Francisco**. Disponível em: <<https://www.paraibacriativa.com.br/artista/centro-cultural-sao-francisco/>>. Acesso em: 15 set. 2019.

PMJP, Prefeitura Municipal de João Pessoa, Secretaria de Turismo. **Igreja de São Francisco**. Disponível em: <<https://turismo.joaopessoa.pb.gov.br/o-que-fazer/pon-tos-turisticos/igrejas/igreja-de-sao-francisco/>>. Acesso em: 15 set. 2019.

PMJP, Prefeitura Municipal de João Pessoa. **Parque da Lagoa**. Disponível em: <<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/parquedalagoa/>>. Acesso em: 15 set. 2019.

PMJP, Prefeitura Municipal de João Pessoa, Secretaria de Turismo. **Ponto de Cem Réis**. Disponível em: <<https://turismo.joaopessoa.pb.gov.br/o-que-fazer/pontos-turistici-cos/pracas-e-parques/ponto-de-cem-reis/>>. Acesso em: 15 set. 2019.

LISTAGENS

1 Diagrama explicativo do método organizacional do trabalho.

Fonte: Elaborado pela autora.

2 Localização dos quatro bairros que compõem a região do centro: Varadouro, Centro, Trincheiras e Tambiá.

Fonte: Elaborado pela autora, em base da PMJP.

3 Divisão geo-política atual dos bairros.

Fonte: Elaborado pela autora, em base da PMJP.

4 Evolução da malha urbana da cidade ao longo dos séculos - 1654.

Fonte: Elaborado pela autora, em base da PMJP, e informações de Vidal [2004].

5 Evolução da malha urbana da cidade ao longo dos séculos - 1889.

Fonte: Elaborado pela autora, em base da PMJP, e informações de Vidal [2004].

6 Zoneamento das áreas existentes na cidade em 1889.

Fonte: Elaborado pela autora, em base da PMJP, e informações de Tinem [2005].

7 Evolução da malha urbana da cidade ao longo dos séculos - 1923.

Fonte: Elaborado pela autora, em base da PMJP, e informações de Vidal [2004].

8 Evolução da malha urbana da cidade ao longo dos séculos - 1930.

Fonte: Elaborado pela autora, em base da PMJP, e informações de Vidal [2004].

9 Atual poligonal de delimitação de Centro Histórico pelo IPHAEP - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba.

Fonte: Elaborado pela autora, em base da PMJP.

10 Atual poligonal de delimitação de Centro Histórico pelo IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Fonte: Elaborado pela autora, em base da PMJP.

11 As antigas igrejas demolidas no centro.

Fonte: <https://www.facebook.com/petronio.souto.9/photos_all>. Acesso em: 12 set. 2019.

Imagens I, II, III e IV: Acervo digital Petrônio Souto

12 Mapa de localização dos espaços de religião.

Fonte: Elaborado pela autora, em base da PMJP.

13 Quadro atual dos espaços de religião.

Fonte: 01: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Centro_Cultural_S%C3%A3o_Francisco> 02: <<https://www.archdaily.com.br/br/756523/projeto-memoria-joao-pessoa-promove-a-educacao-patrimonial-na-paraiba/>> 03: <<https://www.hpip.org/pt/heritage/details/1036>> 04: <<https://www.hpip.org/pt/heritage/details/1036>> 05: <<https://www.archdaily.com.br/br/756523/projeto-memoria-joao-pessoa-promove-a-educacao-patrimonial-na-paraiba/>> 06: <https://joaopessoavistapormim.blogspot.com/2009/06/blog-post_8443.html> 07: <<https://mapio.net/pic/p-18051248/>> 08: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/turismo/2016/06/09/interna_turismo,535465/passeio-pelo-centro-historico-de-joao-pessoa-e-um-mergulho-na-historia.shtml> 09: <<https://imagensamadas.com/tag/cine-jaguaribe/>> 10: <<https://joaopessoavistapormim.blo>>

gspot.com/2009/06/blog-post_5653.html> 11: <<https://correiodaparaiba.com.br/cidades/joao-pessoa/progresso-muda-igrejas-e-de-alguns-templos-antigos-so-restam-relatos-e-fotos/>> 12: <<http://jopbj.blogspot.com/2011/05/igreja-mae-dos-homens-joao-pessoa.html>>. Acesso em: 12 set. 2019.

14 A antiga Casa de Câmara e Cadeia, com o Açougue à direita (I); Antiga Casa dos Contos, então Delegacia Fiscal (II); Palácio do Governo (III).

Fonte: <https://www.facebook.com/petronio.souto.9/photos_all>. Acesso em: 12 set. 2019.

Imagens I, II, III e IV: Acervo digital Petrônio Souto.

15 Antigo Quartel de Polícia (I); Comando da Polícia enquanto Palácio das Secretarias (II); Edifício dos Correios (III).

Fonte: <https://www.facebook.com/petronio.souto.9/photos_all>. Acesso em: 12 set. 2019.

Imagens I, III: Acervo digital Petrônio Souto; Imagem II: Acervo Stuckert.

16 Mapa de localização dos espaços de administração.

Fonte: Elaborado pela autora, em base da PMJP.

17 Quadro atual dos espaços de administração.

Fonte: 13, 14, 15: Google Street View 16: <<http://www.ipatrimonio.org/joao-pessoa-casa-na-praca-do-erario/#!/map=38329&loc=-7.117730000000009,-34.883361,17>> 17: <<http://paraibadebate.com.br/palacio-da-redencao-deve-se-tornar-espaco-para-visitacao-diz-joao-azevedo/>> 18: <<http://1bpmnorte.blogspot.com/p/comandante.html>> 19: <<https://www.maispb.com.br/217809/governo-altera-comando-de-batalhoes-da-policia-militar.html>> 20: <<https://portalcorreio.com.br/antiga-central-de-policia-vai-abrigar-escola-tecnica-de-artes/>> 21: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Assembleia_Legislativa_da_Para%C3%ADba,_Jo%C3%A3o_Pessoa_\(PB\).jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Assembleia_Legislativa_da_Para%C3%ADba,_Jo%C3%A3o_Pessoa_(PB).jpg)> 22: <<https://diariopb.com.br/em-nota-correios-negam-fechamento-de-agencia-central-em-joao-pessoa/>>. Acesso em: 12 set. 2019.

18 A Cidade Baixa do comércio. Antigo edifício da Alfândega (I); Região do porto e do Varadouro Mercantil (II); A Rua do Comércio (III).

Fonte: <https://www.facebook.com/petronio.souto.9/photos_all>. Acesso em: 12 set. 2019.

Imagem I: Dias [2013]; Imagem II: Acervo digital Petrônio Souto; Imagem III: Acervo Olívio Pinto.

19 O Mercado Central em dois momentos. No dia de sua inauguração, em 1948 (I); A densa ocupação das décadas seguintes (II e III).

Fonte: Imagens I, II, III: Coutinho; Vidal [2007].

20 Mapa de localização dos espaços de comércio.

Fonte: Elaborado pela autora, em base da PMJP.

21 Quadro atual dos espaços de comércio.

Fonte: 28, 29, 32: Google Street View 23: <<https://correiodaparaiba.com.br/cidades/predios-se-guem-sob-risco-no-centro-historico-de-jp/>> 24: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/festa-das->

-neves/2013/noticia/2013/08/revitalizacao-do-porto-do-capim-em-joao-pessoa-divide-opinioes.html> 25:<<http://www.ub.edu/geocrit/-xcol/150.htm>> 26: <<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/mercado-central-completa-63-anos-e-marca-a-historia-da-cidade-e-a-vida-dos-pessoenses/>> 27: <<https://portalcorreio.com.br/paraiba-so-ultrapassara-4-milhoes-de-habitantes-em-2020-diz-ibge/>> 30: <<https://pt.foursquare.com/v/shopping-centro-terceir%C3%A3o/4d541b998652224b-2234d7d7>> 31: <<http://www.portaldolitoralpb.com.br/arrombam-caixa-eletronico-do-shopping-popular-4400-em-joao-pessoa>>. Acesso em: 12 set. 2019.

22 A Rua Nova (General Osório) na primeira fotografia da cidade, em 1870 (I) e na década de 1940 (II), aos pés da Matriz. Já após seu alongamento, partindo do lado contrario, na Praça João Pessoa (III).

Fonte: <https://www.facebook.com/petronio.souto.9/photos_all>. Acesso em: 12 set. 2019.

Imagem I: Acervo Walfredo Rodriguez; Imagens II e III: Acervo digital Petrônio Souto.

23 A Rua Direita (Duque de Caxias) em direção ao cruzeiro da Igreja São Francisco (I), ao Colégio Jesuíta (II) e a partir da Igreja da Misericórdia.

Fonte: <https://www.facebook.com/petronio.souto.9/photos_all>. Acesso em: 12 set. 2019.

Imagens I, II: Acervo digital Petrônio Souto; Imagem III: Acervo Stuckert.

24 Três momentos da Rua da Areia.

Fonte: <https://www.facebook.com/petronio.souto.9/photos_all>. Acesso em: 12 set. 2019.

Imagens I, II, III: Acervo digital Petrônio Souto.

25 Rua das Trincheiras na altura da Igreja de Lourdes (I) e da Balaustrada João da Mata (II).

Fonte: <https://www.facebook.com/petronio.souto.9/photos_all>. Acesso em: 12 set. 2019.

Imagens I, II: Acervo digital Petrônio Souto.

26 Rua do Comércio (Maciel Pinheiro) com a Praça Antenor Navarro e torre da Igreja de S.F.P. Gonçalves ao fundo em três épocas.

Fonte: <https://www.facebook.com/petronio.souto.9/photos_all>. Acesso em: 12 set. 2019.

Imagem I: Acervo digital Petrônio Souto; Imagem II: Acervo Olívio Pinto; Imagem III: Acervo Eduardo Mello;

27 Rua do Tambiá (Oton Bezerra e Walfredo Leal). O entorno da Fonte do Tambiá (I); com a Igreja da Mãe dos Homens (II) no início do século XX; e em outro momento, já com seus casarões (II).

Fonte: <https://www.facebook.com/petronio.souto.9/photos_all>. Acesso em: 12 set. 2019.

Imagens I, II, III: Acervo digital Petrônio Souto.

28 Mapa de localização dos espaços de trajeto.

Fonte: Elaborado pela autora, em base da PMJP.

29 Quadro atual dos espaços de trajeto.

Fonte: 33: <https://www.tripadvisor.com/LocationPhotoDirectLink-g303428-d2342211-i-123763962-Monastery_of_Sao_Bento-Joao_Pessoa_State_of_Paraiba.html> 34: <http://claudiomar-slides.blogspot.com/2010/10/fotos-antigas-da-cidade-de-joao-pessoa_8353.html> 35: <<http://>>

claudiomar-slides.blogspot.com/2010/10/fotos-antigas-da-cidade-de-joao-pessoa_8353.html >
 36: <<https://olhares.sapo.pt/rua-maciel-pinheiro-foto4000519.html>> 37: Google Street View
 38: <<http://alemdasruinas.blogspot.com/2016/12/rua-das-trincheiras-historia.html>>. Acesso
 em: 12 set. 2019.

30 As ladeiras do religioso. Ladeira da Misericórdia (I e III); Ladeira da Borbo-
 rema (II).

Fonte: <https://www.facebook.com/petronio.souto.9/photos_all>. Acesso em: 12 set. 2019.

Imagens I, II, III: Acervo digital Petrônio Souto

31 Mapa de localização dos espaços inclinados.

Fonte: Elaborado pela autora, em base da PMJP.

32 Quadro atual dos espaços inclinados.

Fonte: 40, 42, 43, 44, 45: Google Street View 39: <<https://mapio.net/a/14589761/>> 41: <https://cn.tripadvisor.com/LocationPhotoDirectLink-g303428-d4586364-i123677844-Centro_Historico_de_Joao_Pessoa-Joao_Pessoa_State_of_Paraiba.html>. Acesso em: 12 set. 2019.

33 Os largos das igrejas Matriz (I), do Carmo (II), e de São Francisco (III).

Fonte: <https://www.facebook.com/petronio.souto.9/photos_all>. Acesso em: 12 set. 2019.

Imagens I, II: Acervo digital Petrônio Souto; Imagem III: Acervo Stuckert

34 Novos espaços públicos da cidade. Praça Venâncio Neiva (I); Praça João Pessoa
 (II); Praça Pedro Américo (III).

Fonte: <https://www.facebook.com/petronio.souto.9/photos_all>. Acesso em: 12 set. 2019.

Imagens I, II, III: Acervo digital Petrônio Souto

35 As praças das demolições. Praça Vidal de Negreiros (I); Praça 1817 (II); Praça
 Antenor Navarro (III).

Fonte: <https://www.facebook.com/petronio.souto.9/photos_all>. Acesso em: 12 set. 2019.

Imagens I, II: Acervo digital Petrônio Souto; Imagem III: Acervo Olívio Pinto

36 Os novos espaços públicos da expansão. O Parque Sólon de Lucena (I); A Praça
 da Independência (II).

Fonte: <https://www.facebook.com/petronio.souto.9/photos_all>. Acesso em: 12 set. 2019.

Imagens I, II: Acervo digital Petrônio Souto.

37 Mapa de localização dos espaços de permanência.

Fonte: Elaborado pela autora, em base da PMJP.

38 Quadro atual dos espaços de permanência.

46, 49, 58, 62, 63: Google Street View 47: <<https://oquefazeremsuaviagem.com/brasil/o-que-fazer-em-joao-pessoa/>> 48: <<https://turismo.joaopessoa.pb.gov.br/o-que-fazer/pontos-turisticos/igrejas/igreja-de-sao-francisco/>> 50: <<http://www.newsparaiba.com.br/2019/03/praca-rio-branco-recebe-o-samba-da.html>> 51: <<http://paraibaem1000lugares.blogspot.com/2012/07/32-pavilhao-do-cha.html>> 52: <<https://turismo.joaopessoa.pb.gov.br/o-que-fazer/>>

pontos-turisticos/pracas-e-parques/praca-pedro-americo/> 53: <<https://turismo.joaopessoa.pb.gov.br/o-que-fazer/pontos-turisticos/pracas-e-parques/praca-joao-pessoa/>> 54: <<https://www.pbagora.com.br/noticia/politica/arvores-da-praca-aristides-lobo-na-capital-preocupam-comerciantes/>> 55: <<https://www.clickpb.com.br/paraiba/pmjp-adia-novamente-reabertura-da-bica-257880.html>> 56: <<https://www.marconeferreira.com/2017/08/24/camara-muda-local-do-ato-pro-lula-ponto-de-cem-reis/>> 57: <<https://globoplay.globo.com/v/3695837/>> 59: <<https://www.paraibacriativa.com.br/artista/praca-antenor-navarro/>> 60: <<https://www.maispb.com.br/222197/atividades-marcam-aniversario-de-um-ano-do-parque-da-lagoa.html>> 61: <<https://creapb.org.br/noticias/construida-em-1922-praca-da-independencia-sera-revitalizada/>> 64: <<http://oiramsemog.blogspot.com/2012/06/relogio-solar-joao-pessoa-e-seus-400.html>>. Acesso em: 12 set. 2019.

39 Os primeiros espaços do circular. O antigo Porto (I); A Estação Conde D'Eu e o Terminal Ferroviário (II e III); Praça Venâncio Neiva, o Ponto de Cem Réis (IV). Fonte: <https://www.facebook.com/petronio.souto.9/photos_all>. Acesso em: 12 set. 2019. Imagens I, II, III: Acervo digital Petrônio Souto; Imagem IV: Acervo Stuckert.

40 Os terminais rodoviários. A Praça Álvaro Machado (I); A antiga estação na Praça Pedro Américo (II); O terminal Severino Camelo (III). Fonte: <https://www.facebook.com/petronio.souto.9/photos_all>. Acesso em: 12 set. 2019. Imagens I: Acervo Gilberto Stuckert; Imagem II, III: Acervo digital Petrônio Souto.

41 Os viadutos da década de 1970. O Viaduto Miguel Couto corta a extensão da Cidade Alta (I e II); O novo Ponto de Cem Réis sobre o Viaduto Damásio Franca (III). Fonte: <https://www.facebook.com/petronio.souto.9/photos_all>. Acesso em: 12 set. 2019. Imagens I, II: Acervo digital Petrônio Souto; Imagem III: Acervo Mano Carvalho.

42 A urbanização do Parque Sólon de Lucena e ligação com a nova expansão. Vista aérea da Rua Miguel Couto, Lagoa e Avenida Getúlio Vargas (I); Novos edifícios da parkway da Lagoa, Getúlio Vargas (II). Fonte: <https://www.facebook.com/petronio.souto.9/photos_all>. Acesso em: 12 set. 2019. Imagem I: Acervo Walfredo Rodriguez; Imagem II: Acervo Stuckert;

43 Mapa de localização dos espaços de circulação. Fonte: Elaborado pela autora, em base da PMJP.

44 Quadro atual dos espaços de circulação.

Fonte: Fonte: 67, 68, 69, 70: Google Street View 65: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2015/08/regiao-onde-joao-pessoa-nasceu-enfrenta-dificuldades-apos-430-anos.html>> 66: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2014/06/prf-divulga-resultado-da-prova-objetiva-veja-lista-de-aprovados-na-pb.html>> 69: <<http://acontecesantago.blogspot.com/2013/01/joao-pessoa-se-enfeita-para-o-carnaval.html>> 70: <<http://www.de.ufpb.br/~ronei/JoaoPessoa/lagoa.htm>> 73: <<https://onibusca.com/2019/02/08/terminal-rodoviario-severino-camelo-em-joao-pessoa-ou-rodoviaria-de-joao-pessoa-informacoes-importantes/>> 74: <<https://www.mobilize.com.br/paraiba/terminal-rodoviario-severino-camelo-em-joao-pessoa-ou-rodoviaria-de-joao-pessoa-informacoes-importantes/>>

org.br/noticias/7774/terminal-de-integracao-do-varadouro-em-joao-pessoa-pode-ser-extinto-nos-proximos-anos.html> Acesso em: 12 set. 2019.

45 A transformação dos horizontes da cidade. Edifício da Secretaria de Finanças (I); Prédio do IPASE (II); Os 10 edifícios mais altos do centro (III).

Fonte: <https://www.facebook.com/petronio.souto.9/photos_all>. Acesso em: 12 set. 2019.

Imagem I: Acervo Gilberto Stuckert; Imagem II: Acervo digital Petrônio Souto; Imagem III: Chaves [2008].

46 Mapa de localização dos espaços verticais.

Fonte: Elaborado pela autora, em base da PMJP.

47 Quadro atual dos espaços verticais.

Fonte: 75, 76, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89: Google Street View 77: <<https://www.clickpb.com.br/paraiba/cerca-de-180-pessoas-vivem-em-ocupacoes-na-cidade-de-joao-pessoa-239404.html>> 79: <<https://www.clickpb.com.br/economia/governo-federal-coloca-imoveis-venda-em-joao-pessoa-e-queimadas-199932.html>>. Acesso em: 12 set. 2019.

48 Três estágios da educação da cidade. Colégio dos Jesuítas, com a torre da Igreja da Conceição (I); Colégio das Neves (II); Instituto de Educação (III).

Fonte: <https://www.facebook.com/petronio.souto.9/photos_all>. Acesso em: 12 set. 2019.

Imagens I, II: Acervo digital Petrônio Souto; Imagem III: Acervo Olívio Pinto.

49 Os lugares sociais na Cidade Alta. Primeira sede do Clube Cabo Branco (I); Cinema Rex (II); Duas épocas do Paraíba Palace Hotel (III e IV).

Fonte: <https://www.facebook.com/petronio.souto.9/photos_all>. Acesso em: 12 set. 2019.

Imagens I, II, III, IV: Acervo digital Petrônio Souto.

50 Novos tempos da vida urbana; Teatro Santa Rosa (I); Hotel Globo (II); Hotel Luso-Brasileiro (III).

Fonte: <https://www.facebook.com/petronio.souto.9/photos_all>. Acesso em: 12 set. 2019.

Imagem I: Acervo IBGE; Imagens II, III: Acervo digital Petrônio Souto.

51 Mapa de localização dos espaços de urbanidade.

Fonte: Elaborado pela autora, em base da PMJP.

52 Quadro atual dos espaços de urbanidade.

Fonte: 90: <<http://viveremjoaopessoa.blogspot.com/2010/11/lugares-joao-pessoa-belezas-escondidas.html>> 91: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=442251>> 92: <<https://www.paraibacriativa.com.br/artista/colegio-nossa-senhora-das-neves/>> 93: <<https://www.facebook.com/pioxiipb/>> 94: <<http://aparahybadetodosostempos.blogspot.com/2011/11/antigo-hotel-central-de-1912.html>> 95: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/musica/noticia/2019/03/29/cantora-debora-vieira-faz-show-no-por-do-sol-no-hotel-globo-em-joao-pessoa.ghtml>> 96: <<https://www.pbtur.com.br/cidade/jo%C3%A3o-pessoa>> 97: <<https://mapio.net/pic/p-39022474/>> 98: <<https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g>>

303428-d2342198-i261473272-Theatro_Santa_Roza-Joao_Pessoa_State_of_Paraiba.html> 99, 100: Google Street View 101: <<https://pt.foursquare.com/v/clube-astr%C3%A9a/4c3e336cb8b4be9ab6ce-cbef>> 102: <<http://www.conexaoboasnoticias.com.br/novo-centro-administrativo-da-assembleia-legislativa-da-paraiba-no-paraiba-palace/>> 103: <<https://www.portalt5.com.br/noticias/paraiba/2018/11/161817-trabalhador-cai-de-altura-de-seis-metros-em-escola-de-joao-pessoa>>. Acesso em: 12 set. 2019.

53 Antigas funções na história dos espaços; Biblioteca Estadual enquanto Escola Normal (I); Cearte enquanto Grupo Escolar (II); Casarão de Azulejos abrigando repartições públicas nos anos 50.

Fonte: <https://www.facebook.com/petronio.souto.9/photos_all>. Acesso em: 12 set. 2019.

Imagens I, II, III: Acervo digital Petrônio Souto.

54 Os tempos de degradação; Casa da Pólvora em ruínas (I); Antigo Açougue enquanto Correios (II); Ocupação indevida da Praça Antenor Navarro (III); Estágio de Abandono da Fábrica Tito Silva (IV).

Fonte: <https://www.facebook.com/petronio.souto.9/photos_all>. Acesso em: 12 set. 2019.

Imagens I, II: Acervo IPHAN; Imagem III: Acervo digital Petrônio Souto; Imagem III: Moura Neto [1985].

55 Mapa de localização dos espaços de cultura.

Fonte: Elaborado pela autora, em base da PMJP.

56 Quadro atual dos espaços de cultura.

Fonte: 104: <<https://biblioo.cartacapital.com.br/biblioteca-estadual-da-paraiba/>> 105: <https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g303428-d7046799-i123746038-Academia_Paraibana_de_Letras-Joao_Pessoa_State_of_Paraiba.html> 106: <<http://mgturismo.com.br/2019/03/11/cidade-de-joao-pessoa-tem-rico-acervo-de-atividades-para-turismo-cultural/>> 107, 109: Google Street View 108: <<https://mapio.net/pic/p-47684474/>> 110: <https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303428-d2342351-Reviews-Casa_da_Polvora-Joao_Pessoa_State_of_Paraiba.html> 111: <<http://www.ipatrimonio.org/joao-pessoa-casa-na-praca-do-erario/#!/map=38329&loc=-7.117730000000009,-34.883361,17>> 112: <<https://www.bastidoresdapoliticapb.com.br/vinculado-a-secretaria-de-educacao-cearte-abre-inscricoes-para-2-887-vagas-nas-areas-de-danca-artes-visuais-musica-teatro-audiovisual-e-literatura/>> 113: <<https://www.paraibacriativa.com.br/artista/praca-antenor-navarro/>>. Acesso em: 12 set. 2019.

56: Página 4.2: Igreja de São Francisco

Fonte: Imagens I, II e III: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Centro_Cultural_S%C3%A3o_Francisco>. Acesso em: 12 set. 2019.

57 Mapa de localização do roteiro 4.

Fonte: Elaborado pela autora, em base da PMJP.

58: Página 4.6 : Parque Sólon de Lucena

Fonte: Imagens I e II: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Parque_S%C3%B3lon_de_Lucena>; Imagens III e IV: <<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/parquedalagoa/>>. Acesso em: 12 set. 2019.

59 Mapa de localização do roteiro 2.

Fonte: Elaborado pela autora, em base da PMJP.

60: Página 4.10 : Ponto de Cem Réis

Fonte: <<http://acontecesanttyago.blogspot.com/2013/01/joao-pessoa-se-enfeitapara-o-carnaval.html>>; <<https://www.marconeferreira.com/2017/08/24/camara-municipal-do-ato-pro-lula-ponto-de-cem-reis/>>; <<https://portalcorreio.com.br/recantos-de-joao-pessoa-ponto-de-cem-reis/>>; <<https://portalcorreio.com.br/caixa-negocias-dividas-em-acao-no-ponto-de-cem-reis/>>. Acesso em: 12 set. 2019.

61 Mapa de localização do roteiro 3.

Fonte: Elaborado pela autora, em base da PMJP.

62: Página 4.14 : Fábrica Tito Silva

Fonte: Google Street View; <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/festa-das-neves/2013/noticia/2013/08/oficina-escola-completa-22-anos-recuperando-predios-historicos-na-pb.html>>; <https://www.facebook.com/petronio.souto.9/photos_all>, Acervo IPHAN. Acesso em: 12 set. 2019.

63 Mapa de localização do roteiro 4.

Fonte: Elaborado pela autora, em base da PMJP.

Tipologia
Celestina
Akkurat Mono

Papel
Offset 90 gr/m² (branco)
Offset 75 gr/m² (rosa e azul)
Triplex sobre Cartão Horlle 2mm (capa)

João Pessoa
Setembro de 2019

